



**A expressão da mudança de estado na
interlíngua de aprendizes brasileiros de
espanhol**

paulo antonio pinheiro correa

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

A EXPRESSÃO DA MUDANÇA DE ESTADO NA INTERLÍNGUA DE BRASILEIROS APRENDIZES DE ESPAÑHOL

PAULO ANTONIO PINHEIRO CORREA

(DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA)

**TESE DE DOUTORADO APRESENTADA
AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LINGÜÍSTICA E FILOGIA DA
FACULDADE DE LETRAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE
JANEIRO, COMO PARTE DOS
REQUISITOS NECESSÁRIOS À OBTENÇÃO
DO TÍTULO DE DOUTOR EM
LINGÜÍSTICA.**

ORIENTADOR:

**PROF. MARCUS ANTONIO REZENDE
MAIA, PH.D.**

CO-ORIENTADORA:

**PROFA. DRA. NEIDE GONZÁLEZ
(FFLCH/USP).**

**RIO DE JANEIRO
1º. SEMESTRE DE 2007**

Correa, Paulo Antonio Pinheiro

A expressão da mudança de estado na interlíngua de brasileiros aprendizes de espanhol / Paulo Antonio pinheiro Correa. – Rio de Janeiro, 2007.

251f.; 30cm.

Orientador: Marcus Antônio Rezende Maia.

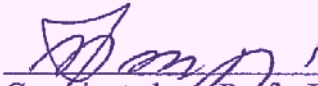
Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras. Departamento de Lingüística e Filologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

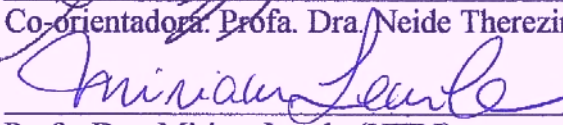
1. Língua espanhola – Semântica
2. Língua espanhola – Lingüística

Defesa da Tese
A expressão da mudança de estado na interlíngua
de aprendizes brasileiros de espanhol

Banca examinadora:


Orientador: Prof. Marcus Antonio Rezende Maia, Ph.D. (UFRJ)


Co-orientadora: Prof. Dra. Neide Therezinha Maia González (USP)


Prof. Dra. Miriam Lemle (UFRJ)


Prof. Dra. Márcia Maria Damaso Vieira (UFRJ)



Agradecimentos

A Marcus, pelos anos de estrada, desde que no Museu Nacional, a Lingüística me conquistou de uma vez para sempre. A Neide, pelo incentivo e pelo exemplo. Ao CNPq, pela Bolsa de Doutorado e ao Departamento de Letras da UFS pela licença para término do curso.

Aos que foram meus alunos de graduação na UNICS/PR, na UFF/RJ e na UFS/SE, que me permitiram conhecer de perto a interlíngua; aos que foram meus alunos de pós-graduação na UNIGRANRIO, com quem pude conversar algumas destas questões; aos participantes dos testes realizados.

E a Maria Mercedes Riveiro Quintans Sebold, Alessandro Boechat de Medeiros, Miriam Lemle, Marcia Maria Dámaso Vieira, Juana Muñoz Liceras, María Alicia Gancedo Álvarez, Dorotea Lieberman, Nélide Sosa, Adriana Toledo de Almeida, Violeta Demonte, Amaya Mendikoetxea, Cristóbal Lozano, Eva Ucy Miranda Sá Soto, Eva Fernández, Adrián Pablo Fanjul, Márcia Paraquett Fernandes, Heidi Harley, Eline Marques Rezende, Maria do Carmo Lourenço-Gomes e Maria Eugênia Lamoglia Duarte, que cederam um pouco do seu tempo à minha causa.

A Maria Pinheiro e ao José Antônio Zanelli.

Sinopse

Este trabalho analisa as construções de mudança de estado físico e psicológico na interlíngua de brasileiros aprendizes de espanhol e conclui que os aprendizes, mesmo ao término de sua aprendizagem formal, mantêm os mesmos padrões morfossintáticos de formação das construções originais da língua materna, demonstrando que o português brasileiro e o espanhol têm comportamento divergente quanto à expressão sintática de construções de sujeitos humanos afetados.

Resumo

Esta Tese investiga os fatores que influenciam na concepção das construções de mudança de estado na gramática mental dos aprendizes brasileiros de espanhol. Demonstra-se que os aprendizes apresentam uma tendência à representação das eventualidades em discussão como estados alcançados, enquanto que no espanhol essas mesmas eventualidades são representadas lingüisticamente como eventos. Demonstra-se a hipótese de que o PB tem a tendência de representar construções envolvendo sujeitos humanos não-ativos como estados, frente à tendência do espanhol de representar as mesmas construções como eventos, como um micro-parâmetro de base semântico-aspectual que separa as duas línguas. As evidências são fornecidas por amplos conjuntos de dados das duas línguas, que incluem as passivas e as construções predicativas. Ao final, demonstra-se que é essa concepção semântica do PB que dirige a concepção das construções de mudança de estado da interlíngua.

ESPAÑHOL, INTERLÍNGUA, VOZ MÉDIA, AKTIONSBART, ESTADOS, EVENTOS.

Resumen

Esta Tesis se dedica a investigar los factores que influyen en la concepción de las construcciones de cambio de estado en la gramática mental de los aprendices brasileños de español. Se demuestra que presentan una tendencia a la representación de las eventualidades en cuestión como estados alcanzados, en tanto que en español esas mismas eventualidades se representan lingüísticamente como eventos. Se demuestra la hipótesis de que el PB tiene la tendencia de representar construcciones de sujetos humanos no-activos como estados, frente a la tendencia del español de representar dichas construcciones como eventos, como un micro-parámetro de base semántico-aspectual que separa las dos lenguas. Las evidencias se presentan por medio de amplio conjunto de datos e ambas lenguas, que incluyen las pasivas y las construcciones atributivas. Al final se demuestra que esa concepción semántica del PB es la que dirige la concepción de las construcciones de cambio de estado de la interlengua.

ESPAÑOL, INTERLENGUA, VOZ MEDIA, AKTIONSART, ESTADOS, EVENTOS.

Abstract

This Doctoral Dissertation investigates factors influencing the conception of change-of-state constructions at the mental grammar of Brazilians learning Spanish. It is shown that learners tend to represent such eventualities as reached states, while in Spanish the same eventualities are conceived and linguistically represented as events. Further, Brazilian Portuguese tend to represent constructions involving human non-active subjects as states, by means of predicative constructions, whereas Spanish shows to represent such constructions as events, appealing to verbal constructions. This constitutes a semantic-aspectual based micro-parameter separating these languages. Evidences are provided through a wide array of data from both languages and interlanguage, including data from passives and further predicative constructions. The conclusion is that this semantic conception from the mother tongue (Brazilian Portuguese) drives interlanguage processes.

SPANISH, INTERLANGUAGE, MIDDLE VOICE, AKTIONSART, STATES, EVENTS.

Tomemos o caso do Tao Te Ching de Lao-tsé, por exemplo. Há aí um conceito de não-fazer que é totalmente mal interpretado, porque é tomado como passividade, quando, na verdade, trata-se do médio. E nós encontramos em Lao-tsé formas paradoxais jogando com o fazer e não fazer. Mas essas formas não são paradoxais em si; são-no apenas para a nossa linguagem, que não conhece a voz média...

Lao-tsé diz, por exemplo: "não sejas um agente separado do todo e muito menos um paciente separado do todo". Isto é, entre agir e não agir é muito melhor agir, mas, em qualquer caso, nunca se separe do todo. Seu pensamento não tem nada que ver com passivismo; ele, simplesmente, aponta para a não-separação do todo: não praticar ações que não tenham origem no Tao, que não tenham origem na Origem.

Também nossas distinções entre sujeito e predicado decorrem daquela separação do mundo, introduzida pela sentença. A voz média configura a *Sachverhalt* sem precedências, articulações ou separações, como se disséssemos: 'Pastor ovelhas pastorear'.

Mario Bruno SPOVIERO, filósofo,

em entrevista a J.R. Lauand, 08/9/1997

Abreviaturas e siglas

ME	Mudança de Estado
CME	Construção(ões) de mudança de estado
PB	Português brasileiro
IL	Interlíngua
NP	Sintagma nominal
DP	Sintagma determinante
VP	Sintagma verbal
vP	Sintagma vezinho
IP	Sintagma flexional
CP	Sintagma complementizador
PP	Sintagma preposicional
PM	Programa Minimalista
P&P	Princípios e Parâmetros
V&YS	Vainikka & Young-Scholten (1994)
S&S	Schwartz & Sprouse (1994)
TTAT	Transferência Total/Acesso Total
VozP	Sintagma voz (Kratzer 1994)
MD	Morfologia Distribuída
E&N	Embick & Noyer (2004)
PA	Passiva(s) Adjetival/(is)
a	Categorizador adjetival (azinho)
v	Categorizador verbal (vezinho)
n	Categorizador nominal (enezinho)
Asp	Sub-sintagma Aspecto
T	Núcleo do sintagma Tempo
vBECOME	Categorizador verbal de semântica incoativa
vDO	Categorizador verbal de semântica causativa
vBE	Categorizador verbal de semântica relacional
SC	Oração pequena (<i>small clause</i>)
Agr	Sub-sintagma de concordância
B&E	Bybee & Eddington (2006)
D&M	Demonte & Masullo (1999)

Índice de tabelas

Tabela	Página
1. Resultados do corpus do PB. Ocorrências de construções predicativas vs. verbais	48
2. Verbos psicológicos com ocorrências mais significativas	50
3. Propriedades dos verbos copulativos do espanhol	56
4. Propriedades comparadas das CME com <i>ponerse</i> e <i>quedarse</i>	57
5. Propriedades semânticas das construções com <i>ponerse</i> e <i>quedar(se)</i>	59
6. Propriedades semânticas dos verbos copulativos do espanhol	60
7. Ocorrências de predicativas e verbais em espanhol	65
8. Adjetivos que apareceram com a passiva com <i>quedar</i> e sua procedência	68
9. Casos de CME físico no espanhol	72
10. Casos de CME físico no PB	73
11. Valores das cópulas e pseudo-cópulas em PB e em espanhol	104
12. Comparação entre as CME2 do PB e do espanhol	130
13. Ocorrências de CME2 do espanhol no <i>Google</i>	136
14. Construções estativas e incoativas no passado em espanhol	140
15. Comparação entre as construções médias analisadas	148
16. Comparação entre predicativos psicológicos	166
17. Confronto translingüístico entre construções e aspectos veiculados (I)	184
18. Confronto translingüístico entre construções e aspectos veiculados (II)	185
19. Confronto translingüístico entre construções e aspectos veiculados (III)	191
20. Adjetivos usados com mais de um verbo encontrados por Bybee e Eddington	196

Índice de figuras

Figura	página
1. Comparação entre a ocorrência de construções predicativas e verbais na Amostra Censo	49
2. Verbos que apareceram na Amostra Censo e seu cognato mais aproximado em espanhol	64
3. Ocorrência de verbais e de predicativas no corpus do espanhol	67
4. Ocorrências orais de <i>me quedé</i> e <i>se quedó</i> no corpus CREA/RAE, divididas por países	68
5. Exemplo de folha de respostas a ser completada pelos participantes.	76
6. Resultados do questionário psicolinguístico por configuração.	77
7. Comparação entre construções copulativas e verbais na interlíngua	78
8. Fragmento da folha de respostas	81
9. Frequência de CME predicativas e verbais em PB e em espanhol	86
10. Distribuição das passivas em PB e em ESP por tipo, segundo Duarte (1990) e Barrenechea & Manacorda (1979)	120
11. Classificação das orações médias em sentido amplo	145
12. O modelo da morfologia distribuída (adaptado de França & Lemle 2006)	159
13. Situação 1: CME passiva adjetival estativa	171
14. Situação 2: CME passiva adjetival resultativa	174
15. Situação 3: CME transitiva	176
16. Situação 4: CME média	179
17. Construção passiva adjetival estativa de aspecto puramente permansivo	204
18 Construção passiva adjetival resultativa com a pseudo-cópula sem valor incoativo	205
19. Diferença sintática entre o PB e o espanhol	209

Sumário

1

- 1.1. Palavras iniciais 1
- 1.2. Hipóteses 2
- 1.3. Objetivos 4
- 1.4. Metodologia 5
- 1.5. Procedência dos dados 6
- 1.6. Organização da tese 7

9

- 2.1. Introdução 9
- 2.2. A mudança de estado 10
- 2.3. O estudo formal da aquisição de segundas línguas 12
 - 2.3.1. A Gramática Universal 13
- 2.4. A aquisição de L2 15
- 2.5. Interlíngua 17
- 2.6. As fases que compõem a interlíngua 19
 - 2.6.1. O estado inicial 19
 - 2.6.2. Hipóteses de desenvolvimento 25
 - 2.6.3. Estágio estável 27
- 2.7. Outras possibilidades formais de análise 31
- 2.8. Conclusões 35

37

- 3.1. Introdução 37
- 3.2. A mudança de estado no PB 37
 - 3.2.1. As construções predicativas 38
 - 3.2.2. As construções verbais 45
 - 3.2.3. Análise quantitativa 48
 - 3.2.3.1. Comentários 52
- 3.3. A mudança de estado no espanhol 54

3.3.1. Uma miríade de verbos	54
3.3.1.1. O caso de <i>quedar(se)</i>	62
3.3.2. Dados de controle	64
3.3.2.1. Comentários	75
3.4. Os dados da interlíngua	76
3.4.1. Teste de produção	76
3.4.1.1. Conclusões	80
3.4.2. Teste de Representação Lingüística	81
3.4.3. Conclusões	86

89

4.1. Introdução	89
4.2. Dois fenômenos de interlíngua	89
4.3. O <i>problema 1</i>	91
4.4. O <i>problema 2</i>	111
4.4.1. Em busca da motivação para a preferência pelas construções predicativas na IL	114
4.4.1.1. Passivas	117
4.4.1.2. Outras evidências	122
4.4.1.3. CME2	130
4.4.2. A razão para a divergência das formas: a voz não-ativa	141
4.5. Conclusões	148

150

5.1. introdução	150
5.2. Adequação explicativa	151
5.2.1. A interface sintaxe-semântica nas CME	151
5.2.2. A Morfologia Distribuída	153
5.3. A estrutura das construções de mudança de estado	160
5.3.1. A construção predicativa	161
5.3.2. Diferenciando passivas adjetivais de médias	170
5.3.3. A construção média	176
5.3.4. Interlíngua	181
5.3.4.1. O <i>problema 2</i>	181

5.3.4.2. O problema 1 195

5.4. Conclusões 206

208

Referências 217

Apêndices 226

Apêndice 1. Teste de Produção 226

Apêndice 2. Teste de representação lingüística 230

Apêndice 3. Construções impessoais de participio 246

(Se eu não viajar agora, meu filho vai ficar zangado)

(1) e (2) são ambos exemplos de construções de mudança de estado psicológico. A mudança de estado (doravante ME) pode ser representada na interlíngua por meio de uma construção verbal inacusativa, como (1), que tem um verbo como núcleo do predicado, ou por meio de uma construção predicativa, como (2), construída com uma pseudo-cópula² e um adjetivo na função sintática de núcleo do predicado.

Este trabalho se dedica a analisar a distribuição destas formas alternantes, bem como a investigar razões para a sua distribuição e frequência na produção dos brasileiros aprendizes de espanhol.

Limitaremos, nesta Tese, o estudo, ao fenômeno de mudança de estado físico e psicológico que afeta entes humanos, ficando de fora, portanto, o estudo da mudança de estado que envolve entidades inanimadas ou entes não-humanos. Da mesma maneira, nosso estudo diz respeito às construções inacusativas de mudança de estado e se restringe àquelas construções nas quais se observa variação na sua expressão por meio de dois procedimentos sintáticos diferentes: construções verbais e construções predicativas.

Nossa observação da produção dos aprendizes brasileiros de espanhol em sala de aula no que se refere às construções de mudança de estado (doravante CME) nos levou a perseguir as reais características e os procedimentos que os

² Chamaremos aqui pseudo-cópulas, com Demonte e Masullo (1999), àqueles elementos que aparecem na formação de construções copulativas e que não podem ser considerados cópulas verdadeiras, como “ser” e “estar”; parecem configurar um conjunto fechado na gramática da língua, o que os aproxima da noção de palavras gramaticais, frente à noção de palavras lexicais.

aprendizes efetuam na 'montagem' de sua interlíngua. Este termo está explicado com detalhe na seção 2. Poderíamos associá-lo, grosso modo, ao conjunto de regras e procedimentos que fazem parte da gramática que o aprendiz adulto de uma língua estrangeira usa para processar os dados da nova língua.

Pudemos identificar dois fenômenos cuja descrição será perseguida nesta Tese. O primeiro fenômeno observado é que brasileiros falantes de interlíngua estável tendem a produzir um maior número de construções participiais que no espanhol; e o segundo é que, ao expressarem a ME por meio de construções predicativas, brasileiros com esse mesmo nível de domínio de interlíngua empregam sempre uma mesma pseudo-cópula, *quedar(se)*, quando no espanhol, nestas construções, observa-se o emprego de diferentes pseudo-cópulas que atendem a características semânticas diferenciadas da mudança em questão.

Assim, podemos dizer que os aprendizes de espanhol como língua estrangeira (ELE) apresentam problemas com este tipo de construção. Parece haver uma discrepância entre a produção de falantes nativos de espanhol e brasileiros falantes de espanhol LE. Em linhas gerais, pode-se dizer que onde se espera a produção de uma construção verbal, o aprendiz/falante brasileiro de espanhol produz uma construção predicativa ([ficar+predicativo]) e, onde a construção predicativa é admissível, o aprendiz reduz a gama de pseudo-cópulas disponíveis para emprego.

Estas observações nos levaram à postulação das seguintes hipóteses de trabalho:

1.3.1. O falante nativo de PB aprendiz de espanhol não chega a adquirir as características sintáticas e aspectuais da língua-alvo no que diz respeito às construções em estudo.

1.3.2. A diferença entre expressar a ME por meio de uma construção média (inicialmente identificada por nós como “verbal”) ou por meio de uma construção predicativa implica uma diferença de significado.

1.3.3. O espanhol tende à expressão da ME por meio de construções verbais, enquanto o PB tende à expressão desses mesmos conteúdos por meio de construções com adjetivos, quando se trata de sentenças de sujeitos humanos.

1.3.4. As regras e procedimentos da interlíngua em relação às CME demonstram, mais do que um processo de aquisição/aprendizagem, uma acomodação dos dados da língua nova às regras da língua materna, o português brasileiro (doravante PB), o que indica que, com relação a este aspecto da gramática, não houve ‘reestruturação’ significativa do sistema, como querem Schwartz & Sprouse (1994)³.

1.3.1. Proporcionar uma descrição adequada da questão em português, espanhol e na interlíngua, o que é inevitável, já que a análise da interlíngua depende das anteriores.

³ Sua hipótese sobre o processo de aquisição de segundas línguas dentro de uma abordagem gerativa será discutida no capítulo 2.

1.3.2. Formalizar o entendimento do processo cognitivo desenvolvido pelos aprendizes, o que pode redundar em aperfeiçoamento da abordagem de ensino-aprendizagem dessas construções.

1.3.3. Discutir as questões aspectuais envolvidas no emprego de uma ou outra das construções expostas, aparentemente concorrentes.

Esta Tese se utiliza dos pressupostos teóricos do estudo da aquisição de línguas estrangeiras na perspectiva formal (White 2003, Liceras 2003), com o suporte do Programa Minimalista (Chomsky 1995, 2000) e da Morfologia Distribuída (Halle & Marantz 1993, Marantz 1997, Harley 2006, entre outros).

O fenômeno em questão é complexo, porque além das propriedades distribucionais que as construções exibem, a questão quantitativa não pode ser ignorada, uma vez que os resultados mostram uma associação do comportamento da interlíngua com o da língua materna e deixar de reconhecer essa evidência diminuiria o poder descritivo deste estudo.

Assim, para cada língua, efetuamos uma análise das propriedades aspectuais e distribucionais para cada uma das formas de expressão sintática da ME encontradas e, em seguida, efetuamos uma análise de frequência dessas formas na língua, tendo em vista um universo de sentenças de sujeitos

humanos⁴, para descobrir quais construções são mais freqüentes em cada língua. Com isso, obtivemos dois resultados: um, qualitativo e outro, quantitativo, das CME das línguas em análise.

Nos capítulos destinados à análise, procuramos explicar a razão da distribuição e freqüência das CME de interlíngua com base nos resultados obtidos na descrição dessas construções na língua materna (L1, PB) e na língua-alvo (L2, espanhol), com o instrumental teórico da Morfologia Distribuída.

Os dados da interlíngua foram obtidos por meio da aplicação de dois testes a diferentes grupos de falantes de interlíngua estável. Os dados do PB, tanto para a análise da distribuição das construções quanto para a análise quantitativa, foram obtidos por meio do corpus Amostra Censo, organizado pelo *Programa de Estudos do Uso da Língua* (PEUL), da UFRJ. Para a análise de distribuição das construções do PB usamos, ainda, subsidiariamente, dados obtidos no sistema de buscas *online Google*.

Os dados quantitativos do espanhol são provenientes do *Corpus de Referencia del Español Contemporáneo* (CREA), de responsabilidade da *Real Academia Española* (RAE), e disponível para consultas na Internet. Os dados de distribuição das construções foram obtidos no CREA e no *Macrocorpus de la Norma Lingüística Culta de las Principales Ciudades de España y Latinoamérica* (Samper Padilla, 1995), em CD-Rom, além de consultas ao sistema de buscas *Google*.

⁴ Assim, sentenças com sujeitos não-humanos e inanimados não fazem parte do universo desta pesquisa.

A Tese está estruturada da seguinte maneira: O capítulo 1 contém a introdução ao tema, com uma descrição do problema, as hipóteses, os objetivos, a metodologia de tratamento dos dados e a sua forma de obtenção. O capítulo 2 apresenta os pressupostos teóricos que norteiam a abordagem aos dados. Esta Tese se insere no âmbito da abordagem gerativa de aquisição de segundas línguas. Nesse capítulo, definimos o que é interlíngua e apresentamos as principais hipóteses sobre o processo de aquisição/aprendizagem de L2 no âmbito da análise formal.

No capítulo 3 apresentamos uma descrição das construções usadas no PB para representar a ME, bem como suas propriedades aspectuais e distribucionais e a frequência com que aparece cada construção. Da mesma maneira, apresentamos as CME do espanhol e suas propriedades formais, distribucionais e de frequência. Em seguida, apresentamos os dados da interlíngua, divididos em dados de língua-I – da forma como a ME está representada na gramática mental do aprendiz – e de produção. No capítulo 4 efetuamos a primeira parte da análise, na qual dividimos os problemas de interlíngua dos aprendizes em dois: aquele referente à utilização de uma mesma pseudo-cópula em todas as construções predicativas (*problema 1*) e outro, referente à preferência dos aprendizes pelas construções predicativas em detrimento das construções verbais, que denominamos *problema 2*. Também associamos a CME a outra construção de características semelhantes, a passiva, e mostramos que suas propriedades quantitativas acompanham os resultados para as CME nas diferentes línguas. Em seguida, fazemos a proposta de associar as CME e as passivas à expressão da voz não-ativa (ou média) e mostramos que

o PB e o espanhol se comportam diferentemente com relação à expressão desses conteúdos de voz não-ativa.

No capítulo 5, efetuamos uma análise formal dos procedimentos de formulação das CME em PB e em espanhol e mostramos que a interlíngua reproduz os procedimentos cognitivos do PB no que se refere à forma e distribuição das CME. Na conclusão, mostramos que as hipóteses iniciais se confirmam e que, com relação à expressão das CME, com a maioria dos aprendizes não ocorrem reorganizações do sistema da interlíngua e, no que se refere aos procedimentos empregados para processar as CME do *input* da L2, as regras e procedimentos da interlíngua se revelam como um mero calco das regras e procedimentos da L1. As conseqüências deste estudo para a questão da aprendizagem/aquisição de segundas línguas é que os dados revelam que os aprendizes, em sua maioria, demonstram não ter adquirido as propriedades da L2 envolvidas na expressão da mudança de estado, o que constitui uma evidência contra as teorias que defendem o acesso pleno à Gramática Universal na aquisição de L2. Nossos resultados sustentam, ainda, a proposta de que a gramática da língua materna é a gramática inicial da interlíngua e que esta pode sofrer alguma reestruturação localizada, mas não se reorganiza parametricamente.

Neste capítulo da Tese, apresentaremos o referencial teórico empregado para abordagem do fenômeno: a abordagem gerativa de aquisição de segundas línguas, bem como os principais conceitos que vamos utilizar ao longo do seu desenvolvimento. Mostraremos em que consistem as abordagens da aquisição de segundas línguas e algumas propostas que procuram oferecer caminhos de análise com soluções teóricas diferentes sobre fenômenos da aquisição de L2 que o Programa Minimalista não contempla. Ofereceremos um panorama das abordagens em questão, mas, devido à especificidade do nosso problema, que não envolve refixação de parâmetros, mostraremos ainda outro caminho de análise, a Morfologia Distribuída (Halle & Marantz, Marantz 1997 ss), que procura investigar o nível pré-lexical, onde os itens são montados, que para nossa análise será mais útil que a hipótese lexicalista subjacente ao Programa Minimalista, que está na base de praticamente todas as pesquisas que se produzem nesse âmbito.

Iniciaremos apresentando a construção de mudança de *estado*, e diferenciando-a de outras construções de mudança na língua, como a de *propriedade* e a de *posição*. Apresentamos, em seguida, uma introdução aos estudos formais de aquisição de segundas línguas, os conceitos de Gramática Universal e Interlíngua e as hipóteses encontradas na literatura gerativista, que

procuram explicar o surgimento, desenvolvimento e período de estabilidade da interlíngua. Em seguida, apresentamos uma proposta de análise que procura desconstruir muitos dos postulados das teorizações anteriormente apresentadas e que busca caminhos de análise que extrapolam o âmbito do Programa Minimalista, como a Morfologia Distribuída. Na conclusão desta seção, mostramos que nosso problema tem características que nos conduzem a seguir esta teorização como princípio de análise.

Esta construção se classifica dentro de um conjunto mais amplo de construções de mudança, que podem ser de *estado*, de *propriedade*, ou de *localização*. Análises formalistas das construções existentes nas línguas, como a de Levin & Rappaport Hovav (1995), para o inglês, e a de Mendikoetxea (1999), para o espanhol, não diferenciam entre mudança de estado e de propriedade, mas sim entre a mudança de estado e a de localização. Kratzer (1996) divide os predicados em dois tipos: *stage level (nível contextual)* e *individual level (nível individual)* e essa diferença corresponde ao que Porroche (1998) atribui para o espanhol como a diferença entre predicados de mudança de *estado* e predicados de mudança de *propriedade*. Os estados se diferenciam das propriedades pelo fato de que os primeiros se caracterizam por serem transitórios, enquanto as propriedades constituem uma qualidade que altera a essência do ente ou entidade referido e propiciam que este se diferencie de outros de sua mesma espécie devido a essa característica.

Para os proponentes da semântica léxica, como Miguel (1999), a mudança de estado é um fenômeno complexo composto de pelo menos duas

diferentes fases ou subeventos: o subevento incoativo e o subevento resultativo. Para esses autores, a existência desses subeventos pode ser detectada por meio de testes sintáticos. O subevento incoativo é diagnosticado pela possibilidade de o verbo se associar a circunstâncias que fazem alusão ao momento anterior à mudança crucial. O subevento resultativo, segundo os proponentes dessa visão semântico-léxica, pode ser detectado por meio da possibilidade do verbo ou a construção combinar-se com circunstâncias que fazem referência ao resultado da mudança.

Uma importante consideração a ser efetuada aqui é que o evento de mudança de estado não é representado na língua apenas por meio de verbos. Mendikoetxea (1999), além de tratar dos verbos inacusativos, de mudança de estado, também observa a necessidade de tratar, em seu estudo, das “construções inacusativas” “que parecem derivar das construções transitivas correspondentes”. Entre estas construções encontram-se as inacusativas com *se* e as construções de passiva perifrástica.

Em nosso estudo, se nos tivéssemos apenas aos chamados ‘verbos’ de mudança de estado, perderíamos as generalizações que pretendemos fazer, já que boa parte das construções de ME nas línguas em questão não se realizam por meio de verbos lexicais e sim por construções, como a predicativa. Se deixássemos essa observação de lado, perderíamos boa parte do poder descritivo do estudo.

Como afirmamos na seção (1.1), o escopo deste trabalho é sobre as construções inacusativas de ME, limitadas àquelas em que se observa variação entre a expressão de um “mesmo conteúdo” por meio de uma construção

predicativa ou verbal. Isso limita a gama de verbos e construções a serem apreciadas neste estudo.

O estudo formal da aquisição de segundas línguas parte, no final dos anos 70, das teorias formais de aquisição, de base chomskiana, procurando utilizar-se das ferramentas de análise normalmente empregadas para o estudo da aquisição da língua materna. Com a proposta da interlíngua formalizada de diferentes maneiras por Corder (1967), Nemser (1971), e finalmente Selinker (1972) e Adjémian (1976), com seu estatuto de sistema lingüístico complexo, surge a sua possibilidade de análise formal. Tem início, assim, essa espécie de programa, com a proposta de aplicar os conhecimentos desenvolvidos na Teoria Gerativa à aquisição de segundas línguas. Como boa parte da formulação da Teoria gerativa se baseia em evidências provenientes do campo da aquisição da linguagem, alguns conceitos caros à proposta chomskiana são a base fundadora dos estudos formais de aquisição de segundas línguas. Entre estes conceitos encontram-se: a Gramática Universal, o dispositivo de aquisição da linguagem/faculdade de linguagem, o inatismo, o período crítico e a antiga dicotomia competência x desempenho, hoje entendida como conhecimento (da

⁵ A aquisição de segundas línguas em perspectiva formal fica a meio caminho entre uma das muitas ramificações da psicolingüística e a lingüística aplicada. Para a lingüística aplicada, a denominação *língua estrangeira* é a mais empregada para o estudo de uma língua que vem a ser adquirida por um aprendiz adulto, e emprega o termo segunda língua para os casos de bili8.3(t)-0eo4(a)

língua estrangeira. Assim, um termo bastante conhecido entre os professores de espanhol que é ELE (espanhol língua estrangeira) não faz nenhum sentido dentro da perspectiva formal. Para a teoria que concerne a este trabalho, todas as línguas aprendidas/adquiridas fora do período crítico de aquisição da linguagem têm apenas a denominação de *segunda língua*, uma vez que não importa, para a perspectiva formal, o contexto em que essa língua é adquirida, já que os estudos formais se ocupam da representação mental da língua, do seu conhecimento interno, independentemente da maneira como o aprendiz está exposto aos dados.

língua) x uso (Scarpa, 2000), para citar os principais pressupostos dos estudos de aquisição de segundas línguas.

Dentro do modelo formal de análise, a aquisição da linguagem por parte da criança é entendida como um processo inato, biológico e autônomo. Está fundamentada no problema lógico da aquisição de segundas línguas, que é o problema que concerne aos estudos gerativistas, interessados no conhecimento da língua, tal como entendido por Chomsky (1981b), levando-se em conta a dicotomia *conhecimento x uso*. O problema lógico de aquisição, a que se dedicam tantos pesquisadores, está, por sua vez, baseado no chamado problema de Platão (cf. Chomsky, 1986): como é que o ser humano pode saber tanto diante de tão poucas evidências, evidências tão passageiras, enganosas e fragmentárias. O problema de Platão, por sua vez, remete ao mito da caverna. Como define Guasti (2002:5):

Levando-se em conta os fatos descritos na seção anterior, pesquisadores caracterizaram o problema da aquisição da linguagem tal como segue (ver Baker e McCarthy 1981):

-As crianças vêm a apresentar um conhecimento lingüístico bastante rico que abarca um número potencialmente infinito de sentenças, ainda que ouçam um número finito delas.

-Os dados que as crianças captam consistem de evidências positivas (sentenças aceitáveis na língua a que estão expostas).

-Não se diz às crianças quais sentenças são mal-formadas ou quais interpretações tal ou qual oração não pode ter na sua língua, mas geralmente, eles captam esta noção: qualquer falante maduro pode julgar se uma sentença é aceitável ou não (sob certa interpretação).

-Ainda que as crianças cometam 'erros', elas não cometem certos erros que seriam esperados se elas produzissem generalizações a partir do *input* lingüístico. Por exemplo, ainda que crianças ouçam sentenças como *Who do you wanna invite?* ou *Who do you wanna see?*, elas não produzem generalizações a partir

destes dados, que propiciem construções impossíveis do inglês como: *Who do you wanna come?* (ver seção 1.4); ainda que tal generalização pudesse parecer razoável, as crianças nunca dizem sentenças como essa.⁶

O problema lógico parte da observação de que a criança é capaz, em certo momento de seu desenvolvimento (por volta dos dois anos de idade) de construir sentenças gramaticais, em termos sintáticos, às quais nunca foi exposta. Essa observação levou ao estabelecimento das bases da Gramática Gerativa, uma vez que era necessário teorizar sobre a existência de um mecanismo na criança, do qual ela já fosse dotada de maneira inata e fizesse parte do patrimônio genético da espécie, que lhe permitisse adquirir uma linguagem complexa e com base em poucos estímulos externos. Chomsky, com isso, quer dizer que dada língua/linguagem não é aprendida de fora para dentro, e, sim, que está dentro do indivíduo como um conhecimento, na forma de um dispositivo universal (na fase inicial do desenvolvimento da teoria, entendido como o sistema de regras) e que a criança não faz mais que reconhecer os procedimentos que a sua língua efetua, dentre aqueles dos quais já está dotada, em um órgão/dispositivo mental que amadurece de repente em dada fase do seu desenvolvimento. É quando se dá a eclosão dos saberes, quando a criança, por volta de um ano e oito meses, é capaz de realizar o ato sintático básico, quando

⁶ Looking at the facts described in the last section, researchers have characterized the problem of language acquisition as follows (see Baker and McCarthy 1981): -Children come to have very rich linguistic knowledge that encompasses a potentially infinite number of sentences, although they hear a finite number of sentences. -The data that children draw upon consist of positive evidence (sentences that are acceptable in the language they are exposed to). -Children are not told which sentences are ill formed or which interpretation sentences cannot have in their language. But eventually they attain this knowledge; all mature speakers can judge whether a sentence is acceptable or not (under a given interpretation). - Although children make 'errors', they do not make certain errors that would be expected if they generalized from the linguistic input. For example, although children hear sentences like *Who do you wanna invite?* Or *Who do you wanna see?*, they do not generalize from these to impossible English sentences like: *Who do you wanna come?* (see section 1.4); although this generalization would seem reasonable, children never say such sentences.

deixa de apenas pronunciar palavras soltas e passa a fazer sintaxe, colocando em ação as regras que são suas e que reconhece através de poucos dados a que está exposta.

O papel da GU é considerado decisivo na aquisição da linguagem nos estudos no âmbito da Teoria gerativa, como informa White (2003:3):

(...) Não importa como a GU seja entendida, permanece um consenso (dentro da perspectiva lingüística gerativa) de que certas propriedades da língua são demasiado abstratas, sutis e complexas para serem adquiridas sem que se assumam alguns procedimentos restritivos especificamente lingüísticos e inatos nas gramáticas e na aquisição da gramática.⁷

Se é assim com a aquisição da língua materna, o mesmo não se pode dizer da aquisição de segundas línguas. Há um amplo debate sobre até que ponto a aquisição de uma segunda língua por parte de um adulto pode chegar. Enquanto a aquisição da L1 chega sempre (salvo casos patológicos) à competência nativa, estudos sobre a aquisição de L2 demonstram que a competência nativa, em boa parte das vezes (ou na maioria dos casos) não é alcançada. O assunto é tema de um amplo debate sobre que propriedades da aquisição de L1 estão presentes na aquisição de L2, sobre se há possibilidade de falar-se de uma *aquisição* (termo associado à possibilidade de acesso à Gramática Universal) na formação de uma gramática da nova língua, o que prevê a possibilidade de o aprendiz adquirir um

⁷ (...) regardless of how UG is formalized, there remains a consensus (whithin the generative linguistic perspective) that certain properties of language are too abstract, subtle and complex to be acquired without assuming some innate and specifically constraints on grammar and grammar acquisition.

nível de competência nativo, ou simplesmente de uma *aprendizagem* (impossibilidade de acesso à Gramática Universal e aquisição de regras e procedimentos da nova língua por outros meios sanadores dessa impossibilidade), o que determina que o aprendiz esteja fadado a apresentar uma competência não-nativa.

Da mesma maneira, na literatura considera-se que a aquisição de L1 e L2 se diferencia em muitos aspectos. Entre eles, o ponto de partida dos dois aprendizes (White 2003). Considera-se que um deles tem à sua disposição toda a Gramática Universal (o aprendiz de L1) enquanto muito se estipula sobre o momento inicial da aquisição de uma L2. As principais perguntas envolvem a dúvida de se há acesso ou não à GU, fora do período crítico de aquisição, e qual é o papel da experiência lingüística prévia do aprendiz em todo esse processo.

Ainda, a aquisição de L1 e L2 se diferencia nos seus estágios de desenvolvimento e, digamos, no seu “produto final”: enquanto o aprendiz de L1 tem seu ponto de chegada no sistema da língua materna, o ponto de chegada do aprendiz de L2 é uma interlíngua estabilizada, na qual as regras já funcionam de maneira consistente e coerente, mas não necessariamente repetem os procedimentos da língua-alvo. A interlíngua produzida pelo aprendiz em seu estágio máximo de desenvolvimento varia enormemente no que se refere à semelhança de suas estruturas, morfologia e pronúncia – entre outros muitíssimos aspectos – às da língua-meta.

A aprendizagem de segundas línguas tem uma finalidade explícita, assim definida por White (2003:15):

Os aprendizes de L2 enfrentam uma tarefa paralela àquela dos aprendizes de L1, que consiste no fato de eles terem que chegar a um sistema lingüístico que dê conta do *input* da L2 e que permita ao aprendiz entender e falar a segunda língua.⁸

Pelo exposto, o ponto de chegada ou o produto final da aquisição de L2 não é a língua-alvo, como na aquisição de L1, e sim, uma construção efetuada pelo aprendiz que lhe permite efetuar os procedimentos enumerados por White no parágrafo acima. Essa construção é a interlíngua, um conceito caríssimo para os estudiosos da aquisição de L2 e, ao mesmo tempo, desconhecido para os estudiosos de fora desta área específica. Por motivos de clareza da explicação, esclareceremos o conceito de interlíngua antes de continuar com a apresentação das questões concernentes à aquisição de L2.

Normalmente atribui-se ao lingüista Larry Selinker (1972) a formalização do conceito de interlíngua. Este conceito surge no bojo de algumas tentativas de se estabelecer de maneira coerente esse fenômeno caracterizado pela produção do aprendiz de uma língua estrangeira, que é caracterizada por não ser mais a língua materna, mas por ser, também, diferente da língua-alvo. Esta produção do aprendiz, que era até então vista como um conjunto de 'erros de produção' (cf. Lado, 1957), passa agora a ser considerada em seu conjunto como um sistema lingüístico único.

A interlíngua (doravante IL) é um sistema lingüístico desenvolvido por aprendizes de uma segunda língua e se caracteriza por ser a gramática mental

⁸ L2 learners face a task parallel to that L1 acquirers, namely, they need to arrive at a linguistic system which accounts for the L2 input, allowing the learner to understand and speak the second language.

de que os aprendizes de dada língua estrangeira dispõem para interpretar os dados dessa nova língua. A IL apresenta diferentes estágios, e os conjuntos de regras e procedimentos que a caracterizam são transitórios, pois podem se modificar à medida que o aprendiz se vê exposto a uma maior quantidade de dados do *input* ou ainda a poucos dados, com tanto que estes contenham os desencadeadores capazes de promover reestruturações do sistema. Assim, a permeabilidade, que caracteriza qualquer sistema lingüístico, constitui uma marca de referência das interlínguas, já que podem se modificar a cada novo *input* significativo. A natureza das regras e procedimentos que constituem a gramática mental do aprendiz, a IL, é controversa e há estudiosos que defendem que podem provir diretamente da Gramática Universal, como no caso da aquisição da língua materna, enquanto há outros que defendem que tais regras e procedimentos são uma cópia daqueles que o aprendiz já desenvolveu para a sua L1.

São característicos da interlíngua os seguintes fenômenos: a *variabilidade*, quando um aprendiz produz construções cuja estrutura pode variar e em certos momentos assemelhar-se ora à da L1, ora à da L2 e inclusive pode exibir construções que não se encontram nem na L1 nem na L2; o *backsliding*, que se caracteriza por um “deslize para trás”, quando aparentemente o aprendiz mostra ter “desaprendido” certa estrutura ou construção específica que aparentemente já havia dominado; as *super-generalizações*, um procedimento de formulação de regras no qual produz-se uma simplificação das regras por meio da aplicação de uma regra a todos os casos semelhantes; e as *omissões*, em que um aprendiz dá evidências de que certa estrutura já existe na sua gramática mental, mas que na passagem do

conhecimento da língua (língua interna) para a produção, fatores extralingüísticos influem na expressão do aprendiz. Outro conceito caro à idéia de interlíngua, ainda que polêmico, é o de fossilização, que se reflete na constatação de Selinker (1972) de que apenas 5% dos aprendizes adultos de uma língua estrangeira alcançam o que ele denomina de “competência nativa” daquela língua. Este termo, tal como entendido por Selinker, deve traduzir-se como relacionado à capacidade do aprendiz de *produzir* (não necessariamente *interpretar*) enunciados adequados na língua-alvo.

Apresentado um conceito possível de interlíngua, dividiremos agora nossa discussão sobre aquisição de segundas línguas em três momentos, simplificando a divisão didática oferecida por White (2003), e os dividimos em: *estágio inicial*, *hipóteses de desenvolvimento* e *interlíngua estável*.

White 2003 divide basicamente o desenvolvimento de uma interlíngua, sistema lingüístico criado para dar conta dos dados do *input* da L2, em três momentos principais: o *estágio inicial*, correspondente ao momento em que a IL se forma, nos primeiros contatos com o *input* da nova língua; o *desenvolvimento*, que concerne à característica da IL de ser um sistema lingüístico permeável aos dados do *input* e, por isso, mutável; e o *estágio estável*, momento no qual considera-se que a IL atinge um grau de consolidação, no qual a influência do *input* já não provoca mudanças significativas no sistema.

Nos estudos formais de aquisição de língua materna, é plenamente assumido, com Chomsky (1981b), que a GU é o estado inicial. Nada há de experiência lingüística antes dos primeiros contatos do bebê com a sua língua, e, no entanto, considera-se que a GU propicia os dispositivos que o farão desenvolver a sua capacidade lingüística. Como White (2003:59) deixa claro, a questão que envolve como a GU vai se caracterizar durante o processo de desenvolvimento da aquisição, se a GU se mantém como um dispositivo inalterado ou se se transforma na L1, é outra discussão.

Com relação ao estado inicial do aprendiz de uma L2, deve-se levar em conta que, neste caso, o aprendiz já possui experiência lingüística, ou seja, já passou pela aquisição de sua L1. A discussão sobre o estágio inicial desse aprendiz gira em torno da pergunta: até que ponto as propriedades da L1, que constitui a sua experiência lingüística predominante (ainda que possa não ser a única), influi na aquisição de uma língua estrangeira?

A discussão a ser apresentada a seguir, a nosso ver ainda é herdeira da tradição paramétrica, que atinge seu auge nos anos 80. Na atualidade, a análise efetuada pelo Programa Minimalista (doravante PM) dirige o seu foco de atenção à questão do traço, com todas as suas propriedades e implicaturas, frente ao modelo de análise anterior, o de Princípios e Parâmetros (doravante P&P), onde o centro da análise, antes de ser o traço, era o parâmetro.

Assim, o estado inicial é o ponto de partida dos aprendizes em direção ao domínio (mais ou menos pleno) da L2. Quão rica ou quão limitada é a dotação inicial dos aprendizes para que possam empreender a viagem em direção à L2 é um ponto de controvérsia que será apresentado a seguir.

As teorias a ser apresentadas defendem diferentes dotações iniciais para esse aprendiz. Schwartz & Sprouse (1994, 1996) argumentam em favor de um clone da L1 que serve de berço para a língua que está sendo aprendida: assim, a influência da L1 sobre os processos da nova língua seria total. Ainda assim, esses autores mostram evidências de que o aprendiz tem condições de reestruturar, com base na GU, a nova língua que vai sendo formada cada vez que as regras e procedimentos baseados na L1, que ele usa para analisar o *input*, falharem.

Com relação às categorias funcionais, elas, portanto, existem e são disponíveis para o aprendiz desde o estado inicial, o ponto de partida. Funcionando como berço para o desenvolvimento da L2, o clone da L1 disponível para o aprendiz terá, necessariamente os valores dos traços das categorias funcionais fixados exatamente como os da L1, o único sistema lingüístico que conhece por experiência. A contraparte de acesso pleno à GU pode ser observada na capacidade de reestruturação que a interlíngua do aprendiz tem, cada vez que os dados do *input* não puderem ser analisados por meio dos procedimentos da L1. Isso vai diferenciando a interlíngua da L1 inicial em direção ao estabelecimento de uma interlíngua idealmente mais próxima da L2. A possibilidade de reestruturação é dada pela GU.

Uma perspectiva na mesma direção, que também prevê a possibilidade de uma convergência entre a interlíngua e a língua-alvo, é a hipótese das árvores mínimas, de Vainikka & Young-Sholten (1994), doravante V&YS. O que diferencia esta proposta da anterior é que o estado inicial não está constituído por uma representação da L1 em sua integridade. Tendo em mente a diferença entre categorias gramaticais e funcionais, estes autores argumentam que no estágio inicial os aprendizes têm à sua disposição apenas as categorias lexicais –

sintagma nominal (NP), sintagma preposicional (PP), sintagma verbal (VP) e sintagma adjetival (AP) –, o que se traduzia na época por uma estrutura que não chegava além de VP. As categorias funcionais, como sintagma flexional (IP) e sintagma complementizador (CP), não estavam projetadas na representação de estado inicial da nova língua. Isso não significa que o repertório de categorias funcionais disponibilizado pela GU não esteja disponível. A projeção destas é desencadeada pela exposição adequada e suficiente ao *input* em dado momento do desenvolvimento da interlíngua. Com esta proposta, V&YS procuram explicar a falta de fenômenos ligados às categorias funcionais nos primeiros estágios da interlíngua, como flexão, concordância, ordem de palavras, aparição ou não de sujeitos e de objetos, entre outros. É necessário observar que, dentro desta proposta, está vetado aos aprendizes apresentar quaisquer fenômenos ligados às categorias funcionais desde os primeiros estágios da interlíngua, uma vez que vai se tratar de uma sintaxe impossível, já que as árvores vão crescer de baixo para cima apenas com o passar do tempo e, num primeiro estágio, não existe sintagma onde podem se processar estas categorias.

Altamente ligada à idéia de parâmetro, a terceira proposta a ser comentada é a dos *Traços Inertes (valueless features)*, apresentada por Eubank (1994) Esta proposta se diferencia da anterior pelo fato de que considera que as categorias funcionais estejam presentes via L1 no estágio inicial da L2, naquele ponto, portanto, de onde o aprendiz parte em direção ao domínio da L2 Isso permite que o aprendiz exiba concordância e flexão, por exemplo, nos estágios mais incipientes de sua interlíngua. Isso assemelha esta proposta à primeira apresentada, da *transferência e acesso pleno*, de Schwartz & Sprouse (1994) doravante S&S. O que as diferencia é que a hipótese de Eubank advoga por uma

transferência *fraca* (e não plena) no que tange aos valores dos traços das categorias funcionais: estes não são transferidos, como na hipótese de S&S. É ligeiramente menos otimista com relação ao ponto de partida: aqui os sintagmas estão presentes, mas os valores binários dos traços, por falta de *input* adequado, não estão fixados, como na L1. Isso explica, segundo a autora proponente desta hipótese, a variabilidade observada entre alçamento e não-alçamento do verbo no inglês L2, uma vez que o traço morfológico fraco do inglês, se estivesse fixado, não permitiria construções em que o verbo se superficializa acima do advérbio. White (2003) contesta a idéia, uma vez que, se o traço é inerte, não haveria motivação para desencadear o alçamento do verbo para o sintagma flexional (IP), ele não se moveria. Alternativamente, isso poderia ser obtido se, ao invés de inertes, os traços fossem subespecificados, assim, eles seriam tanto fortes como fracos e, não, nem fortes nem fracos, como na proposta de Eubank.

Há teorizações a respeito do estado inicial que argumentam que o estado inicial, diferentemente das três propostas anteriores, não passa pela L1, e, portanto, não há transferência das propriedades da língua materna. Uma dessas hipóteses é a *Hipótese Sintática Inicial (Initial Hypothesis of Syntax)*, de Platzack (1996). Bastante dentro dos pressupostos da primeira fase do Programa Minimalista, este autor defende um estado inicial idêntico tanto para a aquisição de L1 quanto para a de L2, que seria a GU e não, com uma gramática particular, como nas três hipóteses anteriormente citadas. Assim, para esta hipótese, a GU fornece ao indivíduo que se vê diante dos primeiros dados de uma língua estrangeira, todas as categorias lexicais e funcionais, com a ressalva de que os valores dos traços das categorias funcionais vêm previamente marcados por *default* como fracos, independentemente dos valores da L1 e a L2

para tal ou qual traço. White argumenta contra esta hipótese, mostrando que há evidência experimental de que aprendizes de inglês falantes de francês transferem o valor do traço morfológico da L1—fixado como forte – provocando alçamento do verbo na interlíngua do inglês em suas primeiras produções.

Uma hipótese similar, porquanto rejeita a L1 como ponto de partida da aquisição de uma L2, é a do *Acesso Pleno*, proposta por Flynn & Martohardjono (1994) e Flynn (1996).

Com base na observação do desenvolvimento de crianças bilíngües, os autores argumentam um *status* especial para a GU, de sua invariabilidade e permanência como dispositivo latente que pode ser acessado independentemente de o indivíduo ter tido uma experiência lingüística prévia. Uma vez que crianças bilíngües conseguem desenvolver uma capacidade plena em duas línguas que podem ser tipologicamente tão diferentes, os autores defendem, com base nisso, que a experiência lingüística prévia não tem poder de moldar de maneira tão indelével o estado inicial da L2, mesmo que se trate de indivíduos adultos. Por isso, eles advogam pela hipótese do acesso pleno à GU, sem transferência das propriedades da L1.

Enquanto nas três hipóteses anteriores pode-se estabelecer uma eixo de continuidade entre a gramática da L1 e as diferentes interlínguas, que vão se modificando por meio dos *inputs* sucessivos a que o aprendiz é exposto, não há solução de continuidade entre L1 e interlínguas nas hipóteses que têm a GU como estado inicial, como as propostas de Platzack e de Flynn & Martohardjono. A GU entra em operação na aquisição da L1 e entra novamente em operação, de maneira independente, na aquisição da L2.

Outro elemento que no nosso entendimento não pode ser deixado de fora nas considerações sobre o estado inicial é a distância construída entre L1 e L2 pelo aprendiz. Estes procedimentos cognitivos ligados à postura do aprendiz frente ao que é uma língua estrangeira podem ter implicações muito relevantes na forma de abordar inicialmente os dados.

A hipótese de *Transferência Total/Acesso Total* (doravante *TTAT*), de S&S, citada acima, é uma teoria sobre o estágio inicial e o desenvolvimento da interlíngua. A primeira parte do nome da hipótese, *Transferência Total* se refere ao estágio inicial, ao procedimento que faz surgir uma interlíngua como um sistema lingüístico empregado pelo aprendiz para fazer frente aos dados da língua que está aprendendo. A segunda parte do nome, *Acesso Total* se refere precisamente à hipótese de desenvolvimento defendida por S&S. De acordo com esta idéia, a exposição contínua e progressiva a dados do *input* leva a momentos cruciais de mudança das estruturas da interlíngua. Esta se modifica em certos momentos nos quais seu sistema de regras e procedimentos não dá conta dos dados do *input*. Esse desencontro entre regras da IL e dados do *input*, sempre que acontece, vai promovendo sucessivas reorganizações no sistema da IL, que afetam os seus parâmetros. Estas reorganizações do sistema da IL, no cenário mais otimista previsto pela teoria, vão progressivamente modificando os parâmetros da interlíngua a fim de que esta possa processar de maneira adequada os dados da L2. O nome *Acesso Total* se refere à forma como se dá esta reestruturação. Sem acesso às escolhas paramétricas da L2, o aprendiz reorganiza a sua IL com base no acesso de que dispõe à GU, formulando regras

por ela reguladas (existentes nas línguas naturais). As reestruturações do sistema afetam os parâmetros, o que quer dizer que a interlíngua se reorganiza inteiramente de tempos em tempos e isso tem que ser notado na expressão dos mais diferentes fenômenos, pois não se trata de uma aprendizagem local e limitada, e, sim, de uma reorganização dos valores paramétricos da língua como um todo e que se manifestam, portanto, em todos os fenômenos por ela representados.

Com uma visão um pouco mais prudente sobre a possibilidade de acesso à GU por parte de aprendizes adultos e sobre o fato de a interlíngua poder se reorganizar como sistema, por meio da fixação de parâmetros que dêem conta do *input*, Liceras (1996) propõe o termo *bricolage* ou *tinkering* para classificar o processo de desenvolvimento da interlíngua em direção ao estágio em que atinge a sua estabilidade. Em Liceras (1997), a autora renomeia o processo, chamando-o de *reorganização por porções*. Segundo esta idéia, o processo de reorganização/reestruturação das regras da interlíngua não afeta todo o sistema lingüístico, mas apenas as regras em jogo quando um aprendiz tem que lidar com dados da IL que não pode processar com as regras e procedimentos de que dispõe (e que são herdados da L1, de acordo com a idéia de TTAT). A diferença fundamental entre essas duas abordagens ao processo de desenvolvimento da IL é que a primeira prevê que o sistema se reestruture como um todo diante dos desencadeadores da aquisição presentes no *input* da língua nova, enquanto de acordo com a segunda, os desencadeadores, quando vistos pelo aprendiz, promovem uma reorganização do conjunto de regras e procedimentos utilizáveis para o processamento de um fenômeno estrito da língua. Prevê também que outro tipo de *input* promova uma reorganização em outra parte da

gramática, outro sistema de regras e procedimentos, este, ativado quando o aprendiz se vê frente a esse novo *input* que não pode processar com o mecanismo de que dispõe. Esta versão da hipótese de desenvolvimento da IL prevê que a IL não se reestrutura como um todo, como ocorre na aquisição da criança, na qual poucos desencadeadores morfológicos são capazes de promover a fixação dos valores dos traços que vão determinar os parâmetros e a gramática responde a esse processo como um todo. O que Liceras quer demonstrar é que ainda que haja regras e procedimentos que se modificam frente ao input da nova língua, a gramática da IL como um todo permanece inalterada, devido a que o desenvolvimento da interlíngua é um processo que se assemelha mais à noção de *aprendizagem* (individual, custoso e local) que à *aquisição*, como defendida por S&S, (acesso à GU e fixação/refixação de valores dos traços que alteram a estrutura da gramática como um todo).

A hipótese de Liceras (1997) é uma modificação da proposta da *Diferença Fundamental*, de Bley-Vroman (1990). De acordo com essa proposta, há acesso à GU apenas indireto na configuração do estado inicial da interlíngua, mas não existe a possibilidade de refixação dos parâmetros da gramática da interlíngua, já que de acordo com este autor, a língua materna ocupa, na aquisição de L2, o lugar que a Gramática Universal tem na aquisição de L1.

Essa impossibilidade é vista por Clahsen & Hong (1995) como um impedimento global para a refixação de parâmetros. Dentro da arquitetura da gramática concebida pela Teoria de regência e Ligação (GB), a língua deveria exibir propriedades morfológicas e sintáticas derivadas da fixação de certo parâmetro. Se não há uma coincidência dessas propriedades na língua, então

isso é um indício de que não houve refixação de parâmetros, e, portanto, não houve acesso à GU.

O estágio estável (*ultimate attainment*) pode ser caracterizado das mais diferentes maneiras. É a interlíngua em um momento em que as suas modificações estruturais vindouras são mínimas, quando se considera que ela já está estabilizada e que, daí, virtualmente, não se modifica mais.

A aparência da interlíngua neste estágio varia enormemente, desde a situação mais rara de uma interlíngua de aparência idêntica à de um nativo até o outro extremo, o de uma interlíngua estável, mas completamente diferente da de um nativo (*non-native*). Entre esses dois pólos, encontram-se vários graus de domínio das estruturas e procedimentos da L2.

No entanto, é bastante enganoso comparar-se as interlínguas com as gramáticas de nativos. Uma construção da interlíngua aparentemente idêntica à da língua-alvo pode encobrir substanciais diferenças estruturais na representação interna, diferenças difíceis de captar, que só são passíveis de serem detectadas quando se procura fazer uma análise nos níveis mais profundos da gramática, como o semântico (com seus papéis temáticos, *Aktionsart*, etc.).

Por outro lado, a ausência de dada estrutura na produção do aprendiz não significa diretamente que ele não adquiriu essa construção. Ela pode estar presente na língua-I, ou seja, no nível de representação lingüística, mas não passar para o nível da produção, pelo fato de este envolver outro tipo de

elementos, como informações contextuais, além da própria questão do processamento da fala e da escrita. A este ponto voltaremos na seção seguinte.

Da mesma maneira, White (2003) classifica os possíveis resultados a que um aprendiz chega à interlíngua estável em três tipos: convergência, divergência e divergência não-regulada:

a gramática estável é efetivamente idêntica à gramática dos falantes nativos da língua-alvo, sujeita às mesmas restrições da GU e com os mesmos parâmetros estabelecidos. Ou seja, as representações geradas pelos falantes da L2 são as mesmas dos falantes nativos. Isto não significa que aprendizes da L2 devem adquirir um vocabulário idêntico ao do falante nativo nem que regras periféricas específicas da língua tenham sido adquiridas (mesmo porque falantes nativos diferenciam-se uns dos outros a esse respeito).

A gramática estável é diferente da gramática dos falantes nativos da língua-alvo. No entanto, ela é sujeita a restrições da GU. Dito de outra maneira, é uma gramática possível nas línguas naturais, ainda que não corresponda à gramática de um falante nativo da língua-alvo. Pode combinar propriedades da L1 e da L2, bem como gramáticas de outras línguas.

A gramática estável não somente falha em convergir com a gramática do falante nativo da língua-alvo, como também não está sujeita a nenhuma regulação

por parte da GU, sendo qualitativamente diferente dos sistemas lingüísticos por parte dos nativos. Em termos da discussão do capítulo 2, estas gramáticas seriam consideradas selvagens.

Note-se que White prefere usar o termo *gramática estável a interlíngua estável* pelo fato de que o termo inequivocamente remete ao nível da representação lingüística e não da produção.

Com relação ao panorama apresentado por White, sentimo-nos obrigados a observar que a teoria não oferece uma saída muito diferente para a maioria dos casos analisados pelos pesquisadores, pois tendem a cair no caso da constrição pela GU. White, ao estudar a representação de seus sujeitos, chega à conclusão de que o conhecimento lingüístico (*competência*) foi adquirido, mesmo sem evidências da produção. Uma crítica que podemos fazer a essas abordagens é que estas teorias atribuem pouca importância aos dados da produção, e entendemos que não deveria ser assim, uma vez que, ao passo que estamos preocupados com o nível da representação lingüística, também nos interessa, como professores de espanhol no Brasil, a questão da performance de nossos aprendizes, que, ainda que demonstrem domínio de certas regras e procedimentos no nível representacional, não conseguem exibi-los no nível da produção lingüística efetiva.

Reconhecemos que entre a língua-I e a performance há muitos passos e que, também, saber que na língua-I dadas estruturas já estão presentes de maneira permanente e estável é um estímulo para perseguir os problemas “periféricos”, como a passagem das destrezas interpretativas para as expressivas, em outras palavras, o estudo dos problemas da produção.

No entanto, a teoria é arquitetada de tal maneira que não dá muitas saídas alternativas ao reconhecimento por parte do pesquisador, de que há alguma aquisição. Também achamos que o argumento empregado por White para relegar a segundo plano o problema das regras específicas da língua, em prol de parâmetros amplos a serem investigados, não se sustenta por várias razões. Num momento em que utilizamos teorias mais finas, como a Morfologia Distribuída e quando o próprio Programa Minimalista utiliza a noção de traço, procurando oferecer, assim, um poder explicativo maior do que o da noção de parâmetro, há necessidade de se rever o que são essas “regras periféricas específicas de línguas” e se não existe uma tecnologia de análise mais adequada para tratá-las, um recurso além daquele de que dispõe o Programa Minimalista.

Esperamos ter podido demonstrar que a aquisição de L2 é um assunto bastante controverso e, é necessário observar também, que toda a teorização anterior encontra-se num ponto de mudança. Voltando à questão comentada anteriormente, da adequação explicativa, parece haver uma saturação da noção de princípios e parâmetros como conceitos capazes de explicar os processos de aquisição de L2. Pesquisadores como Lardière (2005, 2007) começam a defender a necessidade de outras hipóteses, além daquelas previstas pelo Programa Minimalista (PM), que possam dar conta de maneira adequada dos fenômenos observáveis nos dados das interlínguas.

Lardière observa que a noção de aquisição de parâmetros da L2 por parte de um aprendiz adulto é normalmente identificada, na literatura gerativista

sobre o assunto, com a dupla habilidade⁹, por parte do aprendiz, de cancelar ou apagar os parâmetros originais de sua interlíngua, que se instalam ali provisoriamente por intermédio da língua materna (i) e de fixar na IL os valores dos traços correspondentes aos da L2 (ii).

Assim, a aquisição está identificada com uma reestruturação das propriedades paramétricas da IL, motivada pela refixação dos valores dos traços relevantes. Esse enfoque prevê que a falha na aquisição, que, sempre segundo Lardière, costuma ser detectada por variabilidade ou erro na representação do aprendiz, é sinal automático na falha na valoração dos traços relevantes. Discutindo o problema da variabilidade morfológica de sua informante, Lardière (2005:179) afirma: *Na minha opinião, explicar a opcionalidade morfológica apelando à idéia de (não-)seleção paramétrica é uma forma simplista de abordagem*¹⁰.

Lardière faz essa afirmação ao analisar o problema de Patty, sua informante chinesa falante nativa de Mandarim e Chinês Hokkien, residente há 10 anos nos EUA e que apresenta um nível de interlíngua estável do inglês.

Com relação à noção de definitude, Lardière observa que o chinês não apresenta artigos definidos, na verdade, de nenhum tipo. Por outro lado, o inglês tem, associado ao seu determinante, pelo menos o traço de definitude, cuja valoração (positiva ou negativa) propicia o aparecimento de *the* ou de *a(n)*, respectivamente. Isso é o que impede o aparecimento de construções como **there is the unicorn in the garden* (**Existe o unicórnio no jardim*). Como o

⁹ Esta observação só se aplica às teorizações que definem a IL de estágio inicial como uma cópia da gramática da LI sujeita a modificação. Nas hipóteses de acesso pleno à GU na constituição da IL, não há valores marcados nos traços da IL e, portanto, o trabalho do aprendiz, idealmente, seria apenas fixar os valores dos traços da nova língua.

¹⁰ I think that accounting for morphological variability simply by appealing to the parametric (non-) selection of features is too simplistic.

nome *unicorn* aparece num contexto existencial, é, portanto indefinido, e a gramática do inglês demonstra sensibilidade a essa diferença no valor do traço [definitude] do determinante. Lardière mostra que Leung (2001), ao observar que o chinês é uma língua carente de artigos, sugere que a aquisição do traço de definitude por parte de aprendizes chineses do inglês é impossível devido à ausência da categoria que abriga esse traço na L1, o que constitui para Leung uma diferença paramétrica.

Lardière critica essa posição argumentando que: atribuir essa diferença a um parâmetro é uma solução cara e custosa, porque essa parece ser uma “diferença idiossincrática entre línguas” (i) e que a inexistência do artigo não determina a inexistência do traço na língua uma vez que ele pode se manifestar de outras maneiras (ii). Ela afirma isso mostrando exemplos da produção de Patty, que dão indícios de que a informante domina o traço [definitude] no inglês, ainda que sua produção não seja perfeita.

O chinês exibe a noção de definitude realizada de outras maneiras sintáticas (e não apenas pragmáticas, como defende Leung 2001), como alteração na ordem de palavras e co-ocorrências de nomes com classificadores que obtêm interpretação definida. Da mesma maneira, Lardière mostra que nomes indefinidos não podem aparecer no plural em chinês, um indício de que o traço [plural] está associado em chinês ao traço de [definitude]:

Chinês:

(3A) *You ren-men

tem pessoa-PL

Há algumas pessoas.

- (3b) You ren
Tem pessoa
Há algumas pessoas/alguém

Lardière mostra que Patty, ao produzir sentenças como *there were some changes in my life recently* (“houve algumas mudanças na minha vida recentemente”) ou *they [sic] are so many things I want to do* (“há tantas coisas que eu quero fazer”) efetua a separação desses dois traços que no chinês são associados. Com base nesses dados, a autora (2005:183) apresenta uma visão dos procedimentos que Patty tem que efetuar no seu processo de aquisição:

O problema de aquisição para um chinês aprendendo inglês, assim, envolve separar os traços em questão da maneira como eles são agrupados na L1 e remontá-los na forma requerida pela L2. Concretamente, isto significa *desvincular* “definitude” de “número plural”.¹¹

Com base na sua análise, ela descarta definitivamente a idéia de reavaliação de traços como saída única para a aquisição de parâmetros da L2:

O ponto principal, espero que esteja claro: que a aquisição da marcação de definitude e plural não é uma questão de mera refixação paramétrica de um valor ‘menos’ no chinês para um valor ‘mais’ no inglês. Envolve um processo mais detalhista de remontagem dos traços em questão, da maneira como eles são agrupados e realizados na L1, para a L2¹² (id.ibid.)

¹¹ The learning problem for a Chinese speaker acquiring English, then, involves teasing apart the relevant features from the way they are assembled in the L1, and re-assembling them as required by the L2. Concretely this means *de-linking* definiteness from plural number.

¹² The main point, I hope, is clear: that the acquisition of definiteness and plural marking is not a matter of mere parameter resetting from a minus value in Chinese to a plus value in English. Rather, it involves a more painstaking process of reassembling the relevant features from the way they are conditioned and realized in the L1 to that of the L2.

Assim, para Lardière, crucial no processo de aquisição de Patty é a possibilidade de desamarrar os traços dos seus feixes originais (na IL, via L1) e reagrupá-los de forma diferente para a computação sintática. Ela mostra, em seu estudo, que esse processo se repete em outros pontos da aquisição do inglês por Patty, como movimento-Wh, orações relativas e alçamento.

Lardière sugere o emprego de uma teoria que possa dar conta da organização dos traços num nível considerado pré-lexical para o programa minimalista que, precisamente, trata da montagem de palavras. Ela aponta (ainda que sem desenvolvê-lo) a Morfologia Distribuída (Halle & Marantz 1993, Marantz 1997, ss) como uma forma de abordagem possível a esse problema e reconhece a impossibilidade do Programa Minimalista de tratar dos traços como elementos mínimos de montagem das palavras.

Mostramos, neste capítulo, que há diversas maneiras de se entender a interlíngua e seus processos, e que a maioria das análises efetuadas de um ponto de vista formal, se valem do Programa Minimalista como ferramenta única de análise. Lardière (2005, 2007) procura demonstrar que uma teoria lexicalista que trabalha com os itens lexicais já montados é pouco operativa para tratar o seu problema específico, que está ligado à forma como os traços são organizados e como as palavras são montadas no confronto entre chinês e inglês. Aproveitamos as observações de Lardière para poder introduzir a proposta teórica da Morfologia Distribuída (Marantz 1997s), que será discutida com detalhe no capítulo 5, da qual nos serviremos, pois trabalha com os níveis sub-lexicais, da montagem das palavras e, como demonstraremos, o problema da

montagem da palavra que constitui o núcleo do predicado está na raiz das disparidades entre o espanhol e a interlíngua, no que tange às CME e construções correlatas.

Este capítulo se dedica a descrever as construções de que se valem o PB, a interlíngua e o espanhol para expressar a mudança de estado.

A seguir, descrevemos a questão das construções de mudança de estado no PB e, na seqüência, no espanhol, obtidos por meio de *corpora*. Depois, apresentamos os dados da interlíngua. Estes foram obtidos por meio da aplicação de dois testes a dois diferentes grupos de falantes brasileiros de interlíngua estável de espanhol. Um dos testes visou a concepção das construções de mudança na gramática mental dos aprendizes e outro, de produção, visou a realização das construções por esse mesmo tipo de aprendizes.

Na conclusão deste capítulo, efetuamos uma comparação entre a representação da mudança de estado no espanhol e no PB em perspectiva com a representação dessas construções na interlíngua.

A ME no PB pode ser expressa por meio de variadas construções sintáticas. Estas construções podem dividir-se em dois grupos: predicativas e verbais. Cada um desses dois grupos, por sua vez, se subdivide em outros dois tipos de construção. Assim, as predicativas se subdividem em aquelas que têm um adjetivo ou particípio como núcleo do predicado e aquelas cujo núcleo do

predicado é um sintagma preposicional (SP). Neste capítulo, vamos nos deter nas CME predicativas do primeiro tipo. As do segundo tipo serão discutidas no Capítulo 4. Do mesmo modo, as CME verbais se dividem entre as com clítico e as sem clítico¹³.

Pode-se dizer que a construção predicativa é a construção típica de mudança de estado do PB, por ser numericamente predominante na língua, como mostraremos no capítulo (3). Esta não constitui uma classe sintática única, porque pode haver diferença no tipo de sintagma que constitui o núcleo do predicado.

O primeiro tipo de construção predicativa de ME é o mais freqüente no PB e apresenta a configuração [pseudo-cópula+sintagma adjetival]. Uma variante desta construção apresenta um sintagma adjetival (SAdj) como núcleo do predicado. Ainda que, formalmente, não haja diferença entre as duas, mostraremos que a estrutura interna destas palavras promove diferenças interpretativas entre construções de adjetivos e construções de participios.

Os exemplos abaixo são do primeiro tipo de construções predicativas.

Configuração 1: pseudo-cópula+adjetivo:

(4) Ana com o barulho.

¹³ Da mesma maneira, é necessária uma palavra sobre a divisão que efetuamos neste estudo, entre “estado físico” e “estado psicológico”. Estamos cientes de que se trata de dois conceitos que se interpenetram e que, muitas vezes, é bastante difícil diferenciá-los categoricamente para certos verbos. Neste trabalho, procuramos estabelecer uma diferenciação aproximada entre um e outro, com o intuito de oferecer uma formalização possível.

(5) Eles com a notícia da demissão.

(6) Ela .

(7) Eles de tanto gritar.

Os exemplos acima são de CME predicativas cujo núcleo do predicado é um adjetivo. Os exemplos (4) e (5) são de ME psicológico e (6) e (7) são de ME físico. Observe-se que tanto a ME físico quanto psicológico podem ser expressas por meio de construções predicativas com adjetivos no núcleo do predicado.

As CME predicativas só se constroem com pseudo-cópulas, das quais “ficar” é um exemplo, nunca com cópulas verdadeiras, como “ser” ou “estar”.

Observem-se, a seguir, exemplos do segundo tipo de configuração das CME predicativas, aquelas cujo núcleo do predicado é um particípio.

Configuração 2: pseudo-cópula+particípio:

(8) Ana com o empregado.

(9) Todos lá na firma com o que ele disse.

(10) ?Ela .

(11) (os óculos) não (exemplo de Gancedo Álvarez, 2002).

Tanto adjetivos quanto particípios são sintagmas adjetivais. No entanto, uma diferença na estrutura interna dessas palavras determina diferenças interpretativas entre essas construções. O debate sobre até que ponto essa diferença é formal, entendendo-se “formal” como sinônimo, aqui, de “sintática”,

vai depender de se a estrutura interna dessas palavras é levada em conta na computação sintática ou se esse é um problema de morfologia. Se a diferença entre a estrutura de adjetivos e participios for considerada como uma diferença morfológica, não há diferença formal no que diz respeito à configuração das duas construções sob discussão. Se, no entanto, entendermos a diferença na estrutura interna dessas palavras, então podemos afirmar que há diferença formal – não apenas interpretativa entre essas duas construções.

O que se pode notar, na comparação entre CME psicológico e físico é que parece haver pouquíssimas construções predicativas de ME físico com sentido incoativo no PB quando o núcleo do predicado é um participio. Enquanto essa construção é abundante com CME psicológico, as construções predicativas do tipo [ficar+participio] não têm sentido de mudança, mas de permanência em determinado estado físico:

(12a) *Ela ficou caída quando escorregou.¹⁴

(13a) *Ele ficou desmaiado ao saber da notícia.

(14a) #Ele ficou suado naquele instante.

As duas primeiras construções ficam melhor se a locução adverbial que as acompanha tem um aspecto permansivo:

(12b) Ela ficou caída esperando socorro.

(13b) Ele ficou desmaiado durante uns dez minutos.

¹⁴ A agramaticalidade destas construções se refere a (im)possibilidade de elas veicularem sentido incoativo, de mudança.

A terceira combina com um complemento adverbial que corresponde à idéia de “desenvolvimento gradual” da combinação [ficar+suado]:

(14b) Ele ficou suado jogando bola.

Neste exemplo, o complemento circunstancial associa à CME uma noção de desenvolvimento temporal progressivo.

Isso demonstra outro ponto importante da análise das construções de ME do PB: que as construções predicativas com “ficar” podem estar associadas à expressão de dois aspectos gramaticais diferentes: incoativo e permansivo. As idéias de *mudança de estado* e *aspecto permansivo* são incompatíveis, uma vez que o aspecto permansivo pura e simplesmente não denota que tenha havido mudança.

Uma construção como:

(15) Ana ficou triste durante três dias.

Não é uma CME porque não apresenta a noção aspectual fundamental para que uma construção seja considerada de “mudança”, o aspecto gramatical incoativo. O aspecto incoativo propicia a interpretação de que havia um estado “original” no qual o ente se encontrava e que deu-se uma mudança no estado ou em alguma propriedade desse ente. Uma construção destituída desse aspecto gramatical não faz referência à mudança e sim, apenas ao estado no qual dado ente se encontra. Esse é o caso das construções predicativas formadas com as

cópulas *ser* ou *estar*. Nenhum desses dois elementos é capaz de atribuir à construção a noção incoativa, e é por isso que no PB as CME predicativas são formadas com pseudo-cópulas “ficar” e “virar”.

Outro ponto a se observado diz respeito à diferença entre as pseudo-cópulas “ficar” e “virar”. A diferença entre elas é que apenas uma delas serve para expressar mudança de estado: “ficar”. A pseudo-cópula “virar” atribui ao elemento em função de núcleo do predicado a leitura de *propriedade*, não de *estado*, para aproveitar a leitura de Porroche (1998) das pseudo-cópulas do espanhol. E essa é a diferença, já mencionada na parte 2, entre os predicados de nível contextual (*stage level*) e os de nível individual (*individual level*) de Kratzer (1996).

Isso explica que a pseudo-cópula “ficar” não seja associada a certos predicativos, dos quais damos alguns exemplos abaixo:

(16a) Ele ficou padre.

(17a) Aquele cara ficou travesti.

(18a) Ela ficou americana.

(19a) Ela ficou artista de circo.

Os elementos *padre*, *travesti*, *artista* e *americana* constituem, no entender de Porroche (1998), propriedades ou qualidades com um *status* permanente, que passam a diferenciar os indivíduos em questão dos demais. Essa seria a razão pela qual esses predicados não aceitam “ficar”, mas combinam perfeitamente com “virar” e “tornar-se”:

(16b) Ele virou padre.

(17b) Aquele cara virou travesti.

(18b) Ela virou americana.

(19b) Ela virou artista de circo.

Ainda que tenhamos estabelecido a diferença entre construções de mudança de estado (CME) e de propriedade, as construções de mudança de propriedade não serão analisadas neste estudo. Uma análise retrospectiva do que vimos até agora nos leva a observar as (pseudo-)cópulas possíveis de serem empregadas pelo PB são quatro: “ser”, “estar”, “ficar” e “virar”. Vimos também que “ser” e “estar” não entram em construções de mudança de estado, por serem destituídas de uma interpretação semântica incoativa. Da mesma maneira, “virar” tem uma noção incoativa intrínseca, mas é empregada na expressão da mudança de propriedade, não de estado. Isso significa que a única construção predicativa de ME do PB é aquela que exhibe a pseudo-cópula “ficar”¹⁵.

Voltando às possibilidades sintáticas de expressão da ME no PB, existe ainda outro tipo de construção predicativa para a expressão da ME. Esta tem um SP como núcleo do predicado. Esse sintagma geralmente tem a configuração [preposição+nome] e a preposição geralmente empregada é “com”. Abaixo podem-se observar exemplos desta construção:

(20a) Todo mundo .

(21a) Ela .

(22a) Ela .

¹⁵ Isso não significa que toda construção predicativa com “ficar” do PB seja de ME.

(23a) Todas as crianças .

Os dois primeiros exemplos são de ME psicológico e os dois seguintes, de ME físico. Observe-se, portanto, que tanto predicados psicológicos quanto físicos podem ser representados por meio dessa construção. Podemos afirmar, ainda, que estas construções são de mudança de estado por meio do teste de adjunção, quando acrescentamos à construção adjacentes circunstanciais que conduzem a uma leitura incoativa:

(20b) Depois do que aconteceu, aqui todo mundo .

(21b) Ela . quando soube da verdade.

(22b) Ela . depois de ver as fotos dos pratos.

(23b) Quando passou o velhinho, todas as crianças .

Observe-se que com essas construções a leitura permansiva (que não nos interessa, porque não denota mudança) também é possível.

(20c) Todo mundo . a noite toda.

(21c) Mesmo depois de terem pedido desculpas, ela ainda .

(22c) Ela jantou, mas . porque a comida era pouca.

(26a) Ele com o vizinho.

(27a) * A moça .

(28) * Os professores .

Os exemplos (25a) e (26a) são de ME psicológico e (27a) e (28) de ME físico. Observe-se que grande parte das CME físico verbais não aceitam o clítico. Isso pode ser observado para um grande número de verbos de ME físico: “empalidecer”, “engordar”, “emagrecer”, “espichar”, “envelhecer”, “corar”, “enrugar” e também para aqueles que geralmente tomam como referente entidades inanimadas: “esfriar”, “molhar”, “esquentar”, “aumentar”, “diminuir” (de tamanho).

Assim, em termos de construções verbais, as CME psicológico admitem o clítico e as CME físico não parecem aceitá-lo facilmente¹⁶.

Outro fenômeno, observado por Camacho (2003) é que as CME psicológico verbais podem apresentar variação na forma. Assim, algumas delas podem ser construídas com ou sem o clítico, dentro de um contexto de variação:

(29a) Ela dele e foi embora.

(29b) Ela dele e foi embora.

(30a) Eu desse detalhe.

(30b) Eu desse detalhe.

¹⁶ Há verbos de ME físico, no entanto, em cuja construção se emprega o clítico. Entre eles, encontram-se “excitar-se” e “engasgar-se”.

incoativo foi detectado, esse é o único aspecto gramatical inerente a essa construção. Os outros dois exemplos comprovam esta afirmação, uma vez que “ele se zangou com o vizinho” só é compatível com o complemento durativo “durante três dias” se o evento de “zangar-se” tiver se repetido pontualmente durante três dias. O evento, assim concebido, é composto de vários pequenos eventos incoativos sucessivos que se reiteram, daí a leitura iterativa, já que, como são apenas pontuais, não têm duração. Da mesma maneira, em (3), a leitura que se pode obter não é a de um único evento de “estar pálida durante horas”, mas de eventos sucessivos de “empalidecer” e “se recuperar”, que se dão no transcurso de uma tarde.

Um quadro esquemático das CME do PB mostra que essas construções podem ser de estado físico ou psicológico; que as CME psicológico distribuem-se por todas as formas aqui relacionadas; que as CME físico têm restrições de ocorrência; que as CME podem ser predicativas ou verbais; que as CME predicativas são montadas com a pseudo-cópula “ficar” e um adjetivo ou particípio; que o núcleo do predicado também pode ser um SP; que as CME verbais podem apresentar ou não o clítico e que as CME físico não aparecem na configuração [pseudo-cópula+particípio] nem na configuração verbal com clítico.

Além de uma análise das formas e tipos de CME encontradas no PB, efetuamos uma quantificação com o intuito de saber quais dessas construções são mais produtivas no PB para a expressão da ME.

As construções pesquisadas tinham que atender a três critérios:

- (a) apresentar experienciadores como objetos nocionais;
- (b) aceitar a alternância causativa, que vai formar as construções anti-causativas;
- (c) poder ser construídas com passivas adjetivais (as construções predicativas).

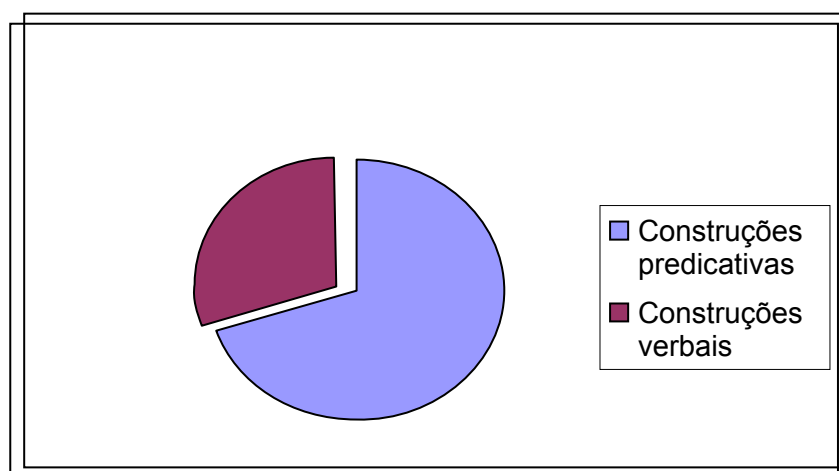
O procedimento foi a análise das ocorrências em um corpus do PB falado no Rio de Janeiro, o CD-ROM completo *Amostra Censo*, contendo amostras de aproximadamente 60 entrevistas realizadas no início da década de 80 pelo Programa de Estudos do Uso da Língua (Peul/UFRJ), no Rio de Janeiro. No CD-ROM, cada entrevista tem uma média de 35 páginas. Os verbos psicológicos procurados deveriam atender aos requisitos acima, e deveriam corresponder às listas de verbos psicológicos de Cañado (2002) e de Mendes (2002). No corpus foram encontrados 36 verbos que atendiam a esses critérios, cuja análise de contexto nos permitiu classificar como verbos de mudança de estado psicológico não-permanente. Desta quantificação, foram ainda excluídos os verbos denominados 'de controle' (Dik 1989) porque a mudança de estado psicológico pesquisada nesta Tese é aquela sobre a qual, conceitualmente, o sujeito não tem controle.

Como era esperado para o PB, 14 dos 35 verbos (39%) apareceram com as duas possibilidades sintáticas para expressão da mudança de estado psicológico – verbal e predicativa – enquanto 21 deles (61%) aparecem apenas sob a forma

de construções predicativas, apesar de existir a possibilidade sintática de expressão em construções verbais ativas.

Verbo	Total de ocorrências	Predicativas	Verbais
Aborrecer(se)	15	6	9
Acalmar-se	4	3	1
Admirar-se	1	1	-
Afligir-se	2	2	-
Agitar-se	6	4	2
Alegrar-se	4	4	-
Apavorar-se	9	5	4
Apegar-se	4	2	2
Cansar-se	2	2	-
Chatear-se	9	7	2
Decepcionar-se	3	3	-
Desanimar-se	1	1	-
Desesperar-se	1	1	-
Desgostar-se	1	1	-
Encantar-se	1	1	-
Enciumar-se	2	2	-
Endoidar(se)	6	5	1
Emocionar-se	1	1	1
Empolgar-se	1	1	-
Enervar-se	16	16	-
Enfezar-se	2	1	1
Enlouquecer(se)	8	8	-
Entristecer(se)	17	17	-
Entusiasmar-se	2	2	-
Espantar-se	3	1	2
Horrorizar-se	4	4	-
Impressionar-se	10	6	4
Irritar-se	3	3	-
Invocar-se	2	1	1
Maravilhar-se	1	1	-
Preocupar-se	32	9	23
Revoltar-se	6	3	3
Satisfazer-se	2	2	-
Tranqüilizar-se	2	2	-
Transtornar-se	1	1	-

De 185 dados, 129 (70%) deles eram de predicativas, enquanto 56 (30%) foram de verbais. De acordo com estes resultados, as construções verbais convivem com as predicativas no que tange à expressão da ME no PB e as últimas são mais numerosas.



Os verbos que tiveram maior número de ocorrências no corpus são mostrados na tabela abaixo:

Verbo	Ocorrências	Verbais	Predicativas
Preocupar	32	23	9
Enervar	17	-	17
Entristecer	16	-	16
Aborrecer	15	9	6
Impressionar	10	4	6

Chatear	9	2	7
Apavorar	9	4	5

O verbo apontado por Cançado (2002) e Mendes (2002) como prototípico da classe 2, “preocupar”, realmente aparece com maior número de ocorrências na Amostra Censo, com uma distribuição de 23 construções verbais (71%) para 9 construções predicativas/copulativas (29%). Outro verbo que o acompanha nesta tendência é “aborrecer”, também com maior ocorrência de construções verbais (9 das 15 ocorrências, o que equivale a 60%) que de predicativas (6, equivalente a 40%). Há que notar que estes dois verbos contrariam a tendência de uma maior quantidade de predicativas que de verbais. Outro verbo com o mesmo comportamento foi “espantar” (2 ocorrências de verbais para 1 predicativa). Ou têm igual distribuição, como “revoltar” (3 ocorrências).

Todos os demais verbos tiveram maior ocorrência de predicativas ou apresentaram apenas predicativas (“enervar” e “entristecer”).

Observem-se os exemplos abaixo, retirados da *Amostra Censo*:

(31) F- Fui para o cassino, que eu gosto muito de dançar. Aí, eu cheguei quatro horas da manhã, mas a mãe dela me viu e eu não vi a mãe dela. (risos)

E- Que azar, hein?

F- Aí [a mãe dela]- a mãe dela falou para ela, ela [ficou]-
. Acho se ela <pu->- pudesse me matar, ela tinha até
me matado.

E- Ela gosta de ti!

F- É. (hes) Às vez (est) <-zes>, eu saio assim, ela fica com ciúme.
Eu acho que ela pensa [que]- que é outra garota. (C01)

(32) (...) eu bebo cerveja, bebo vinho, bebo, assim, uma vez ou
outra, eu bebo uma cachacinha antes do <a->- da janta, do
almoço. Mas não sou aquele cachaceiro de (inint) (imitando),
sabe? Mas o cara- então, ela queria botar o cara aí. Eu um dia
, subi para o quintal, peguei um- uma perna de três, não
sei você conhece um caibro quadrado. Botei no ombro e derrubei a
casa todinha com o caibro no ombro. (C26)

O exemplo (31) é de uma construção predicativa. O predicativo se une ao nome por meio da pseudo-cópula “ficar”. Deve-se observar, ainda, que a construção predicativa tem um elemento nominal (um adjetivo ou participio) como núcleo do predicado.

O exemplo (32) é de uma construção verbal. Estruturalmente, ela tem um verbo como núcleo do predicado e apresenta um clítico pseudo-reflexivo¹⁷ que concorda com o sujeito.

Uma observação do valor aspectual envolvido nas duas construções mostra que a construção “me aborreci” em (32) tem um aspecto gramatical predominantemente incoativo. Nele não se faz menção a uma suposta

¹⁷ Este clítico remete à voz média, o que discutiremos no capítulo 4.

permanência do ente em dado estado. Pelo contrário: o que se segue à mudança de estado, vista aqui como pontual, é uma sucessão de ações pontuais. Não há, igualmente, nenhuma locução adverbial durativa que delimite um tempo de permanência daquele estado alcançado.

Uma comparação com a situação de (31) revela que, aparentemente, a expressão da ME por meio da construção predicativa pode associar um aspecto gramatical predominantemente permansivo à ME. Mas não é o que acontece no exemplo: a expressão de “ela ficou aborrecida” vem acompanhada de um elemento delimitador, o que é indício de um eventualidade de aspecto gramatical incoativo, de acordo com a análise de Marín Gálvez (2000). Da mesma maneira, está ausente a expressão de uma locução adverbial durativa, um fator cuja presença, como demonstrado por Marín Gálvez (2000), é uma prova sintática de que a expressão embute um aspecto gramatical permansivo. A construção é predicativa, tem complemento delimitador e é seguida de menção a evento pontual. Essas são evidências que levam a considerar a construção em (31) como de aspecto gramatical predominantemente incoativo, ainda que seja predicativa.

Como o PB, o espanhol pode representar lingüisticamente a mudança de estado através de dois tipos de construção: as predicativas e a verbal.

A construção predicativa em espanhol se caracteriza, frente ao PB, pelo fato de que pode ser construída com diversas pseudo-cópulas, em que cada uma traz para a construção propriedades semânticas diferentes.

Porroche (1998:127) faz uma análise extensa sobre a questão das construções predicativas/copulativas em espanhol. Ela afirma:

Em espanhol, não existe um verbo que corresponda de um modo exato, ao *devenir* do francês, ao *diventare* do italiano, ao *werden* do alemão ou ao *become* do inglês. No entanto, o espanhol, como a maior parte das línguas, dispõe de diferentes procedimentos (léxicos, morfológicos e sintáticos) para expressar a noção de mudança¹⁸.

Entre os procedimentos por ela citados está o uso de *construções copulativas nas quais aparecem os denominados verbos de mudança ou de “devir”*, apresentados a seguir com seus respectivos exemplos, retirados de Porroche (1998)¹⁹:

Ponerse:

(33) ¡Qué pálida se pone la gente cuando se cuentan mentiras!

(Como (que) as pessoas ficam pálidas quando se contam mentiras!)

Volverse:

(34) Uno se vuelve, no voy a decir tímido o cobarde frente a ellos, pero sí, precavido.

¹⁸ En español no existe un verbo que corresponda de un modo exacto al *devenir* francés, al *diventare* italiano, al *werden* alemán o al *become* inglés. Sin embargo, el español, como la mayor parte de las lenguas, dispone de distintos procedimientos (léxicos, morfológicos y sintáticos) para expresar la noción de cambio.

¹⁹ Vamos restringir a discussão a esse quarteto de pseudo-cópulas. A autora comenta, ainda, *trocar-se en, convertirse en e tornarse*, mas decidimos não comentá-las devido à sua pequena frequência comparada de uso.

(A gente fica, não vou dizer tímido ou covarde, perto deles, mas sim, precavido)

Hacerse:

(35) En septiembre, la situación se hizo ya difícilmente sostenible.

(Em setembro, a situação ficou dificilmente sustentável)

Quedarse:

(36) Después de la tormenta, el cielo se quedó violeta durante toda la tarde.

(Depois da tempestade, o céu ficou arroxado a tarde toda)

Cada uma dessas pseudo-cópulas, de acordo com o estudo de Porroche, está associada a uma mudança que pode ser de *estado* ou de *propriedade*. Enquanto no PB a cada uma dessas noções corresponde uma pseudo-cópula diferente, em espanhol, de acordo com o estudo de Porroche (1998), a cada uma dessas noções correspondem duas pseudo-cópulas. Assim, uma análise minuciosa mostra que algumas pseudo-cópulas estão associadas à expressão de mudança de estado, enquanto outras se associam à expressão de mudança de propriedade.

Em termos de classe de palavras a serem empregadas nas construções predicativas, os *estados* são expressos por meio de adjetivos ou participios, e nunca, por nomes. Por outro lado, as *propriedades* são expressas por meio de adjetivos ou nomes, mas nunca, por participios.

Assim, *ponerse* se classifica junto com *quedarse*, no que se refere à dimensão semântica do predicativo: estes estão vinculados à expressão de mudança de *estado*. A expressão de estados também é uma propriedade da

cópula *estar*, com a ressalva de que *estar* não indica mudança, e sim apenas associa o ente a determinado estado que se caracteriza por ser transitório. Por outro lado, *hacerse* e *volverse* expressam mudança de *propriedade* do ente, o que se caracteriza por ser um fenômeno, por definição, irreversível. Neste sentido, estas pseudo-cópulas se assemelham a *ser*, novamente com a ressalva de que esta associa um ente a uma propriedade, sem dar à construção a noção de mudança.

Outra característica semântica que parece ser importante na escolha da pseudo-cópula é se a mudança se dá de forma exclusivamente pontual, sem nenhuma noção extra incluída – neste caso, as pseudo-cópulas *ponerse* e *volverse*, se aproximam e, ao mesmo tempo, se diferenciam de suas contrapartes classificadas acima (respectivamente *quedar(se)* e *hacerse*), pela informação aspectual extra que veiculam: *hacerse* e *volverse* veiculam ambas mudança de propriedade, mas se diferenciam porque *hacerse* implica mudança gradual quando associada a adjetivos relativos; e tanto *ponerse* quanto *quedar(se)* veiculam mudança de estado, mas *quedar(se)* se diferencia de *ponerse* por implicar uma noção semântica embutida de duração ao estado referido pelo predicativo.

Assim, podemos estabelecer um diagrama, bastante esquemático, em que comparamos as características de cada uma das quatro principais pseudo-cópulas do espanhol:

--	--	--

<i>Estar</i>	Não	Estado
<i>Ponerse</i>	Sim	Estado
<i>Quedarse</i>	Sim	Estado
<i>Ser</i>	Não	Propriedade
<i>Volverse</i>	Sim	Propriedade
<i>Hacerse</i>	Sim	Propriedade

De acordo com os critérios adotados anteriormente, nossa discussão vai se centrar nas CME que veiculam mudança de estado, não de propriedade. Da mesma maneira, apenas as pseudo-cópulas que aparecem em construções de mudança serão levadas em conta. Nossa tabela fica, assim, bastante reduzida:

ponerse quedarse

<i>Ponerse</i>	Sim	Estado
<i>Quedarse</i>	Sim	Estado

O que diferencia as duas construções é o aspecto gramatical a elas associado. As construções com *ponerse* não admitem complemento durativo:

(Ana ficou assustada com os gritos)

(40) Sergio con el problema de la
empresa.

(Sérgio ficou preocupado com o problema da empresa)

(41) Ese hombre en la explosión.

(Esse homem ficou cego na explosão)

Os exemplos mostram que tanto a ME físico quanto psicológico podem ser expressas por meio de construções predicativas com *quedar(se)* e todos os exemplos são compatíveis com uma leitura incoativa propiciada pelo complemento delimitativo.

O aspecto gramatical incoativo é também uma propriedade da construção com *ponerse* e constitui o único aspecto veiculado pela construção que tem essa pseudo-cópula:

(42) Con la noticia inmediatamente.

(Com a notícia, ficou chateado(a) imediatamente)

(43) en cuanto llega la jefa.

(ele fica nervoso assim que a chefe chega)

(44) con lo que dijo el director.

(Eles ficaram pálidos com o que o diretor falou)

Com o que demonstramos até aqui, podemos estabelecer uma diferença ulterior entre as duas CME predicativas de mudança de estado no espanhol. Aquela que exhibe a pseudo-cópula *ponerse* tem aspecto gramatical incoativo e

faz referência a um evento pontual. Aquela construída com *quedar(se)*, no que se refere à ME, tem aspecto gramatical incoativo e mais um componente permansivo, o que a diferencia da sua construção concorrente.

O quadro abaixo mostra a diferença entre as duas construções em termos do aspecto gramatical que veiculam:

ponerse quedar(se).

<i>Ponerse</i>	Sim	Estado	sim	Não	Não
<i>Quedarse</i>	Sim	Estado	sim	Não	Sim

Para efeito de ilustração, mostraremos um quadro mais amplo com a classificação aspectual das principais construções predicativas do espanhol, de acordo com a copúla /pseudo-cópula que apresenta.

<i>Estar</i>	Não	Estado	-	-	-
<i>Ponerse</i>	Sim	Estado	sim	Não	Não

<i>Quedarse</i>	Sim	Estado	sim	Não	Sim
<i>Ser</i>	Não	Propriedade	-	-	-
<i>Volverse</i>	Sim	Propriedade	sim	Não	Não
<i>Hacerse</i>	Sim	Propriedade	não	Sim	Não

Ainda com relação à forma, pode-se observar que as construções com a pseudo-cópula *ponerse* têm um clítico obrigatório e que, no caso de *quedar(se)*, o clítico nem sempre aparece, o que é motivo para um amplo debate na literatura pertinente.

quedar(se)

Como mostraremos adiante, *quedar(se)* é a pseudo-cópula mais freqüente na interlíngua, onde aparece em todas as construções predicativas. Procederemos, então, a uma análise mais detida deste elemento para assinalar todas as suas propriedades aspectuais em espanhol. De acordo com a tabela exibida acima, o componente durativo é crucial na determinação do emprego dessa pseudo-cópula, já que, entre os elementos que veiculam a noção de mudança de estado (não de propriedade), é este (e não, *ponerse*), que atribui ao estado em questão a propriedade semântica de duração, como assinalado por Porroche (1998:132):

A expressão *quedarse+adjetivo* ou participio, exatamente igual à construção *ponerse+adjetivo*, expressa mudança e estado, mas se caracteriza por indicar também a idéia de duração ou transcurso do estado.

Esta característica do verbo *quedar(se)* em construção copulativa que acabamos de mencionar explica que os verbos *quedar(se)* e *ponerse* nem sempre sejam

intercambiáveis entre si e que alguns adjetivos cuja substância semântica não possa ser concebida como um estado momentâneo – por exemplo, os que expressam defeitos físicos (cego, surdo, coxo...) o estado civil (solteiro, viúvo...) – apareçam com o verbo *quedar(se)*, mas nunca com *ponerse*.²⁰

Enquanto Porroche associa *quedar(se)* a um componente durativo, Eres Fernández (2005), em um trabalho didático elaborado para brasileiros, associa esse elemento à veiculação de um estado resultante: *Este verbo (...) enfatiza o término, no estado resultante, ou seja, no final da mudança, e esta sempre terá carácter essencial, finalizado e involuntário*²¹. (Eres Fernández, 2005:179).

A idéia de *estado resultante* está associada à noção de processo, ou seja, um estado puro se diferencia de um estado resultante pelo fato de que a duração é um componente extra, não implicado na mudança, ao passo que o estado resultante é entendido como o acúmulo que resulta de um processo, o que implica que a mudança tenha sido, pelo menos, processual.

O comentário de Eres Fernández entra em conflito com a análise de Porroche, uma vez que a primeira se refere à mudança indicada por *quedar(se)* como “essencial”. Entendemos que uma mudança essencial é uma mudança de propriedade, e não um estado que se alcança e que tem duração, como no entender de Porroche. Neste ponto, então, as duas autoras divergem.

²⁰ La expresión *quedar(se)+adjetivo* o participio, exactamente igual que la construcción *ponerse+adjetivo*, expresa cambio y estado, pero se caracteriza por indicar también la idea de duración o transcurso del estado. Esta característica del verbo *quedar(se)* en construcción copulativa que acabamos de mencionar explica que los verbos *quedar(se)* y *ponerse* no siempre sean intercambiables y que algunos adjetivos, cuya sustancia semántica no pueda ser concebida como un estado momentáneo – por ejemplo, los que expresan defectos físicos (ciego, sordo, cojo...) o estado civil (soltero, viudo...) – aparezcan con el verbo *quedar(se)*, pero nunca con *ponerse*.

²¹ Este verbo (...) pone énfasis en la terminación, en el estado resultante, es decir, en el final del cambio, y éste siempre tendrá carácter esencial, finalizado e involuntario.

A riqueza de matizes que as construções predicativas de ME em espanhol oferecem costuma atrair a atenção dos brasileiros a ponto de desvirtuar sua real importância no conjunto da língua espanhola. Nossa hipótese, que nos motivou a efetuar uma quantificação de dados do espanhol, é a de que, a despeito de todo o interesse que despertam essas construções, elas não são as predominantes em espanhol no que se refere à ME. A quantificação teve por objetivo confirmar nossa suposição inicial de que as construções verbais são mais numerosas no espanhol, no que concerne à expressão da ME.

Como mostraremos, a metodologia para obtenção de dados das CME psicológico e físico foi diferente, devido, principalmente aos critérios para obtenção dos verbos empregados na pesquisa. Enquanto as CME psicológico que se encaixam nos nossos critérios são abundantes, as CME físico são muito limitadas.

Para a análise das CME psicológico, tomamos por base os resultados propiciados no PB pela Amostra Censo e para efetuar uma pesquisa das construções correlatas em espanhol, empregamos a base de dados *Corpus de Referencia del Español Contemporáneo* (CREA), um extenso corpus *online* de acesso público, desenvolvido e mantido pela Real Academia de la Lengua Española (RAE). Deste corpus constam registros de todos os países de língua espanhola, bem como mostras de língua oral e escrita, esta última representada por vários gêneros textuais.

Para que pudéssemos estabelecer um parâmetro de análise, pesquisamos no CREA apenas os verbos de ME cognatos dos que apareceram na amostra Censo²².

Embora boa parte dos livros de ensino de espanhol utilizados no Brasil sejam provenientes da Espanha, a língua espanhola aprendida no país pode ser considerada indiferenciada com relação à expressão de um país ou de outro²³, o que nos levou a pesquisar os casos de verbos de mudança sem o recurso da diferenciação dos dados por países. Isso se revelou como uma saída capaz de dar conta da questão da mencionada indiferenciação que o espanhol aprendido e ensinado no país apresenta com relação a traços fonológicos e morfossintáticos particulares de uma região ou variedade sociolingüística, etc. Da mesma maneira, considerou-se, por hipótese, que a diglossia observada no PB entre oralidade e escrita é maior que aquela observável no espanhol de um modo geral (isso permitiu que se pudessem obter dados de certas regiões geográficas que, de outra maneira, não seria possível, já que restringir a análise apenas aos dados da oralidade no CREA restringiria a pesquisa a dados provenientes apenas daqueles países que desenvolveram *corpora* de língua o l, o

Verbo PB	Verbo espanhol
Aborrecer(se)	Enfadarse
Acalmar-se	Calmarse
Admirar-se	Admirarse
Afligir-se	Afligirse
Agitar-se	Inquietarse
Alegrar-se	Alegrarse
Apavorar-se	Aterrarse
Apegar-se	Apegarse
Calar-se	Callarse
Cansar-se	Hartarse/cansarse
Chatear-se	Aburrirse
Decepcionar-se	Desilusionarse
Desanimar-se	Desanimarse
Desesperar-se	Desesperarse
Desgostar-se	Disgustarse
Encantar-se	-----
Enciumar-se	Encelarse
Endoidar(se)	-----
Emocionar-se	Emocionarse
Empolvar-se	-----
Enervar-se	-----
Enfezar-se	Enojarse
Enlouquecer(se)	Enloquecerse
Entristecer(se)	Entristecerse
Entusiasmar-se	Entusiasmarse
Espantar-se	Espantarse
Horrorizar-se	-----
Impressionar-se	Impresionarse
Irritar-se	Irritarse
Invocar-se	-----
Maravilhar-se	Maravillarse
Preocupar-se	Preocuparse
Revoltar-se	Revoltarse
Satisfazer-se	Satisfacerse
Tranqüilizar-se	Tranquilizarse
Transtornar-se	Trastornarse

Há alguns verbos para os quais não encontramos cognatos e a solução foi omiti-los da contagem em espanhol.

A análise do corpus CREA revelou uma preferência significativa dos falantes de espanhol pela construção verbal para a expressão da mudança de

estado. Dos 2026 dados obtidos, 240 foram de predicativas (11%) e 1786 foram de verbais (89%).

Verbo PB	Verbo espanhol	Predicativa	Verbal
Aborrecer(se)	Enfadarse	1	111
Acalmar-se	Calmarse	-	89
Admirar-se	Admirarse	16	27
Afligir-se	Afligirse	-	7
Agitar-se	Inquietarse	2	47
Alegrar-se	Alegrarse	-	256
Apavorar-se	Aterrarse	8	14
Apegar-se	Apegarse	-	11
Cansar-se	Hartarse	2	80
Chatear-se	Aburrirse	-	73
Decepcionar-se	Desilusionarse	-	6
Desanimar-se	Desanimarse	-	24
Desesperar-se	Desesperarse	-	55
Desgostar-se	Apenarse	-	6
Enciumar-se	Encelarse	-	3
Emocionar-se	Emocionarse	1	128
Enfezar-se	Enojarse	1	122
Enlouquecer(se)	Enloquecerse	13	14
Entristecer(se)	Entristecerse	5	27
Entusiasmar-se	Entusiasmarse	2	136
Espantar-se	Espantarse	10	30
Impressionar-se	Impresionarse	55	26
Irritar-se	Irritarse	2	30
Maravilhar-se	Maravillarse	23	24
Preocupar-se	Preocuparse	10	264
Revoltar-se	Rebelarse	-	119

Satisfazer-se	Satisfacerse	45	7
Tranqüilizar-se	Tranquilizarse	43	98
Transtornar-se	Trastornarse	1	8

As maiores ocorrências foram as seguintes:

preocupar 264/10,
alegrar 256/-,
entusiasmar 136/2,
emocionar 128/1,
enojar 122/1,
rebelar 119/-,
enfadar 111/1.

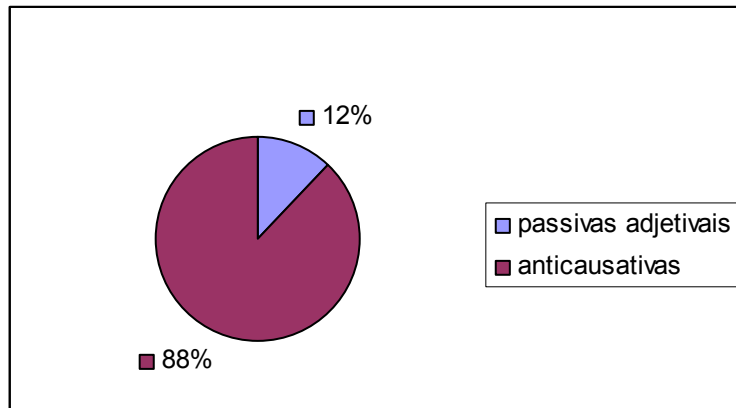
A grande maioria dos verbos (95%) converge para uma massiva preferência pela construção verbal em detrimento da predicativa. A construção predicativa deixou de ser reportada para 11 dos 36 verbos.

Dois verbos contrariaram a tendência geral: apresentaram mais ocorrências de predicativas que de verbais:

Impresionar 55/26

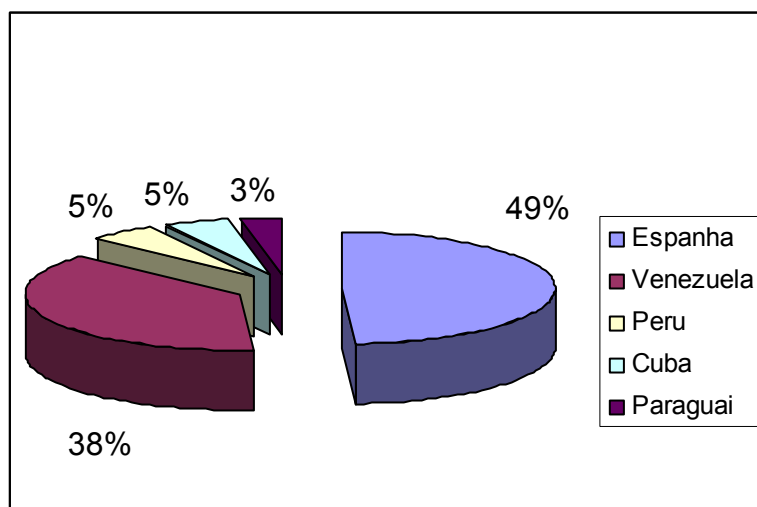
Satisfacer 45/7

que formam, respectivamente, *(me) quedé impresionado(a)*, *(me) quedé satisfecho(o)*. No gráfico, abaixo, pode-se observar a diferença percentual entre as predicativas e as verbais no espanhol.



O total das ocorrências orais de *me quedé* e *se quedó* com predicados psicológicos foi de 37, divididas em 18 provenientes de falantes espanhóis e 19 americanos, estes, divididos em 14 venezuelanos, 2 peruanos, 2 provenientes de Cuba, do mesmo falante (Fidel Castro), e 1 paraguaia. O gráfico abaixo mostra o resultado.

me quedé se quedó



Os adjetivos presentes nas construções,

Muy sorprendido	1	Espanha
De piedra	1	Espanha
Rezagado	1	Venezuela
Bravo	1	Venezuela
Convencido	1	Venezuela
Admirada	1	Venezuela
Estupefacto	1	Venezuela
Impresionado	1	Espanha
Encantado	1	Peru
Asombrad (sic)	1	Espanha
Agitada	1	Espanha

Desses predicados, pode-se observar que cinco deles vêm acompanhados de elementos intensificadores, o que parece facilitar o aparecimento da predicativa. Do mesmo modo, *de piedra*, *frío* e *helado* só se constroem com *quedó*, porque têm uma leitura idiomática. Estes são todos exemplos da Espanha. Se estes forem retirados, devido ao seu valor idiomático, ficam 11 ocorrências para a Espanha contra 19 da América. Se forem retiradas, ainda, as predicativas com adjetivos acompanhados de intensificadores, teremos 9 ocorrências para a Espanha e 17 para a América, de predicativas realmente construídas, como alternativa à construção verbal.

A metodologia para obtenção de verbos de mudança de estado físico foi diferente daquela empregada para a obtenção de verbos de ME psicológico, devido ao fato de que a quantidade de verbos de ME físico que se enquadram nos critérios de escolha é bastante pequena. Os verbos teriam que se enquadrar

em mudanças de estado pontuais e cuja construção tivesse um correlato com a estrutura da predicativa. Em outras palavras, é necessário que haja um verbo e um adjetivo/particípio com a mesma raiz para que seja possível efetuar-se uma quantificação.

Ainda assim, muitos verbos de ME físico como engordar, emagrecer ou envelhecer que denotam processos ficaram de fora do estudo, já que não se referem a mudanças pontuais de estado, e, sim, mudanças de propriedade, que se dão de maneira processual.

Devido à pequena quantidade de verbos de ME físico, tivemos que efetuar a pesquisa de maneira inversa com relação a esses verbos: Com base em um levantamento das ocorrências de [(*se*) *quedó*+predicativo] (total de 773) procuramos aquelas que correspondiam aos critérios estabelecidos para este estudo: que fossem ME físico ocorrendo a sujeitos humanos (i), que se tratasse de mudanças de *estado* e não de *propriedade*, de acordo com a divisão de Porroche (1998), o que significa que se trata de ME físico pontuais e transitórias (ii) e que apresentem contraparte verbal com a mesma raiz (iii). O primeiro critério exclui quase todos os predicativos mais freqüentes de ME físico encontrados no *CREA*, que são os que ocorrem com sujeitos inanimados, como²⁵: aberto, reduzido, atrasado, esclarecido, concretizado, claro, confirmado, demonstrado, congelado, refletido, suspenso, definido, demonstrado, acolhido, recusado, integrado, fechado, incluído, estabelecido, explicitado e convertido, entre outros.

O segundo critério exclui as mudanças de propriedade, que incluem os predicativos como “velho”, “magro”, “gordo” e “cego”, entre outros. Já o terceiro

²⁵ Por questões de clareza, colocamos os predicativos apenas em masculino singular.

critério exclui predicativos como tonto, cuja construção *ficou tonto* tem contraparte verbal (*quedó mareado/se mareó*) em espanhol, e em PB, não.

Assim, os predicativos de mudança de *estado* e não, de *propriedades físicas* que afetam sujeitos humanos e que podem aparecer tanto em construções verbais quanto predicativas são muito poucos e são os únicos que serviram para a nossa contagem.

Os predicativos a que pudemos chegar com base na análise do CREA foram os seguintes: *sonrojado*/ “vermelho” (de vergonha); *pálido*/ “pálido”; *callado*/ “calado”; *confuso*/“confuso”, *enfermo*/”doente”; *resfriado*/”resfriado”; *cansado*/”cansado”. Com base nessa pequena mostra é que efetuamos a quantificação para os verbos de ME físico.

Os resultados para o espanhol, obtidos com o CREA foram os seguintes:

		26
Mareado(a) ²⁷	22	0
Sonrojado(a)	40	0
Pálido(a)	27	5
Callado(a)	184	148
Confundido(a)	77	3

²⁶ Para a análise das ocorrências da contraparte verbal, foram pesquisadas duas concordâncias, ambas no passado, para a primeira e a terceira pessoas do singular do pretérito indefinido para o primeiro caso, as concordâncias seriam: *me mareé* e *se mareó*.

²⁷ Para cada predicativo, foram buscadas as seguintes concordâncias: [*quede* + predicativo] no masculino e feminino singular e [*quedó* + predicativo] no masculino e feminino singular.

Enfermo	114	24
Resfriado(a)	5	0
Cansado (a)	301	0

Os dados, mais uma vez, mostram preferência, em espanhol, pelas CME verbais. É necessário observar que todas as construções que tiveram ocorrência equivalente a “zero” são construções atestadas na língua, ainda que possam ser consideradas marginais.

Para a contagem correspondente em PB, a amostra Censo não serviu para que pudéssemos efetuar uma contagem para comparação, devido ao seu reduzido tamanho e à baixa quantidade de ocorrência desses verbos. Dos predicativos e verbos em questão houve apenas duas ocorrências de “zozzo” e duas de “calado” que atendiam os critérios em questão. Nenhuma ocorrência dos verbos em questão foi registrada. Efetuamos uma análise tentativa da frequência de algumas concordâncias com esses verbos no sistema de buscas *online Google*, limitando-nos às páginas do Brasil, para buscar indícios do comportamento do PB com relação às construções de ME físico que se enquadram nos critérios acima, ou seja, pontuais, de estado, e não, propriedade, e caracterizando sujeitos humanos. Os resultados que obtivemos foram os seguintes²⁸:

--	--	--

²⁸ Os predicados marcados com asteriscos não podem ser computados, uma vez que o correspondente de *mareado* do espanhol, “tonto”, não tem contraparte verbal, e entre as construções “fiquei confuso” e “me confundi” há diferença de sentido.

Tonto(a)	*	*
Vermelho(a)	154	438²⁹
Pálido(a)	596	445
Calado(a)	1017	642
Confuso(a)	*	*
Doente	708	798
Resfriado(a)	202	143
Cansado (a)	1540	403

Os poucos dados que obtivemos mostra que em quatro dos seis casos de construções predicativas prevaleceram sobre as construções verbais no PB.

A quantificação, na qual procuramos controlar a incidência total de CME predicativas e verbais – para os predicados mencionados – não deixa dúvidas de que a construção preferida em espanhol para a expressão da ME é a verbal. Isso confirma as nossas hipóteses e demonstra que PB e espanhol divergem profundamente no que se refere à tendência de cada língua à expressão da ME. Enquanto, para as CME psicológico, o PB tende a expressar a ME por meio de construções predicativas em 70% dos casos, o espanhol tende a expressar esse mesmo fenômeno com outra construção, a verbal, e isso se dá em 89% dos

²⁹ Como o *Google* apresenta apenas textos escritos, atribuímos a maior ocorrência dos predicados “corar” e “adoecer” que as suas contrapartes predicativas, à influência da língua escrita em detrimento de registros mais coloquiais.

casos. Os resultados para as CME físico, ainda que não detalhados com a mesma precisão que para as CME psicológicas, pelas razões expostas, mostram que com as CME físico ocorre um processo semelhante.

Com isso, podemos afirmar que o espanhol se comporta de maneira bastante uniforme no que concerne à expressão da ME e que as construções predicativas, que tanto interesse despertam nos brasileiros, são construções marcadas e que acabam ocupando um lugar indevido na discussão sobre as construções de mudança de estado. O interesse pelos matizes semânticos das pseudo-cópias correspondentes a “ficar” do PB ofuscam a real diferença na veiculação da ME nas duas línguas: que o PB expressa a mudança por meio de construções copulativas, cujo núcleo do predicado é um nominal (adjetivos ou participios), enquanto o espanhol expressa a ME por meio de construções cujo núcleo do predicado é um verbo. Como demonstraremos na análise, essa diferença é crucial para entendermos todo um conjunto de fenômenos divergentes na comparação entre PB e espanhol.

Nesta seção apresentaremos os dados da interlíngua que obtivemos junto a falantes de interlíngua estável. Constituem dois conjuntos: o primeiro, de produção, e o segundo, de língua-I, ou seja, da representação das construções na gramática mental do aprendiz, efetuado junto a outro conjunto de aprendizes, que corrobora os achados do primeiro.

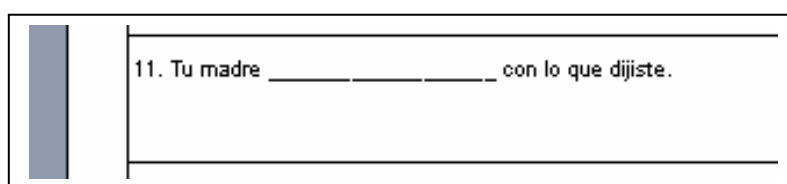
O teste de produção visava a observar como a mudança de estado é expressa na interlíngua. As hipóteses que motivaram este estudo foram as seguintes:

a) por observação empírica, tínhamos a suposição de que o aprendiz brasileiro prefere representar a mudança de estado por meio de construções predicativas;

construções pr51/GS1 gs0 truçoetx -2.icativas;c foct0.0005 Tc0.5031 Tw[(struções 9a interri

verbal que julgavam adequada em espanhol, a parte que faltava em cada sentença, à medida que estas iam sendo projetadas na tela. Do total de 40 sentenças, 32 eram distratoras e 8, experimentais, respeitando, portanto, os critérios da metodologia psicolinguística, que determinam que, no mínimo, dois terços dos itens sejam de distratores. As sentenças experimentais envolviam eventos de mudança de estado, de causa externa, momentâneos e reversíveis.

As sentenças experimentais foram dispostas aleatoriamente e empregou-se o recurso ao bloco individual para respostas para que não fosse possível ao participante comparar suas respostas para as questões anteriores.



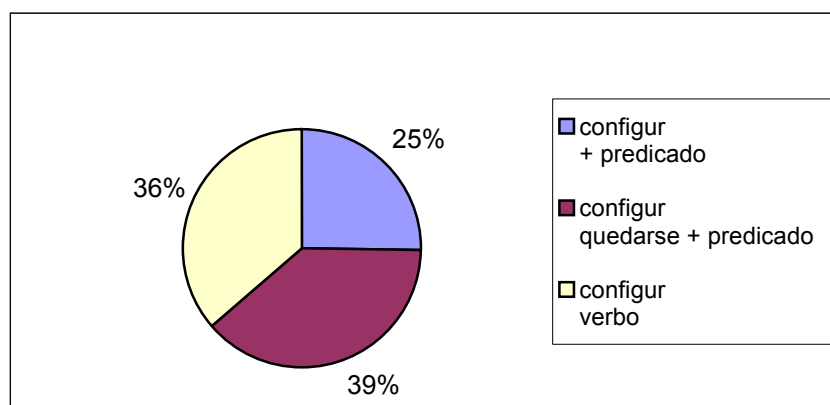
11. Tu madre _____ con lo que dijiste.

O grupo de participantes testados era constituído de 17 indivíduos brasileiros adultos, falantes de interlíngua de espanhol estável. O critério adotado para a identificação do nível de interlíngua dos participantes foi o de que todos eram professores de espanhol, formados por diversas universidades da região do Rio de Janeiro (UFRJ, Unigranrio, Faculdades Castelo Branco e Universidade Estácio de Sá).

Dos 17 questionários respondidos, apenas 10 puderam ser computados, devido a respostas em branco em alguma das sentenças experimentais ou respostas escritas em folhas trocadas. Assim, foram analisados os dados de dez professores brasileiros.

O esperado para que se pudesse postular – por meio das evidências obtidas no teste de produção – que os aprendizes tinham adquirido a maneira de expressar a mudança de estado em espanhol seria encontrar um número maior de construções verbais que de predicativas; um resultado que refletiria a distribuição dessas construções no espanhol, levantada por nós com base em dados do Corpus CREA.

No entanto, os resultados obtidos demonstraram uma preferência dos professores brasileiros pelo emprego das passivas adjetivais em lugar do esperado uso das construções anti-causativas. 64% das respostas configuraram as construções [*quedó/ha quedado+predicativo*] y [*se quedó/se ha quedado+predicativo*], ao passo que 36% das respostas empregaram a construção verbal inacusativa. A figura abaixo mostra a distribuição das respostas, nas três configurações:

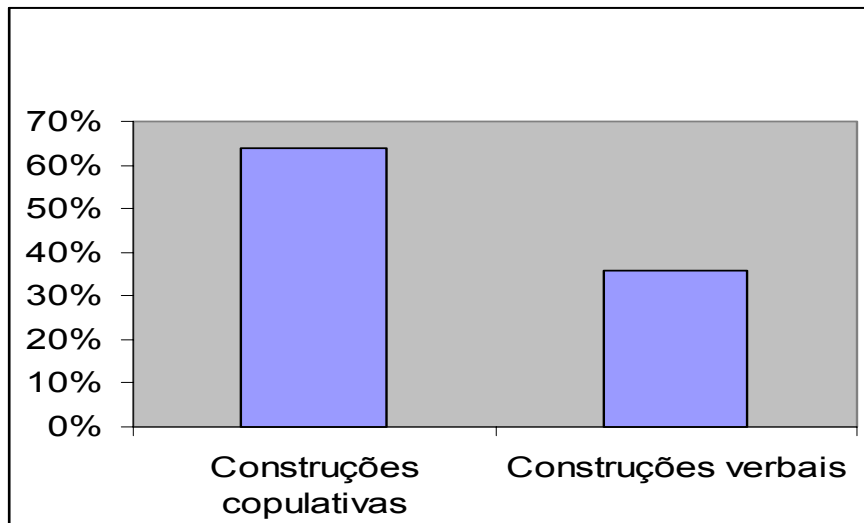


As respostas se dividem nas três configurações a seguir: as preditivas se dividem em dois tipos: com o clítico e sem o clítico. A configuração (1), [*quedar+predicado*] se *Ella quedó asustada con el*

ruido (ela ficou assustada com o barulho). 25% das respostas foi de predicativas nesta configuração. A configuração (2) [*quedarse+predicado*] pode ser representada pela seguinte variante do exemplo anterior: *Ella se quedó asustada con el ruido*. Esta foi a configuração preferida, aparecendo em 39% das respostas. A construção verbal inacusativa constitui a configuração (3) do fenômeno em questão, com a configuração [*se+verbo*]. O exemplo correspondente aos anteriores seria *Ella se asustó con el ruido*.

Estes resultados mostram uma preferência na expressão dos brasileiros na interlíngua por resultados que combinam a construção predicativa com o morfema *se* (39%), seguida da construção verbal, que também tem o morfema *se* (36%) e em seguida a predicativa pura, sem o clítico, com 25%.

Se levarmos em conta a diferença entre a expressão da mudança de estado por meio de construções verbais, de um lado, e predicativas, de outro, obtém-se uma preponderância significativa de construções copulativas, da ordem de 64% para as copulativas e de 36% para as verbais inacusativas, como mostra a tabela abaixo:



As principais conclusões a serem tiradas deste estudo são: que os brasileiros falantes de interlíngua de espanhol estável tendem a expressar a mudança de estado, seja física, seja psicológica, por meio de construções copulativas (i), e que a interlíngua apresenta a mesma pseudo-cópula para todas as construções copulativas (*quedar[se]*), frente à diversidade de pseudo-cópulas apresentada pelo espanhol, onde são selecionadas de acordo com o aspecto gramatical que devem imprimir a cada construção de mudança de estado (ii).

Os dados da produção corroboram a hipótese de que os brasileiros constroem a mudança de estado preferentemente por meio de construções predicativas e que, diferentemente do espanhol, uma mesma pseudo-cópula pode ser empregada em qualquer construção predicativa de mudança de estado. No entanto, esses dados não refletem necessariamente a concepção que os aprendizes têm desse fenômeno, uma vez que, entre a concepção de determinado fato lingüístico e a expressão desse mesmo fato, intervêm fatores das mais variadas ordens, desde condições de processamento da fala até

questões de desempenho, que envolvem a pragmática e as chamadas “pressões discursivas”, no dizer de Moura Neves (1999).

Isso significa que um teste como o efetuado acima comprova como se dá a sua capacidade no nível da expressão, mas nada pode informar a respeito da compreensão e da representação desses conceitos na cognição do aprendiz. Em outras palavras, não é capaz de refletir as concepções presentes na língua-I do indivíduo, em sua gramática mental.

Um teste visando a descobrir a representação desse conceito na gramática mental dos aprendizes foi por nós elaborado um ano depois e aplicado a outro grupo de falantes de interlíngua nas mesmas condições. Esse experimento será descrito na seção seguinte.

Este teste buscou a representação lingüística das construções de mudança de estado, físico e psicológico, na gramática mental de aprendizes brasileiros de espanhol. Trata-se de um julgamento de gramaticalidade escalar, baseado no formulário *96M-section 1 grammar*, produzido pela Universidade de Wisconsin (1998).

Consiste na aplicação de um questionário para o grupo, no qual as frases a serem julgadas foram projetadas na tela com auxílio do *Datashow* durante um tempo controlado³¹. Os participantes tinham em mãos apenas uma folha de respostas com quatro possibilidades de julgamento: *-2, -1, +1 e +2* para cada uma das questões numeradas. Os valores correspondiam, respectivamente, às seguintes situações de aceitabilidade: *inaceitável, pouco aceitável, algo*

³¹ O questionário completo encontra-se no anexo 2 desta Tese.

aceitável e totalmente aceitável. O grau zero, que consta do formulário original não foi incluído como opção para resposta, em atenção às observações sugeridas por White (2003).

Pontuação: Grau de aceitabilidade da sentença:

Inaceitável > pouco aceitável > algo aceitável > totalmente aceitável

-2 -1 +1 +2

1.	-2	-1	+1	+2	25.	-2	-1	+1	+2
2.	-2	-1	+1	+2	26.	-2	-1	+1	+2
3.	-2	-1	+1	+2	27.	-2	-1	+1	+2
4.	-2	-1	+1	+2	28.	-2	-1	+1	+2

O grupo de participantes testados era constituído de 13 indivíduos brasileiros adultos, falantes de interlíngua de espanhol estável. O critério adotado para a identificação do nível de interlíngua dos participantes foi o de que todos eram professores de espanhol, formados por diversas universidades da região do Rio de Janeiro (UFRJ, UERJ, UFF, Unigranrio, UniverCidade, Faculdades Castelo Branco e PUC-Petrópolis).

O questionário constava de 16 sentenças experimentais. (11 na configuração [*quedar(se)* + predicativo] e cinco na configuração [*quedar(se) con* + predicativo]). Das onze primeiras, seis consideradas “inaceitáveis” pelo grupo de controle e cinco consideradas “aceitáveis”. Das cinco últimas, uma considerada aceitável e quatro, inaceitáveis. Distratoras: 32, total: 48.

O grupo de controle constou de nove argentinos adultos, falantes nativos de espanhol, residentes em Buenos Aires, Argentina.

A hipótese de trabalho era a de que, com base na observação empírica, os aprendizes tendem a associar, na língua-I, construções participiais a eventos de aspecto gramatical incoativo, procedimento corrente nas CME do PB, conforme detalharemos mais adiante, e que em espanhol se dá ao contrário, onde o procedimento mais comum é de se associar-se as CME de aspecto incoativo às construções verbais. Essa hipótese se funda na suposição, de nossa parte, de que a forma como esse fenômeno é concebido na língua materna influencia a representação da interlíngua estável. O experimento foi realizado com o intuito de corroborar essas suposições.

Os resultados individuais do grupo de controle e do grupo de brasileiros para cada sentença experimental estão detalhados no anexo 2, que apresenta também o conjunto das sentenças testadas. Os resultados mostram que a maioria das construções consideradas inaceitáveis no espanhol, por empregarem o participio na expressão de eventos incoativos, são plenamente aceitas na interlíngua.

Assim, as seguintes construções experimentais foram julgadas como inaceitáveis por falantes nativos de espanhol:

(45) Es muy celosa. Siempre que el móvil del marido está sin servicio, .

(É muito ciumenta. Sempre que o celular do marido está fora de serviço, fica desesperada)

(46) Cuando empieza el ruido, la jefa

(Quando começa o barulho, a chefe fica com dor de cabeça)

(47) Cuando hay reunión, Sergio con
todos los asuntos que se discuten.

(Quando tem reunião, Sérgio fica preocupado com todos os assuntos que
são discutidos)

(48) Como fuma, cada vez que sube una
escalerita.

(Como fuma, fica cansado cada vez que sobe uma escadinha)

(49) Tu mujer se fue porque de tus vicios.

(A sua mulher foi embora porque ficou cheia dos seus vícios)

Entre as seis sentenças com [quedar(se)+predicativo] consideradas inaceitáveis por falantes do espanhol, cinco delas foram consideradas aceitáveis pelo grupo de brasileiros falantes de interlíngua estável. A única sentença considerada inaceitável tanto por nativos quanto por brasileiros foi *Mi hija quedó mareada después de la cena tres días seguidos* (A minha filha ficou tonta depois do jantar três dias seguidos), e, ainda assim, 4 dos 13 participantes brasileiros atribuíram valor de plenamente aceitável (+2) a essa construção.

Das cinco sentenças com [quedar(se)+predicativo] consideradas aceitáveis por falantes do espanhol, todas foram consideradas aceitáveis pelo grupo de brasileiros falantes de interlíngua estável. Este resultado era previsível dentro da nossa hipótese, uma vez que estas construções são possíveis também na L1.

Igualmente, procuramos, nas distratoras, alguns efeitos marginais (*side effects*) da preferência pelo emprego do participio nas construções.

grau de aceitabilidade -2: 1 participante

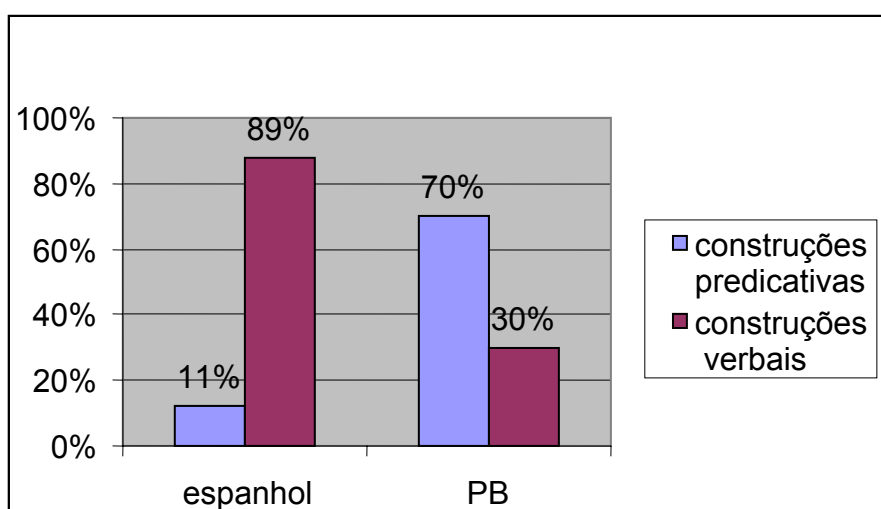
Isso significa que, em termos de maiorias absolutas, esta construção obteve o grau de aceitabilidade (+1) em uma escala variante de (-2) a (+2). Em termos de aceitabilidade, esta construção foi classificada como aceitável, pois nove participantes a classificaram com o grau (+1) ou (+2) e quatro, com o grau (-1) ou (-2). Ainda, a maior quantidade de respostas não se dividiu entre aceitabilidade e inaceitabilidade, mas se distribuiu no âmbito da aceitabilidade, com oscilação entre aceitabilidade média (+1) e aceitabilidade plena (+2), frente ao *status* de “inaceitável” atribuído pelos falantes nativos.

Uma análise qualitativa das construções em espanhol e PB revela que tanto PB quanto espanhol podem construir predicativas e verbais; em termos distribucionais, o espanhol apresenta poucas verbais de ME sem o clítico (enloquecer, enfermar³², callar, enmudecer) e as restrições notadas para as CME psicológico para o PB são similares em espanhol.

Pudemos demonstrar que, no que se refere à ME, o espanhol tem duas pseudo-cópias enquanto o PB tem apenas uma, e que isso diferencia a distribuição das pseudo-cópias de uma língua e da outra. Isso significa que a construção [ficar+predicativo] no PB é empregada no lugar onde seriam empregadas [ponerse+predicativo] e [quedar(se)+predicativo], o que mostra que a distribuição de [ficar+adjetivo] é maior que de sua construção aparentemente cognata [quedar(se) + predicativo].

³² Aceita sem o clítico no presente por falantes tanto do Rio da Prata quanto de Cuba.

Onde se nota realmente uma diferenciação tangível e substancial entre as duas línguas é nos dados de frequência de emprego de uma e outra construção. Assim, PB e espanhol divergem radicalmente no que se refere à distribuição de construções predicativas e verbais, já que, como mostramos, o PB tende a representar a ME por meio de uma construção predicativa (o que ocorre em 70% dos casos) enquanto em 89% dos casos o espanhol representa a ME por meio de uma construção verbal, para as CME psicológico, como mostra o quadro abaixo.



Analisando os resultados para as CME psicológico, observa-se que enquanto no PB falado do Rio de Janeiro se dá uma preferência de 70% pelo uso da predicativa, esta construção não parece favorecida pelos dados do espanhol, já que aparece em apenas 11% do total dos dados. O espanhol mostra uma expressiva preferência pela verbal, que constitui 89% dos dados, enquanto numa comparação com o PB, apenas 30% dos dados apresentam esta

construção. Com relação às predicativas que ocorreram no corpus espanhol, os casos foram distribuídos meio a meio entre Espanha e países americanos.

Com estes resultados, fica comprovado que os brasileiros produzem muito mais predicativas (70%) para indicar mudança de estado psicológico que os falantes de espanhol (11%). Essa era uma das hipóteses iniciais do trabalho, que fica comprovada. Resta investigar se essa característica do PB influi na produção dos aprendizes, o que constitui a segunda hipótese.

Estes resultados constituirão o padrão considerado típico do *steady state* (estado final resultante de um processo de aquisição/aprendizagem) ideal da língua meta (White, 2003).

Os dados da IL, por sua vez, mostram que ela tende a repetir o procedimento do PB de representar a ME por meio da construção predicativa, com uma frequência similar: isso ocorreu em 64% dos casos. Outra característica da IL é que, ao elaborar CME predicativas, a pseudo-cópula empregada é *quedar(se)* e que esse elemento diverge, no que tange à sua distribuição, da construção aparentemente cognata em espanhol, [*quedar(se)+predicativo*].

Neste capítulo dividiremos a produção das CME dos brasileiros aprendizes de espanhol em dois fenômenos, que chamamos problemas 1 e 2, e correspondem, respectivamente, ao emprego do *elemento quedar(se)* como pseudo-cópula única da interlíngua (i) e à preferência pelas construções predicativas no lugar das verbais (ii). Em seguida, mostramos que este segundo problema é parte de uma questão mais ampla, que envolve também as CME cujo predicativo está composto de um sintagma preposicional, e também, as passivas. A produção de interlíngua que envolve essas construções apresenta a mesma tendência de representá-las por meio de construções predicativas. Terminamos o capítulo mostrando que essas construções formam uma classe natural, a das construções de sujeitos não-ativos (a voz que se opõe à ativa) e mostramos que o PB faz uma distinção entre construções de sujeitos humanos ativos (agentes) e não-ativos (pacientes e experienciadores), e que essa distinção, que não se observa no espanhol, é transportada para a interlíngua.

A análise da produção de brasileiros falantes de espanhol traz duas revelações importantes: a primeira é que o brasileiro tende a lançar mão de uma pseudo-cópula única para representar todo tipo de mudança de estado, construída como construção predicativa. Essa pseudo-cópula é *quedar(se)*. A segunda é que o brasileiro prefere a construção predicativa para a expressão da mudança de estado em espanhol/interlíngua.

A primeira observação, referente ao emprego de uma única pseudo-cópula nas construções predicativas da interlíngua, foi classificada por nós como problema 1 e a segunda observação, concernente à desigualdade de escolha pelas estruturas sintáticas entre interlíngua e espanhol, constitui, para nós, o que chamaremos de problema 2. Esses dois fenômenos caracterizam a interlíngua do brasileiro falante de espanhol, seja aprendiz ou falante de interlíngua estável.

Estes dois fenômenos não estão isolados. O problema 1, o único ao qual os pesquisadores que trataram do assunto até agora se dedicaram, é um dos produtos do processo mais abrangente, que envolve diferenças na estrutura das línguas, e que classificamos aqui como problema 2.

No que diz respeito às construções predicativas, pode-se notar que, ao passo que o espanhol utiliza um amplo conjunto de pseudo-cópulas, especificadas com relação ao aspecto do evento que se quer veicular, a interlíngua apresenta uma pseudo-cópula geral, que se encaixa nas mais variadas situações, independentemente do aspecto gramatical e dos componentes de significado da mudança que se deseje veicular.

Dessa maneira, podemos proceder a uma análise, que pretende ser minuciosa, dos problemas que um aprendiz de espanhol enfrenta e de como pode ser caracterizada sua produção em interlíngua estável no que concerne às CME.

A construção predicativa tem sido tema de diversos trabalhos, tanto no âmbito do espanhol em si mesmo (Porroche, 1998), quanto no âmbito do espanhol para brasileiros, de ordem investigativa (Andrade, 2002) ou didática (Eres Fernández, 2005), entre outros. A questão se apresenta da seguinte maneira; como se a miríade de pseudo-cópulas que o espanhol apresenta provocasse uma hipertrofia do problema no âmbito da aquisição/aprendizagem de ELE e que, com isso, não sobrasse espaço para observar a questão mais ampla que abarca o problema 1 e se estende para outras construções, como teremos oportunidade de demonstrar.

Os testes de interlíngua (IL) rea11 T[(i)]TJ5.138 0 TD[(dos de11 53(o)-03(onstrma que e

vza

r(se())]TJ/TT

enfocando. A questão crucial, na minha opinião, é que o uso excludente de ‘quedar(se)’ em contextos de transição e mudança nos leva a interpretá-lo com seu valor de ‘permanência em um estado’, daí a sua falta de aceitabilidade em espanhol.³³

Considerações teóricas à parte – uma vez que Lieberman trabalha com semântica lexical e nós não – ela assinala que o elemento *quedar(se)* tem uma semântica diferente na interlíngua e no espanhol. O *quedar(se)* da interlíngua se assemelha ao “ficar” do PB, uma vez que este elemento é compatível com propriedades e com estados, com o aspecto incoativo e também o permansivo, e representa tanto eventos de mudança graduais quanto pontuais.

Andrade (2002) efetua uma comparação entre as realizações de “ficar” em uma tradução brasileira de *Cien Años de Soledad*, de Gabriel García Márquez e suas realizações correspondentes no original. No que diz respeito à expressão da mudança de estado, o resultado é que “ficar” se encontra nos ambientes onde em espanhol aparecem *hacerse, volverse, ponerse, quedar, quedarse, estar* e *ser* no original, como demonstram alguns exemplos (retirados de Andrade 2002:104-114).

(52) A vegetação se fez cada vez mais insidiosa, e cada vez mais longínquos os gritos dos pássaros e a algazarra dos macacos, e o mundo triste para sempre.

³³ El problema de interpretación que se nos presenta a los nativos es el de no saber exactamente cuál es la fase subeventiva que enfoca el hablante de portugués brasileño. El tema crucial, según mi opinión, es que el uso excluyente de *quedar(se)* en contextos de transición y cambio, nos lleva a interpretarlo con su valor de ‘permanencia en un estado’, de ahí su falta de aceptabilidad en español.

(La vegetación fue cada vez más insidiosa y cada vez más
lejanos los gritos de los pájaros y la bullaranga e los monos, y el mudo
triste para siempre)

(53) Se você pretende louco, sozinho.

(Si has de loco, tú solo)

(54) O senhor Apolinar Moscote pálido.

(Don Apolinar Moscote pálido)

(55) –Se me pegarem tranqüila, não falarei.

(-Si me agarran, puedes tranquila, no hablaré)

(56) Quando acordaram, já com o sol alto, pasmos de
fascinação.

(Cuando despertaron, ya con el sol alto, pasmados de
fascinación)

(57) O senhor tranqüilo, meu sogro.

(Usted tranquilo, mi suegro)

(58) Aureliano escreveu o nome num papel que pregou com cola
na base da bigorninha: tás. Assim, certo de não esquecê-lo
no futuro.

(Aureliano escribió el nombre en un papel que pegó con goma en la base

Isso faz de “ficar” um elemento polivalente ou multifuncional, correspondente ao primitivo semântico incoativo BECOME do inglês, que, crucialmente, pode entrar na maioria das construções copulativas, independentemente do aspecto gramatical que se queira veicular. Este elemento, proveniente da semântica lexical, é considerado uma noção semântico-cognitiva primitiva presente em todos os eventos de mudança de estado, de acordo com teóricos como Pustejovsky (1995), Jackendoff (1990), Levin & Rappaport Hovav (1995), entre outros. De acordo com esta teorização, um evento complexo é decomponível em diferentes subeventos, cada um deles associado a uma noção semântica primitiva, que inclui as noções de *devir*, *causação* e *agentividade*, entre outras. Estes primitivos semânticos aparecem representados na Gramática Gerativa na semântica formal de Kratzer (1996) e Pylkkanen (1999) entre outros.

Observe-se que “ficar”, como salientado no trabalho de Andrade (2002), tem usos que extrapolam a expressão da mudança de estado. “Ficar” em PB corresponde a:

- (i) estacionar em certo lugar, permanecer;
- (ii) estar situado, situar-se;
- (iii) passar a ser ou estar (mudança de estado ou condição), tornar-se;
- (iv) *ficar com*: manter sob sua posse, guarda ou tutela;
- (v) ficar a (alguém): provir, resultar;
- (vi) *ficar de*: comprometer-se, encarregar-se;
- (vii) *Intransitivo*: (per)durar, permanecer, persistir.

De acordo com Andrade (2002:65), a pseudo-cópula do espanhol que se distribui pela maioria desses usos é *quedar(se)*. A multiplicidade de usos de *quedar(se)* frente às demais pseudo-cópulas se apresenta como uma forte razão para que os aprendizes de espanhol tenham “escolhido” *quedar(se)* como a pseudo-cópula geral da interlíngua. Em outras palavras, queremos dizer que o uso de *quedar(se)* em lugar de “ficar” em contextos apropriados, como de localização, por exemplo, pode ter feito esse elemento migrar aos demais usos de “ficar” em PB e estabelecer-se como a pseudo-cópula típica da mudança de estado da IL.

Na interlíngua, o aparecimento de *quedarse* nos contextos de construções predicativas consiste em uma reformulação de algumas propriedades gramaticais constantes do sistema da IL. González (1998:246), ao estudar (a ausência d’) Os clíticos na produção de interlíngua de brasileiros aprendizes de espanhol, faz a seguinte observação:

De acordo com os pressupostos teóricos apontados, defende-se que o processo de aquisição/aprendizagem do espanhol (doravante E) por falantes nativos de português brasileiro (doravante PB) ocorrem certos fenômenos de transferência que afetam a compreensão dos valores e a produção de construções com pronomes pessoais plenos ou nulos.

Trata-se, ao mesmo tempo, da influência de um conjunto de propriedades de uma área em ‘tensão’, nos termos de Kato & Tarallo, da gramática do PB e, mais ainda, do próprio processo de aquisição desta área da gramática do PB pelos falantes dessa língua, sobre a interlíngua de aprendizes do E como língua estrangeira. Esta influência produz efeitos variados e difusos, que podem redundar tanto em construções que aproximam a gramática da IL da gramática da L1, em função de certo grau de insensibilidade aos dados do *input*, como em construções que distanciam a gramática da interlíngua tanto da L1 como da L2.

Ainda que González esteja tratando especificamente do parâmetro do sujeito nulo e da realização do objeto na IL, ela comenta a questão da exposição do aprendiz aos gatilhos desencadeadores da aquisição presentes no *input* da língua-alvo. A interlíngua de brasileiros no que concerne especificamente à questão dos clíticos é caracterizada por processos de reestruturação conduzidos por pistas desencadeadoras, mas ao mesmo tempo influenciados pelo *status* difuso do referido parâmetro na L1. González reconhece que há uma modificação das propriedades da IL, mas que essa modificação se caracteriza por resultados não-uniformes, que às vezes podem coincidir com os procedimentos gramaticais da L1 e às vezes podem refletir resultados inesperados tanto para L1 quanto para L2.

A IL de brasileiros aprendizes de espanhol, para González (1998), no que se refere ao seu fenômeno em estudo, pode ser caracterizada, não necessariamente pela transferência de procedimentos gramaticais da L1, mas por reestruturações com base em desencadeadores do *input* (cujo resultado pode coincidir ou não com os procedimentos da língua-alvo), mas também por o que chama de *inibições (avoidances)* que são as saídas estruturais empregadas pelos aprendizes para dizer “o mesmo”.

Gonçalves (2006:49), ao estudar a aquisição do português de Moçambique como L2 também fala da ambigüidade dos dados:

Neste estudo, assume-se que a mudança lingüística é gerida pela aquisição, considerando-se que as evidências que fazem emergir (“trigger”) a gramática de uma língua particular são diferentes conforme essa língua é adquirida como L1 ou L2, dado que o estágio inicial da aquisição é

diferente em cada um destes casos. Assim, mostrar-se-á como é que, para além de o *input* de uma língua poder ser ambíguo tanto para aprendentes que a adquirem como L1 como para L2, certas estruturas são ambíguas apenas para os aprendentes de L2, devido à influência do conhecimento que já possuem da gramática da sua L1. A ambigüidade resulta assim do fato de o *input* ser analisável na base das propriedades gramaticais da L1 dos aprendentes, levando á incorporação de algumas dessas propriedades na gramática da L2.

Tanto a observação de González quanto a de Gonçalves apontam para a influência na aquisição da L2 daquele sistema preexistente no estado inicial da interlíngua. Em termos claros, a diferença entre a aquisição de L1 e a de L2 está estreitamente relacionada à configuração do estado inicial do indivíduo que se encontra frente a tarefa de adquirir uma língua. Quando não há um sistema pronto nesse estágio inicial, e apenas opera a Gramática Universal, a abordagem ao *input* feita pelo indivíduo é de um tipo, e quando há experiência lingüística prévia, a abordagem ao *input* da nova língua é guiada pelo sistema que o indivíduo já conhece (e pela Gramática Universal [direta ou indiretamente] e pelo “dispositivo de aquisição da linguagem”). Como observado por Selinker (1972) e muitos outros pesquisadores, no estágio final da interlíngua, inclusive em testes de representação, não se obtém o esperado conhecimento da língua “de nível nativo”. (Selinker 1972 relata que, em testes de produção³⁴, apenas 5% dos indivíduos por ele testados apresentavam uma “competência” de nível “próximo ao nativo”).

O que pode determinar essa diferença?

³⁴ Estamos cientes, como já esclarecemos anteriormente, da diferença qualitativa entre resultados de testes de produção e de representação.

Uma maneira de tratar essa diferença seria explorando a diferença entre a forma como os dados da língua nova são representados na gramática mental do indivíduo.

Uma importante hipótese no âmbito da pesquisa sobre o desenvolvimento das interlínguas é aquela apresentada por Liceras (1997) sobre diferenças na representação mental entre dados de língua materna e os de língua estrangeira. De acordo com a autora, as diferentes naturezas do aprendizado de uma L2 e da L1 vão determinar as diferentes características de língua interna de um indivíduo. Liceras (1997:15), ao discutir o problema lógico de aquisição não-primária de linguagem, afirma:

A questão que precisamos responder é por que aprendizes adultos não fixam parâmetros ou não percebem os traços abstratos “sugeridos” pelos paradigmas morfológicos, por que eles têm representações gramaticais “sem traços” (Eubank 1996). O que queremos propor é que aprendizes de L2 não têm acesso aos “elementos”, nem mesmo aos “cromossomas” que provêm o fenótipo para as línguas. Eles têm acesso unicamente às propriedades que derivam dos cromossomas. Esta é a razão pela qual a aprendizagem de L2 se dá por meio de reestruturação local³⁵.

Assim, Liceras sugere que enquanto na aquisição da L1 os aprendizes têm acesso direto aos elementos desencadeadores que vão determinar o fenótipo, a aparência das estruturas sintáticas daquela língua, na aquisição de L2, por sua vez, o aprendiz obtém as pistas cognitivas para estabelecer o ‘fenótipo’ daquela língua por meio de pistas qualitativamente diferentes daquelas facilitadas na L1.

³⁵ The question that we have to answer is why adult L2 learners do not set parameters or do not perceive the abstract features “suggested” by the morphological paradigms (Liceras et al., in press; Liceras et al. 1996) why do they have grammatical representations which are “featureless” (Eubank 1996). What we would like to propose is that L2 learners do not have access to the “elements”, nor even to the “chromossomes”, which provide the phenotype for languages. They only have access which derive from the chromossomes. This is the reason why L2 learning proceeds via local re-structuring.

No caso da linguagem não-nativa, o “crescimento” [do órgão da linguagem] não tem as mesmas características [que no caso da L1]. Em primeiro lugar, é muito provável que os princípios e categorias (o inato) sofram mudanças ligadas à interação com o meio e com outros sistemas cognitivos, e, em segundo lugar, o mecanismo de seleção pode também diferir quanto à forma como se relaciona com o papel desencadeador do *input*. Na realidade, o que vamos propor é que na aquisição da linguagem não-nativa, e, principalmente por adultos, nos encontramos frente a um processo de seleção a partir de padrões mais abstratos (resultado da interação com os desencadeadores da L1) e diante de um inventário desigual em quanto ao peso dos diferentes elementos (os que se destacam na L1 foram ativados, o resto, não). Estes padrões mais abstratos se constatarem com os dados do *input* de forma que não permitem o acesso aos desencadeadores, e, sim, acedem diretamente aos padrões estruturais e ajustam o *input* a partir de mecanismos não de “crescimento”, e, sim, de “reconstrução”.³⁶ (Liceras & Díaz, 2000:43-44)

Por alguma razão, o aprendiz não tem acesso aos desencadeadores morfológicos que determinam a sintaxe da nova língua. As características que configuram essa nova sintaxe, na maioria dos casos, vão ser desenvolvidas por meio de procedimentos não-primários na cognição do aprendiz, o que ela chama de evidência indireta. A evidência indireta configura a diferença entre os processos de aquisição de L1 e de L2, uma vez que, pelo fato de não se dar pelos meios caros à aquisição de L1 (como a flexão, por exemplo), esta evidência não funciona como um desencadeante sintático, e sim como uma pista tênue que conduz a uma reestruturação de dado estado intermediário da interlíngua, e em

³⁶ En el caso del lenguaje no nativo el “crecimiento” no tiene mismas características. En primer lugar, es muy probable que los principios y categorías (lo innato) sufran cambios ligados a la interacción con el medio y con otros sistemas cognitivos, y, em segundo lugar, el mecanismo de selección puede también diferir em cuanto a la forma en que se relaciona con el papel desencadenante del *input*. Em realidad, lo que vamos a proponer es que en la adquisición del lenguaje no nativo, y sobre todo por adultos, nos encontramos ante una selección a partir de patrones más abstractos (resultado de la interacción con los desencadenantes de la L1) y ante un inventario desigual em cuanto al peso de los distintos elementos (los que se destacan en la L1 se han activado, el resto no). Estos patrones más abstractos se constatan con los datos del *input* de forma que no permiten el acceso a los desencadenantes, sino que acceden directamente a los patrones estructurales y ajustan el *input* a partir de mecanismos no de “crescimento” sino de “reconstrucción”.

dada porção, referente àquela estrutura (ou conjunto de estruturas) específica. Pelo fato de a evidência indireta não ser uma pista robusta, ela não é capaz de deflagrar a aquisição do traço em questão, e isso conduz às características típicas da interlíngua, como a variabilidade.

Com base nisso, podemos supor que, por mais que as diferenças aspectuais entre as diferentes situações de mudança de estado venham marcadas em espanhol pelas diferentes pseudo-cópulas, que são como um rótulo aspectual que diferencia semanticamente um tipo de mudança de outro, é possível que estas não sejam percebidas pelo aprendiz, que tende a usar um mesmo elemento para todas as situações. Exatamente como diz Liceras – quando se refere aos traços relativos à flexão –, os traços aspectuais operantes na escolha da pseudo-cópula estão sugeridos na construção, mas não são captados devido à natureza diferenciada da aquisição de L1 e L2.

Em um texto cujo sub-título é “can we get *there* from *here*?” (podemos chegar *lá* a partir *aquí*?), Liceras (2005) detalha resultados de um projeto de pesquisa desenvolvido ao longo de cinco anos entre as universidades de Valladolid e Ottawa, a respeito do desenvolvimento de crianças bilingües em inglês e espanhol, comparativamente com adultos. O *aquí* seria o estado inicial, tal como descrito, por exemplo, por White (2003) e o *lá*, corresponde ao *ultimate attainment*, o que poderíamos chamar de interlíngua estável (Cf. “estado final”, no capítulo 2). A autora pretende explicar as razões pelas quais o *lá* de crianças e adultos é diferente, ou seja, por que as características da interlíngua estável de adultos e de crianças aprendizes de L2 são opostas.

Liceras oferece uma tentativa de explicação para essa questão bastante conhecida na literatura: de que a língua estrangeira adquirida por crianças é

considerada “superior” àquela adquirida por aprendizes adultos. Ela demonstra, por meio de uma análise da questão fonológica, que crianças aprendendo a L1 abordam os dados que lhe chegam como *input* por meio de um procedimento diferente daquele efetuado por adultos. Crianças aprendendo sua língua materna “interpretam” os dados do *input* por meio de um procedimento denominado *bottom-up*, o que significa que esses aprendizes estão habilitados para enxergar nos dados as suas menores unidades lingüísticas – traços –, para, com base na análise que venham a efetuar, dali irem projetando/montando as estruturas que dêem conta do *input* a que estão expostas. Nesse processo, a morfologia afixal é um importante elemento. Liceras defende que esse procedimento permite às crianças serem sensíveis aos deflagradores lingüísticos, que serão percebidos e realizados como traços abstratos. Este procedimento, portanto, parte das menores unidades lingüísticas e chega à constituição dos sintagmas e pelo fato de se ocupar em detalhe dos dados a que a criança está exposta, leva ao estabelecimento de parâmetros e à competência nativa.

No caso de aprendizes adultos, Liceras argumenta que o procedimento de acesso aos dados pode ser diferente, efetuando-se no sentido inverso, *top-down*. Isso implica uma diferença radical entre os dois processos de aquisição. O procedimento *top-down* do adulto seria que o ponto de partida de “interpretação” dos dados do *input* não são as menores unidades lingüísticas, mas ao contrário, os sintagmas. Sempre segundo Liceras, a faculdade da linguagem (FL) do adulto, que já desenvolveu o domínio de uma língua materna, se encontra na fase madura. Isso significa que esse “órgão” terá passado por certos procedimentos irrepetíveis, e, por isso, aborda novos *input*

lingüísticos com os meios de que dispõe em sua nova fase. Assim, a FL dispõe neste caso, de um meio mais “holístico” de lidar com os dados da nova língua. Este procedimento também poderia ser impulsionado pela maior experiência e conhecimento de mundo de que dispõe o indivíduo adulto. Esse procedimento de abordagem aos dados por meio da interpretação de unidades maiores, se apóia na experiência lingüística prévia, onde categorias e sintagmas já existem montados na sua mente. Ainda que econômico, este procedimento tem uma séria contraparte, que é a que impede o aprendiz adulto de capturar o valor abstrato dos deflagradores lingüísticos, e isso pode levar a uma “cegueira” aos processos mais pormenorizados da língua, como os valores dos traços, o que pode desembocar na manutenção dos parâmetros da língua original do aprendiz adulto. Na falha do acesso ao traço e seus valores, ocorre a aprendizagem local, por meio de *reestruturação por porções* (Liceras 1997), o que significa, *grosso modo*, uma reinterpretação dos dados com base nos procedimentos algorítmicos da L1, devido à ausência de outro mecanismo conhecido. Essa reestruturação leva à competência não-nativa, caracterizada pela variabilidade e/ou ausência de propriedades que reflitam os valores paramétricos da L2.

Esta se apresenta como uma proposta válida a ser aplicada ao problema em discussão nesta Tese. O aprendiz, na interlíngua, se torna cego aos traços semânticos aspectuais da mudança de estado, uma vez que a natureza da aquisição da L2 se revela processualmente tão diferente daquela da aquisição da L1. De acordo com a previsão dessa hipótese, a experiência lingüística prévia (no caso, a do PB) traz uma pseudo-cópula sintática, algorítmica, que entra automaticamente sempre que uma construção predicativa é montada. E ainda que os traços aspectuais estivessem disponíveis para qualquer aprendiz, o

procedimento cognitivo de incorporar os elementos da L2 (o processamento *top-down*, por exemplo) não permite que estes traços sejam enxergados, o que dá como resultado que propriedades aspectuais específicas não tenham lugar para serem processadas na gramática mental. Nas palavras de Liceras, “o cômputo mental inconsciente que permite relacionar as diferentes propriedades dos parâmetros não é próprio da aquisição de linguagem por adultos”³⁷ (Liceras, 2000, nota 3).

O componente aspectual da construção predicativa parece ficar inativo (observe-se que evitamos comprometer-nos com qualquer das hipóteses referentes a esse processo, como a de traços inertes ou subespecificados), o que conduz à utilização, por parte do aprendiz, de uma pseudo-cópula *default*, que parece ser subespecificada aspectualmente, incorporada à interlíngua pelos meios específicos que a aquisição de L2 tem para tratar certos elementos. Assim, um falante nativo de espanhol exhibe a propriedade de selecionar duas pseudo-cópulas para a expressão da mudança de estado e duas para a expressão da mudança de propriedade, ao passo que o aprendiz adulto de espanhol falante de PB emprega apenas uma, perfazendo a mesma função das duas. Pode-se observar que ocorre um procedimento de incorporação desse elemento à gramática do espanhol L2 em formação que é diferente do procedimento que incorpora a pseudo-cópula à gramática do espanhol L1 em formação. Se o procedimento de “abordagem” dos dados do *input* é radicalmente diferente da abordagem pelo aprendiz de L1, o aprendiz adulto de L2 procura elementos para suprir as lacunas da sua gramática e garantir o tratamento adequado do *input*

³⁷ “el cômputo mental inconsciente que permite relacionar las distintas propiedades de los parámetros no es propio de la adquisición del lenguaje adulto.”

com o sistema de que já dispõe. Ao notar uma identificação de *quedar(se)* com “ficar”, o aprendiz pode formular regras em que *quedarse* dê conta de maneira exclusiva da noção incoativa de mudança de estado. Outra razão que leva à escolha de “ficar” e de sua associação com a noção incoativa de mudança de estado é que, no cotejo da distribuição de “ficar” e de *quedar(se)* há um pareamento quase perfeito, como mostramos abaixo:

	ME de Valor exclusivamente incoativo	ME de valor incoativo e permansivo	Valor exclusivamente permansivo	Estacionar em certo lugar	Estar situado	Perdurar
			✓		✓	
			✓	✓		
	✓	✓	✓	✓	✓	✓
		✓				
				✓		✓
			✓			
			✓	✓	✓	
	✓			✓		
		✓	✓	✓	✓	✓
		✓				
		✓				

			✓	✓		✓
--	--	--	---	---	--	---

De acordo com a tabela, o único valor que “ficar” e *quedar(se)* não compartilham é o de ME de aspecto exclusivamente incoativo. Diante dos dados do *input* o aprendiz teria dois caminhos: a reestruturação de sua noção de pseudo-cópula única (da IL, via L1) ou um procedimento de super-generalização com o emprego de uma pseudo-cópula única com suas propriedades hipertrofiadas. A reestruturação implicaria a sensibilidade às diferenças aspectuais de *ponerse* e *quedarse* e a conseqüente possibilidade de o aprendiz associar a noção incoativa da pseudo-cópula (por exemplo, o primitivo semântico BECOME) minimamente a essas duas pseudo-cópulas diferentes. No PB, para a ME esta noção está associada a um único elemento. O que se observa é que o aprendiz parece associar “ficar” e *quedar(se)* como uma mesma entidade, uma vez que o que se nota é que o elemento *quedar(se)* da interlíngua é um híbrido composto da forma do *quedar(se)* do espanhol e das propriedades do “ficar” do PB. Essa identificação pode se dever ao fato de que a distribuição de “ficar” do PB e *quedar(se)* é parecida e se confunde³⁸ (*quedar(se)* só não aparece em um dos contextos acima referidos, o de mudança de estado de aspecto unicamente incoativo).

A pseudo-cópula da interlíngua, ao invés de se reestruturar, se consolida na interlíngua adquirindo propriedades de que não dispõe na língua-alvo. Como o *quedar(se)* do espanhol partilha com “ficar” do PB tantas propriedades

³⁸ em uma distribuição que em inglês teria algum paralelo com *get: got there/foi lá, got worse/ficou pior, got angry/ficou zangado*, que serve para a expressão da ME mas cuja distribuição extrapola esse contexto.

distribucionais que vão além da noção de mudança de estado, o aprendiz deixa de reconhecer que em (apenas) um contexto (o da ME incoativa) a reestruturação nunca ocorre. Este processo é compatível com o processamento *Top-down* do *input* proposto por Liceras.

Observe-se também que a associação da gramática da L1 à Gramática inicial da IL é prevista na teorização de Schwartz & Sprouse (S&S) de *Acesso Total/ Transferência Total (TTAT)*. No entanto, não podemos considerar a formação do elemento *quedar(se)* da interlíngua como resultado de um processo, ainda que tênue, de reorganização. A reestruturação do sistema, como prevista pela TTAT, se daria por meio da exposição suficiente aos deflagrares da aquisição presentes no *input* e esse processo reestrutura progressivamente os parâmetros da interlíngua, para dar conta da situação paramétrica da língua-alvo. A mudança no valor de um traço que determina parâmetros na língua é um processo complexo cujos reflexos se notam por toda a gramática. Para S&S, este processo é regido pela Gramática Universal. Liceras (1997) vê a possibilidade de reestruturação do sistema com influência da Gramática Universal de maneira mais prudente, uma vez que defende uma reorganização do sistema da interlíngua por partes ou porções, mas não como um sistema completo.

As características distribucionais da pseudo-cópula da IL na representação da gramática mental e no teste de produção não dão indício de reestruturação do sistema, uma vez que o único processo que parece ter atuado foi a formação de um elemento correspondente a “ficar” do PB em todas as suas propriedades distribucionais.

Para este caso, o que defendemos é que a maioria dos indivíduos testados não apresenta reestruturação ou reorganização dos mecanismos e regras da IL, no que diz respeito às construções predicativas, e que a formação desse elemento pode ter sido beneficiada pelo procedimento *top-down* de formação da representação mental do fenômeno na gramática da IL. Da mesma maneira, observamos que a gramática da IL da maioria dos indivíduos chega até o estágio estável sem nunca proceder a uma reanálise do elemento *quedar(se)*. Uma vez que essa forma existe de fato na gramática da língua-alvo e que se encaixa em vários ambientes nos quais o elemento da língua-alvo também se encaixa, ocorre um procedimento que pode ser tomado como uma generalização, mas, indefensavelmente, calcado na L1. Defendemos que esta generalização é baseada no Dispositivo de Aquisição da Linguagem, antes que na Gramática Universal (cujo acesso parece ser possível apenas por meios indiretos, via L1). Translingüísticamente se observa é que a palavra que corresponde ao primitivo semântico BECOME geralmente não se estende aos demais usos encontrados na tabela referida acima. A possibilidade de um mesmo elemento perfazer a noção semântica de BECOME e de também poder aparecer nas demais situações é típica, coincidentemente, dos elementos “ficar” e *quedarse*.

Dessa maneira, como demonstramos, o componente aspectual das construções predicativas é diferente no espanhol e na interlíngua, ainda que aparentemente, a sentença seja a mesma:

(60a) Ana se quedó enferma

(durante dos/duas semanas)

(60b) Ana se quedó enferma	(*cuando le contaron la verdad/quando disseram a verdade para ela)
(60c) Ana se quedó enferma	(* de golpe/de repente-de uma vez só)
(60d) Ana se quedó enferma	(*y no viene a trabajar/e não vem trabalhar)
(60e) #Ana se quedó enferma	

Os asteriscos nos complementos oracionais e adverbiais mostram que o evento referido é incompatível com certos aspectos lexicais veiculados por esses complementos. Em (60a), se mostra que a pseudo-cópula e o predicativo formam um predicado compatível com uma noção aspectual durativa, não longe do aspecto resultativo. Além disso, parece haver certo componente télico no complemento adverbial para que possa ser licenciado, uma vez que o predicado sozinho (60e) não é muito bom.

Em (60b) se mostra que a pseudo-cópula é incompatível com um complemento de semântica incoativa. Em (60c) procuramos salientar o componente semântico pontual do complemento adverbial e, uma vez mais, a pseudo-cópula ou o predicado se mostra incompatível. Em (60d) o complemento empresta à construção uma característica eminentemente atélica, e, uma vez mais, é incompatível com a pseudo-cópula.

Uma observação do comportamento da mesma construção na interlíngua revela que esse predicado é muito menos “preso” aspectualmente (os exemplos foram obtidos por julgamento de gramaticalidade). Aprendizes aceitaram as

construções enquanto falantes nativos de espanhol não as aceitaram (exceto (61a), aceita por ambos os grupos de informantes, com o complemento adverbial temporal delimitativo):

(61a) Ana se quedó enferma (durante un mes)

(61b) Ana se quedó enferma (inmediatamente al ver la carta)

(61c) Ana se quedó enferma (sin motivo aparente)

(61d) Ana se quedó enferma (y no viene a clase)

(61e) -¿Qué le pasó a Ana?

-Se quedó enferma.

Na interlíngua, todas estas construções são aceitáveis. A tética (61a), com semântica permansiva, a incoativa (61b), a pontual (61c), a atélica (61d) e ainda uma construção que quisemos testar, que é incoativa e que apresenta o evento de mudança puro, sem nenhum modificador adverbial.

Isso demonstra que, na interlíngua, o *status* da pseudo-cópula *quedar(se)* é diferente do *status* de *quedar(se)* do espanhol. São dois elementos léxicos diferentes que funcionam de maneira divergente nos dois sistemas.

Ainda que os dados não tenham revelado esta possibilidade, há casos em que falantes brasileiros de interlíngua estável, com quantidades relevantes de exposição a dados da língua alvo, como professores de espanhol, desenvolvem a habilidade de empregar diferentes pseudo-cópulas na sua produção oral³⁹. Este

³⁹ Não entraremos aqui em detalhe sobre se essa escolha se baseia na frequência de combinações de certas pseudo-cópulas com certos predicados, como sugerem Bybee & Eddington 2006, para a aquisição de espanhol com língua materna ou se provém por meio de algum cálculo semântico entre pseudo-cópula e predicativo.

passo corresponde a algum tipo de reestruturação da gramática da interlíngua. Entre o passo sugerido por S&S (1994), de reestruturação paramétrica, e aquele sugerido por Liceras (1997), de reorganização de uma limitada porção da gramática, as características desta reestruturação levam-nos a associá-la à proposta de Liceras (1997).

É inegável que a possibilidade, que alguns falantes brasileiros de espanhol demonstram, de empregar pseudo-cópuas mais adequadas à expressão de conteúdos aspectuais específicos aproxima o *design* da estrutura sintática da IL ao da L2. Porém, os meios pelos quais isso se dá são radicalmente diferentes daqueles da aquisição efetuada por aprendizes de espanhol L1. Esse resultado pode ser obtido por brasileiros com base em um esforço consciente e um aparentemente alto custo de processamento. Essas premissas se refletem na qualidade dos dados, que apresentam características típicas de uma aquisição incompleta ou inconsistente (White 2003), ou de problemas de acesso, como a opcionalidade, indecisões e auto-correções conscientes, entre outras. Essas características são típicas do que outrora se classificou como ‘aprendizagem’, frente a ‘aquisição’⁴⁰ e hoje se vê como reestruturação de procedimentos frente à idéia de aquisição, esta última, ligada à noção de “crescimento” da língua, tal como descrito em Guasti 2002.

Em termos estruturais, o problema 1 se caracteriza, *grosso modo*

diferentes realizações possíveis da mudança de estado. Esse problema, no entanto, é o menor deles, dentro do contexto da aquisição das construções de mudança de estado do espanhol por falantes do PB. Essa chamada inabilidade por parte do aprendiz, que constitui o problema 1, se insere como um detalhe dentro do fenômeno mais abrangente que envolve as CME e outras construções de ambas as línguas. Devido à natureza de nossa análise, foi nossa estratégia de trabalho dividir a questão em dois problemas. Essa divisão jogou luz sobre muitos dos pontos obscuros do problema. Assim, pudemos identificar o problema 1 em suas reais dimensões: apenas um apêndice do problema 2, já que o problema principal que pudemos identificar ao longo de nossa pesquisa não é o fato de que na construção predicativa o aprendiz brasileiro empregue uma única pseudo-cópula, mas que a IL tenda a representar a ME como uma construção predicativa. Passaremos a descrever e analisar o problema 2 na seção seguinte.

Como dissemos na introdução desta seção, a IL de brasileiros aprendizes de espanhol se caracteriza por dois fenômenos, no que se refere à ME. Um deles, que classificamos como problema 1 é o emprego de uma única pseudo-cópula em todas as construções predicativas da IL, descrito e comentado na seção anterior. O segundo deles, do qual se ocupa esta seção, é o problema 2, e consiste na crucial diferença entre representar a mudança de estado por meio de uma construção predicativa (interlíngua) ou por meio de uma construção verbal inacusativa (tendência do espanhol). Este ponto nunca esteve presente nos

trabalhos de análise comparativa das CME entre as duas línguas e constitui, para nós o problema principal da IL.

Na IL a CME tende a ser predicativa, enquanto na língua-alvo, o espanhol, podemos dizer que, quanto à sua frequência, a construção predicativa é pouco significativa, em relação à frequência com que aparece a construção verbal: enquanto esta corresponde a 89% dos casos, a construção predicativa responde por apenas 11% das CME.

O problema 2 consiste, portanto, na questão sintática irrefutável que está ligada ao fato de a construção de mudança de estado na interlíngua ser, majoritariamente (64%), *predicativa* e a da língua-meta ser, majoritariamente, *verbal inacusativa* (89%) Esta diferença é representada, abaixo, respectivamente, por:

(i) 'Ana ficou doente' (mudança de estado físico)

Interlíngua: Ana enferma

Espanhol: Ana

(ii) 'Ana ficou tonta' (ainda mudança de estado físico)

Interlíngua: Ana mareada

Espanhol: Ana

(iii) 'Ana ficou zangada' (mudança de estado psicológico)

Interlíngua: Ana enojada

Espanhol: Ana

Observe-se que, nos três exemplos, a construção de interlíngua é a predicativa, que lança mão da pseudo-cópula *quedar(se)* e, em metade dos casos levantados, esta pseudo-cópula vinha acompanhada do clítico *se*, enquanto na outra metade dos casos de construções predicativas esse clítico não aparecia. Observe-se, ainda, que em uma produção livre de contexto, sua correspondente em espanhol é sempre verbal.

O problema em questão nesta Tese se mostra, assim, bastante complexo e multifacetado e, para que não corramos o risco de perdermo-nos na análise, devemos deixar claro que o problema 2 é por nós entendido como a incapacidade do aprendiz em reconhecer que dada expressão de ME tende a ser “montada” no espanhol como uma construção verbal e, não como uma predicativa⁴¹.

O aprendiz se revela insensível para essa diferença sintática em 64% dos casos testados, de acordo com o teste de produção. E no teste de representação das CME na gramática mental, aceita construções vetadas na representação de nativos. Onde buscar razões que possam residir na base desse procedimento? Iniciaremos recorrendo à experiência lingüística prévia, como no caso do problema 1, uma vez que de acordo com a hipótese de TTAT (S&S, 1994) os

⁴¹ Não estamos falando, obviamente, dos casos em que a construção predicativa é obrigatória devido à ausência de contraparte verbal disponível na língua. Este é o caso de uma das construções predicativas mais emblemáticas: *se puso nerviosa (o)*, cuja contraparte *enervarse* não parece disponível para a “montagem”, no estágio atual da língua. Ainda, quando as duas possibilidades de expressão sintática são disponíveis, a predicativa com um mesmo matiz semântico parece aparecer motivada pela influência de algumas variáveis, como, por exemplo, advérbios intensificadores, como *muy* (muito). Quando esse advérbio está em jogo, parece haver a tendência à construção predicativa, uma vez que muitos casos de predicativas apresentam esse elemento. Em outros casos, a semântica do predicativo influi na preferência pela construção copulativa: tal foi o caso, de acordo com a nossa quantificação, de dois predicativos: *preocupado* (preocupado) e *con ganas (com vontade)*, cuja semântica intrínseca parece “puxar” pela construção predicativa com *quedar(se)*, em detrimento numérico da construção verbal. Estes dois itens constituíram exceções ao padrão oferecido pelo espanhol.

procedimentos da L1 estão na base da IL pelo menos no seu estágio inicial. É claro que um comportamento idêntico de IL e L1 não corrobora inequivocamente a proposta da TTAT com relação ao estágio inicial. Como assinalado por numerosos autores, como White (2003), Montrul e (2004), Liceras (1997), entre outros, o que se produz na interlíngua, se não é atestado nem como um reflexo de algum procedimento da L1 (ainda que no âmbito de outro tipo de construção), pode-se sempre recorrer à idéia de que a IL pode estar refletindo universais ligados à faculdade da linguagem, que pouco ou nada tenham a ver com a experiência lingüística prévia, e sim como um elemento/procedimento *default* inato, que, na falta de um desencadeador disponível para o parâmetro da língua em questão, entra em operação como recurso lingüístico universal.

Procuraremos evidências dessa natureza apenas na falta de um padrão observável entre IL e L1.

Assumindo a idéia de TTAT (S&S, 1994) para a questão formal da aquisição de segundas línguas, entendemos que a base sobre a qual se desenvolve a interlíngua tem uma herança cognitiva idêntica à da língua materna, como já explicitado na discussão daquele problema.

O PB, frente ao espanhol, tem uma característica sintática muito marcada, que é uma tendência pela representação de algo que identificaremos inicialmente como “nominalizações verbais”. Isso já foi salientado por Serrani-Infante (2001:44), que investiga, de uma perspectiva discursiva, o confronto

português-espanhol. Com este termo, a autora se refere a elementos que originalmente são verbos em textos do espanhol e que aparecem como nomes em exercícios escritos realizados por brasileiros aprendizes dessa língua.

Usamos aqui o termo para nos referirmos a elementos que seriam verbos em dada construção do espanhol e que aparecem como [-verbo] no PB. As palavras consideradas [-verbo] são os adjetivos e participios, levando-se em conta a taxonomia das classes referenciais de palavras (nome, adjetivo, verbo, preposição) efetuada com base nos traços [+/-N] e [+/-V]. Este é um fenômeno – que ganha visibilidade no confronto entre essas duas línguas tipologicamente tão próximas – ainda pouco explorado em trabalhos dedicados a tal confronto de estruturas sintáticas.

Da mesma maneira, Fanjul, dentro de uma abordagem discursiva, dá vários exemplos da troca sistemática de construções com clíticos em espanhol onde aprendizes brasileiros preferem sistematicamente empregar perífrases, onde esse elemento está ausente.

Uma reformulação parafrástica de um texto que continha a sentença *asegúrese de que sea legal* (*assegure-se/tenha certeza de que [o software] seja legal*) foi elaborada por argentinos e brasileiros (Fanjul, 2002:67).

O autor reporta que a característica das reformulações efetuadas por brasileiros destoava significativamente das reformulações dos argentinos:

(62) *Asegúrese de que sea legal* reformulada por brasileiros:

que sea legal

que sea legal

(63) Reformulada por argentinos:

Confirme/ corrobore/ compruebe/ procure/ mire/

fije / vea/ cercióre / prevenga de que sea legal

Fanjul analisa a questão do ponto de vista discursivo, na defesa de sua hipótese, de que a discursividade argentina focaliza o *processo*, neste caso, de *assegurar-se*, e que na discursividade brasileira, a focalização é no *resultado*, associada à idéia da certeza conquistada. De seus resultados qualitativos, também podemos extrair evidências para a questão sintática, como ele mesmo afirma (2002:91):

Alguns dos indicadores que colocamos na opção ‘processo’ envolvem o pronome reflexivo. Poderíamos pensar, então, que a maior proporção de brasileiros que, para o texto 1 em espanhol, reformularam *asegúrese* com algumas das opções de foco no resultado, que, como já dissemos, soam ‘estranhas’ nesse contexto, aos ouvidos de um falante de espanhol, tenham produzido essas formas porque não levam esse pronome. Com efeito, por motivos que explicaremos em 4.2, neste mesmo capítulo, a partir dos trabalhos de González (1994, 1998 e 2000), a presença/ausência de um pronome pessoal na produção de brasileiros em espanhol ou de falantes de espanhol de português merece, em primeiro lugar, um cuidadoso exame do plano sintático.

Ainda que não credite a diferença discursiva que ele defende à presença/ausência do clítico na construção, Fanjul reconhece que as construções que tipificam o ‘foco no resultado’, correspondentes à discursividade brasileira, são reformulações perifrásticas caracterizadas por serem ‘isentas’ do clítico *se*.

Um exame de um conjunto de construções do PB revela que essa língua demonstra, pelo menos no âmbito dos fenômenos ali representados, uma tendência à construção com formas de valor passivo, onde os núcleos das construções são adjetivos e nomes, no lugar de verbos. Essa tendência será demonstrada através do exame de algumas construções comparadas entre PB e espanhol. Escolhemos aquelas que permitem que a tendência à “nominalização” no PB e na IL fique mais visível; são elas, além da CME, a passiva e ainda outro tipo de CME, não mencionado até agora, que vamos denominar CME2, e envolve a expressão de um sintagma preposicional (PP) de configuração [com+nome], cuja construção correspondente em espanhol é [*tener+N*], do tipo “ficou com fome”/*tuvo hambre* e “ficou com dor de cabeça”/*tuvo dolor de cabeza*, respectivamente, de mudança de estado psicológico e físico, que não se encaixam na classificação inicial das CME devido ao fato de apresentarem um sintagma preposicional, enquanto as CME inicialmente apresentadas são montadas com um sintagma adjetival. O exame das construções referentes a essas três construções (CME, passivas e CME2) vai revelar que, em todos os três casos, o PB tende a expressar esses conteúdos por meio de construções predicativas de núcleos nominais (adjetivos ou nomes), enquanto o espanhol, também em todos os três casos, se comporta de maneira completamente inversa, tendendo a representar as CME, as passivas e as CME2 por meio de construções verbais.

Observem-se os seguintes grupos de construções passivas do PB:

- (64a) O ministro foi .
- (65a) O mistério pôde ser através do exame.
- (66a) O problema já foi .
- (67a) Já foi tudo .
-
- (64b) o ministro.
- (65b) O mistério pôde através do exame.
- (66b) O problema já .
- (67b) Já tudo.

Para um falante de PB, é fácil notar que as passivas sintáticas/perifrásticas parecem soar melhor que as sintéticas. Isso é corroborado por estudos que mostram que essa construção de fato é a mais produtiva no PB. Duarte (1990) demonstra que, do total das construções passivas analisadas, 62,8% delas eram construídas com base em um participio (as sintáticas/perifrásticas) e 37,2 % delas eram pronominais (as sintéticas).

Uma olhada a dados de frequência do espanhol demonstra que a língua se comporta de maneira absolutamente inversa ao PB. Enquanto no PB as passivas sintáticas/perifrásticas têm maior ocorrência, em espanhol aquelas que aparecem em maior número são as sintéticas (que têm o nome de *pasivas reflejas*). Isso significa que as reais correspondentes das passivas sintáticas/perifrásticas do PB são as passivas sintéticas do espanhol:

(68a) *Se convocó* al ministro.

(69a) *Se pudo revelar* el misterio a través del examen.

(70a) Ya *se resolvió* el problema.

(71a) Ya *se limpió* todo.

(68b) El ministro fue convocado.

(69b) El misterio pudo ser revelado a través del examen.

(70b) El problema ya fue resuelto.

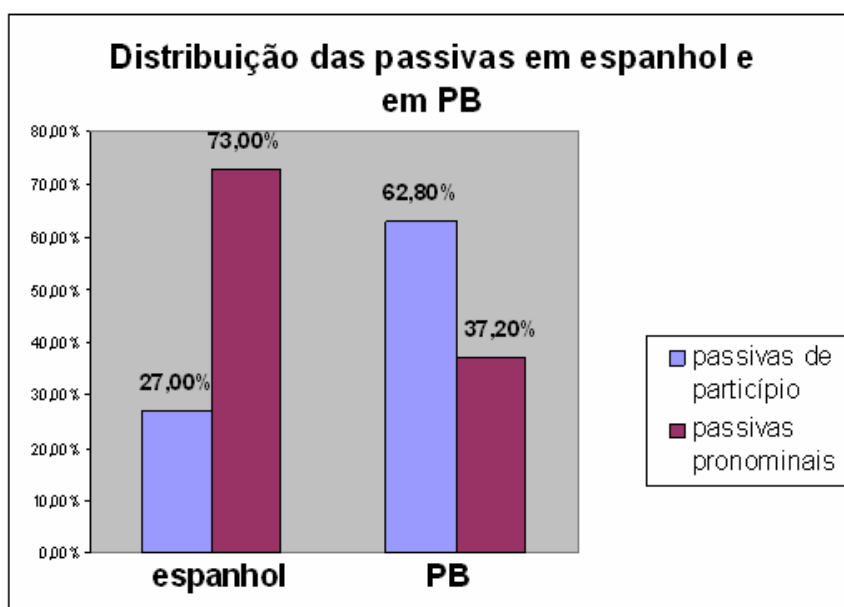
(71b) Ya fue todo limpio.

As construções do primeiro grupo correspondem à estrutura de passiva mais freqüente do espanhol. Pode-se observar, portanto, que enquanto a construção plenamente aceita é a analítica em PB, em espanhol a sintética é a construção aceita sem restrições e menos marcada. A construção analítica, no espanhol, é a marcada e é aquela que tende a aparecer na produção de brasileiros que estão aprendendo espanhol, como demonstrado por Araújo Jr. (2007). Tal passiva existe na língua, mas tem uma distribuição muito mais restrita que a sua contraparte sintética.

De fato, um estudo realizado por Barrenechea & Manacorda de Rosetti (1979) sobre as passivas do espanhol da cidade de Buenos Aires, mostra que das construções passivas estudadas, 27% delas eram de participio frente à taxa de 72% de passivas pronominais. Apesar de se tratar e um estudo antigo e restrito a uma área geográfica falante do espanhol bastante limitada, este foi o único

estudo sobre a frequência de passivas em espanhol a que Araújo Jr. (2007), que estudou a produção de passivas do espanhol por brasileiros, teve acesso.

Uma comparação entre as frequências de ocorrência das passivas analítica e sintética em espanhol e em PB mostra, de maneira clara, uma discrepância entre as duas línguas, no que se refere à forma de suas passivas mais frequentes:



O quadro mostra uma distribuição complementar das passivas pronominais e sintáticas entre o PB e o espanhol. As passivas que envolvem a expressão do participio são mais frequentes no PB que no espanhol (i) e que no espanhol a expressão da passiva com participio é muito menos utilizada quantitativamente, o que denota uma clara preferência por não se usar o participio no espanhol (ii).

Não coincidentemente, o mesmo se dá quanto à distribuição das construções de participio e adjetivo no que se refere à CME. Interpretando os resultados quantitativos para as CME de outro ponto de vista, pode-se notar que o PB novamente dá a preferência (70%) à expressão da mudança de estado por meio de construções de participio e adjetivo, que são núcleos nominais, frente às construções verbais (30%). Por outro lado, o espanhol tende majoritariamente a empregar construções verbais na mesma situação (89%), o que faz com que o número de casos de construções com núcleos nominais seja bastante baixo (11%).

Enquanto o PB tende a expressar os eventos retratados nas construções passivas e de mudança de estado por meio de formas prioritariamente não-verbais (de [cópula+participio] para as passivas ou de [pseudo-cópula+adjetivo] para as CME), o espanhol tende, na direção inversa, a expressar essas mesmas eventualidades por meio de verbos (construções verbais inacusativas para as CME e verbais com o chamado índice de indeterminação de sujeito para as passivas).

Uma característica de ambas as construções do espanhol é que estas apresentam o clítico *se* enquanto as do PB não o apresentam. Uma explicação para essa diferença tipológica entre o PB e o espanhol seria a de que, de fato, o PB está passando por um processo de perda generalizada do uso do clítico, como aponta Duarte (1993). Essa é a explicação sugerida por Araújo Jr. (2007) para a predominância das passivas de participio no PB frente à frequência dessa construção no espanhol.

No entanto, mostraremos a seguir que o problema não se esgota aí e que essa preferência de cada língua pela expressão de certos fenômenos por meio de

formas não-verbais no PB e por formas verbais no espanhol pode estar ocultando uma regularidade no que concerne à forma de representação dos fenômenos em cada uma das línguas.

Até aqui pudemos observar que o comportamento das CME na IL reflete o comportamento das CME no PB. E, além disso, o comportamento das CME se harmoniza com o comportamento das passivas do PB, o que também se reflete na IL, o que foi demonstrado por Araújo Jr. (2007). O comportamento de CME e passivas é harmônico no PB, onde esses conteúdos são expressos por adjetivos e participios e destoam do comportamento do espanhol, onde esses conteúdos são veiculados por meio de construções verbais com *se*.

Dois grupos de dados corroboram as tendências de cada língua no tocante à forma empregada para representar as passivas. Os exemplos são, para o espanhol, de passivas pronominais dotadas de um adjacente que explicita o agente, e, para o PB, são as construções que chamaremos aqui de “impessoais de participio” devido ao fato de serem impessoais que não se constroem com verbos ativos: contrariando as expectativas de muitos falantes, elas combinam o ‘se’ impessoal com um participio. Damos esse nome lembrando que essa construção do PB ainda não foi nomeada na literatura lingüística nem tratada por nenhum trabalho até o momento, no nosso conhecimento. Os dois conjuntos de exemplos a serem apresentados a seguir demonstram instâncias, em cada uma das línguas, do mesmo fenômeno: violações da estrutura sintática motivadas pelas respectivas tendências estruturais de cada uma das línguas, que ao mesmo tempo, são sintomas de uma mudança lingüística em andamento.

O primeiro conjunto de dados, de passivas pronominais com expressão do agente, do espanhol, é exemplificado abaixo (exemplos retirados do corpus CREA e apresentados por Taibo (s/d:108):

(72) Yo recibo la nota, controlo a ver si ya se ha hecho algo y se le avisa: no lo hagan, porque ya

(Argentina)

(Eu recebo a fatura, confiro se (eles) já foi feita alguma coisa (do serviço) e se avisa a eles: não façam nada, porque já “se fez” por outra empresa)

(73) -Jugada ilegal, porque ha entrado desde fuera.

-Sí, ¿recuerdas una parecida?

-Sí, en la primera parte. (Espanha)

(Jogada ilegal, porque (a bola) veio de fora. / É, você lembra de alguma parecida? / Sim, se produziu por N.S. na primeira parte [do jogo])

(74) cursos

(Colômbia)

(Estão se dando aulas por professoras especializadas)

(75) Estamos chocando con un grave problema que es el de la nueva disposición que en raíz de los equipajes,

. (Bolivia)

(Estamos esbarrando em um grave problema que é a nova disposição que se tomou sobre a bagagem, pelas autoridades americanas)

Estes dados mostram que em construções passivas pronominais do espanhol pode aparecer a expressão do agente. Se for certo que o espanhol tende à expressão de conteúdos passivos por meio de construções verbais, estes exemplos encontram uma explicação coerente, que é a de que inclusive quando o falante sente a necessidade pragmática de expressar o agente, ele evita usar a passiva de participio pelo fato de que isso não seria a tendência natural da língua. Assim, esses dados revelam uma tensão entre a tendência estrutural e a necessidade pragmática da expressão do agente, o que resulta nessas construções, sentidas como “estranhas”, pouco frequentes, que são também pouco entendidas pelos estudiosos do espanhol, como assinala Taibo (s/d:107):

Não há acordo entre os gramáticos quanto à aceitabilidade deste complemento. O *Esbozo*⁴², por exemplo, recolhe o exemplo *Se firmó la paz por los embajadores* (1973:379). No entanto, outros autores, como María Moliner (1967) assinala que se trata de uma construção pouco frequente e gramaticalmente incorreta. Cano Aguilar (1987), por sua vez, considera que este tipo de estruturas são gramaticais, mas pouco frequentes, já que vão contra a tendência característica das orações passivas que é a de não expressar o agente⁴³.

O outro conjunto de dados a ser observado, desta vez do PB, é o das construções *impessoais de participio*. Trata-se de outra instância do mesmo

⁴² O *Esbozo para una Gramática de la Lengua Española* é uma gramática normativa elaborada por Emilio Alarcos Llorach e outros gramáticos espanhóis, editada em Madri em 1973, e representa o pensamento da Real Academia Española (RAE).

⁴³ No hay acuerdo entre los gramáticos en cuanto a la aceptabilidad de este complemento. El *Esbozo*, por ejemplo, recoge el ejemplo *Se firmo la paz por los embajadores* (1973:379). Sin embargo, otros autores cuestionan estas estructuras. María Moliner (1967) señala que es una construcción poco frecuente y gramaticalmente incorrecta. Cano Aguilar (1987), por su parte, considera que este tipo de estructuras son gramaticales, pero poco frecuentes ya que van en contra de la tendencia característica de las oraciones pasivas que es la de no expresar el agente.

fenômeno, mostrando, uma vez mais, o choque entre uma necessidade pragmática (o recurso à impessoalidade) e a tendência estrutural desta língua, que é a de expressar passivas com participípios:

(76) “não se prenda / a sentimentos antigos

Tudo que /me preparou pra você”

(Versos da canção *Monalisa*, de Jorge Vercilo [2006])

No exemplo, retirado de um verso da música citada, o *eu poético* faz um pedido à sua interlocutora para ignorar os amores que ele porventura tenha experimentado. A necessidade de expressar o “todo” vivido de maneira impessoal, para distanciar-se de suas vivências do passado, o faz empregar o clítico, mas essa escolha pragmática o obrigaria a expressar a eventualidade por meio de um verbo. O que se observa é que mesmo diante da imposição estrutural de representar o fenômeno por meio de uma construção verbal, devido à presença do clítico, o autor acaba expressando a tendência do PB de expressar passivas com participípios. Isso provoca, como no grupo de exemplos anterior, do espanhol, um choque entre a tendência da língua de produzir passivas com participípios (perifrásticas) e a expressão de um conteúdo impessoal na sentença⁴⁴. Daí decorre a estranheza da construção.

Esse exemplo, que acreditávamos que poderia ter sido um lapso de Vercilo, ou ainda, uma licença poética motivada por questões de métrica, nos levou a procurar no sistema de buscas online *Google* (www.google.com) outras

⁴⁴ González levantou a possibilidade de outra interpretação para essa construção, na qual “se foi” teria sentido de “ir embora” e “vivido” teria o valor de uma predicação secundária formando “tudo o que foi vivido e que se foi”.

possíveis ocorrências desse fenômeno e tivemos uma surpresa: o que descobrimos foi que a construção *impessoal de participio* começa a aparecer no PB de maneira produtiva. Podemos afirmar isso apoiando-nos nos fatos de que: os casos não são absolutamente isolados (i) e a construção se combina com variados participios (ii); e ainda, ao se tratar da variedade escrita do PB, isso significa que a construção apresenta certa estabilidade no vernáculo atual (iii). Para a seqüência *se foi vivido*, idêntica à empregada por Vercilo, e que serviu de ponto de partida para a exploração dessa construção, obtivemos, por meio do *Google*, mais duas ocorrências, sempre com sentido impessoal, uma retirada de um fórum de discussão hospedado no site *Yahoo* e outra de um fragmento de documento do departamento de psicologia da UFRGS, hospedado na biblioteca digital daquela universidade:

Exemplo retirado do fórum do *Yahoo*:

(77) Pergunta: “

Amo muito a banda RBD, Tenho 19 anos e me orgulho muito... amo eles...vou no show em SP sozinha, se alguém for tbm pode deixar o msn.Bjusss”

Wenus

“acho que ser rebelde ã é fazer tudo o que quer, tem que haver limites sim. mas tmb tem que aproveitar , desafiar mais. só ã prejudicar quem ã tem nada haver. mas fazer muitas coisas que muitos gostariam de fazer, e tem vergonha de serem taxados. é tentar, é ir em busca . é viver um pouco mais alem do que ã .”

Em todas estas construções, a princípio, o falante tem a opção de empregar uma das seguintes alternativas consideradas gramaticalmente corretas: *viver um pouco (mais) além do que não se viveu* ou *viver um pouco (mais) além do que não foi vivido*. O que parece acontecer é que a enunciadora não quis abrir mão do elemento que dá a noção de impessoalidade, representado aqui pelo clítico *se*. A inclusão de *se* na construção conduziria à escolha da passiva pronominal, opção que exige o verbo, mas a enunciadora, atende a tendência do PB de expressar o particípio, não importando a restrição sintática oferecida pela presença do *se* impessoal na construção.

Este fenômeno é como uma fresta por meio do qual podemos entrever a tendência da língua, que estamos tentando capturar, que é a de evitar o verbo em construções onde o sujeito não é ativo, por meio do uso de um particípio ou adjetivo no núcleo da sentença.

O terceiro exemplo encontrado de “se foi vivido” corrobora nossa afirmação:

(78) “somente o que _____, mas principalmente o que se passou por nós e não foi conscientizado. Em nossas experiências atualizamos ínfimas possibilidades...”

(www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000539838&loc=2006&l=b1fa442e90f3aacd)

Este exemplo reforça a importância da expressão da impessoalidade por meio do clítico, porque revela, ainda, um paralelismo sintático da seqüência *se foi vivido* com a seqüência seguinte: ***dugar dque***

(81) “Entretanto, o que nas apresentações e testes se assemelha bastante ao título do PS2, com gráficos de alta-definição, mas

podemos observar a força do clítico impessoal (1) e a conversão de um verbo ativo no espanhol em uma construção passiva no PB (2).

Apresentamos estes dados para reforçar a nossa observação de que PB e espanhol representam passivas e CME com diferentes opções sintáticas.

Um terceiro conjunto de construções demonstra mais uma instância dessa tendência estrutural divergente entre as duas línguas. Trata-se de mais um grupo de construções de mudança de estado que não se encaixa no anterior, porque o estado não está caracterizado por um adjetivo ou particípio, e sim pelo SP: [com+nome]. Trata-se das construções do tipo *ficar com fome*, que divergem, também, na sua realização, da forma como são representadas no espanhol. A essa construção corresponde a estrutura [*tener+nome*] no espanhol, como na tabela a seguir:

Ficou com fome	Tuvo hambre
Ficou com frio	Tuvo frío
Ficou com gripe	Tuvo gripe/un catarro
Ficou com medo	Tuvo miedo
Ficou com a bomba na mão	Tuvo la bomba entre las manos

Observe-se que na expressão destes fenômenos, mais uma vez à construção predicativa do PB corresponde uma construção verbal em espanhol.

A distribuição dessas construções nas duas línguas se dá da seguinte maneira: no PB aparentemente pode-se representar esse fenômeno por meio de duas maneiras: com a construção copulativa ou a verbal, como no exemplo abaixo:

(83a) Saí de casa sem tomar café e enxaqueca.

(83b) enxaqueca quando era moça.

(84a) Saí de casa sem tomar café e fome.

(84b) “ fome e me deste de comer.”

O contexto exprime que as duas construções em PB, apesar da aparência, não são sinônimas. Isso se deve a que, quando associado à construção [ficar com], o predicado tem a interpretação de predicado de nível contextual (*stage level*, de Kratzer 1996), enquanto, quando associado a *ter*, o predicado é interpretado como de nível individual (*individual level*).

Essa diferenciação é bastante parecida à diferença proposta por Porroche (1998) entre estados e propriedades. Em (83a) a enxaqueca é um fenômeno decorrente de uma motivação externa, reversível e não permanente. Em (83b) a enxaqueca é entendida como uma característica definidora do sujeito. Da mesma maneira, (84a) a fome é uma situação temporária, motivada, novamente por fatores externos. Em (84b) a fome é lida como uma característica do sujeito,

que o define: tem a interpretação de que o sujeito era caracterizado por ser faminto.

A diferença entre [ficar com] e “ter”, neste ponto, parece ser uma extensão da dicotomia [estar com] vs “ter”, igualmente caracterizada pela distinção *stage level* vs *individual level* de Kratzer (1996), como demonstram os seguintes exemplos:

- (85a) Não paciência.
- (85b) Não paciência.
- (86a) Ela dinheiro.
- (86b) Ela dinheiro.
- (87a) Ele uns problemas graves.
- (87b) Ele uns problemas graves.

Em todos os exemplos do tipo (a) o núcleo do predicado é entendido como uma propriedade definidora do sujeito, enquanto nos exemplos do tipo (b) o mesmo elemento é interpretado como associado momentaneamente ao sujeito, mas que não o caracteriza. Em (85a), (86a) e (87a), o sujeito pode ser considerado, respectivamente, como impaciente, endinheirado e problemático. Essa associação é impossível com os exemplos da série (b), onde, em termos de características definidoras, os sujeitos são interpretados, respectivamente, como *uma pessoa normalmente paciente, uma pessoa normalmente sem dinheiro e uma pessoa normalmente sem problemas graves*, que estão associadas aos respectivos predicados momentaneamente.

A distribuição dessas construções no espanhol é diferente, porque pode ser considerada defectiva. As duas construções são teoricamente possíveis, mas a construção com *tener* apresenta uma distribuição mais ampla que aquela com *estar con*. [*tener*+nome] pode ser associada às duas concepções semânticas, *individual level* e *stage level*, enquanto [*quedar(se) con*+nome] raramente é usada no espanhol⁴⁶ e quando é usada, tem um significado diferente do esperado. Observem-se os exemplos:

(88a) “Miguelito” se comportó como toda una estrella, pues posó y ríe como tal y solo lloró cuando hambre. (act.fresqui.com)

(“Miguelito” se comportou como um astro, pois posou, e riu como tal e só chorou quando ficou com fome)

(88b) A mí este menú me cuesta 5.50, pero como hambre pido unos nuggets. (www.ciao.es/McDonalds_11768)

(Este menu sai pra mim por 5,50, mas como fico com fome, peço uns nuggets)

(89a) (...) durante el segundo día postoperatorio, el 85% de los pacientes no dolor. (www.sedolor.es/ponencia.php?id=589)

(durante o segundo dia so pós-operatório, 85% dos pacientes não teve dor)

(89b) (...) después de su accidente, ella dolor generalizado y fatiga constante. (www.afibrom.org/JornadaInformativa8.doc)

⁴⁶ Esta observação leva em conta as ocorrências no CREA de maneira geral. 0.U(r)4.m(0)3(análisis)or0

(depois do seu acidente, ela ficou com dor generalizada e fadiga constante)

Os exemplos da série (a) estão associados à mudança de estado, caracterizando a construção como um predicado de nível contextual, ao passo que este tipo de predicado no PB é veiculado pela construção com *estar com* e pode se distinguir da construção com *ter*.

Nos exemplos da série (b), a construção [*quedar(se) con+nome*] tem o sentido de “permanecer” em certo estado veiculado pelo SP, não o sentido incoativo de entrada em dado estado. Em outros exemplos do uso dessa construção, parece haver uma associação de um sentido incoativo associado à noção de permanência no estado:

(90) Carlos dijo que después de lo que le pasó a Carminatti
y que debía vengarlo. (www.geocities.com/carminattifleco/Historias/cf7.html)

(Carlos₁ disse que depois do que aconteceu com o Carminatti, ele₁ ficou com raiva e devia vingá-lo)

(91) Él (Kárpov) de mí, dijo entre risas
Pereira, campeona panamericana y cinco veces de Brasil en apenas
seis años de carrera. (www.elpais.com)

(Ele (Karpov) ficou com medo de mim, disse Pereira, campeã panamericana e cinco vezes, do Brasil, em apenas seis anos de carreira)

Em (90) há um sentido incoativo, já que a associação de *rabia* ao sujeito se dá motivada por um acontecimento externo (o que aconteceu com o Carminatti), mas, ao mesmo tempo, tem um claro sentido de permanência, porque gera um desejo de vingança. Nestes casos, pode-se dizer que tem um componente durativo, mas aliado a um componente incoativo. Em (91) o curioso da construção é que é o discurso de uma brasileira (jogadora de xadrez) reproduzido no jornal *El País*. Em todo o *Google España* houve apenas mais duas ocorrências dessa construção para o nome *miedo* (uma delas era do *Quixote*), o que mostra a baixa produtividade dessa construção no espanhol atual.

De fato, os exemplos de [(*se*) *quedó con + nome*] que temos apresentado aqui podem dar a falsa impressão que essa é uma construção facilmente encontrável em espanhol. E nada mais longe da verdade que isso. Na verdade, esses são exemplos procurados entre aqueles em que há a possibilidade de se encontrar o mesmo nome nas duas construções analisadas, o que, na maioria das vezes, não foi possível, inclusive em levantamentos no sistema de buscas *Google* (www.google.com), já que essa construção se revela como muito pouco produtiva em espanhol.

Ainda, com relação à investigação sobre as diferenças dessas construções entre espanhol e PB falta verificar se a construção com *tener* pode estar associada à noção de predicado *individual level*, como no PB, ou não. Os dados revelam que sim:

(92) Mi pareja no com mi hijo.
(foros.emagister.com)

(Meu/minha companheiro(a) não tem paciência com meu filho)

(93) Mi hermano es pacifista, desde luego. Pero claro, no sé si es pacifista porque _____, de que el otro día tuvo que poner unas bombillas en un techo muy alto y no se subía. (MACROCORPUS, Madrid-08).

(Meu irmão é pacifista, lógico, mas eu não sei se é pacifista porque tem medo, já que no outro dia teve que colocar umas lâmpadas em um teto muito alto e não queria subir)

Assim, a construção [*tener*+nome] do espanhol é aquela empregada tanto em predicados de nível individual quanto contextual, uma distinção que no vernáculo do PB é efetuada por meio da alternância entre [ficar com + nome] e [ter+nome]. No espanhol, a construção [*quedar(se) con + nome*] é marcada e quantitativamente inexpressiva, como demonstraremos a seguir.

Uma observação da distribuição dessa construção no passado simples: [se *quedó con + nome*] frente a [*tuvo + nome*], efetuada no programa de buscas *online Google España* revelou outros indícios de sua baixa produtividade em espanhol, o que posteriormente foi corroborado pelo corpus *CREA*.

Os resultados quantitativos do *Google* podem ser observados abaixo:

Google

		<i>tener</i>	
(Se) <i>quedó con hambre</i>	103	Tuvo hambre	4.950

⁴⁷ Veja-se nota 12. Os casos de construções predicativas foram verificados um a um por nós, a exceção de *(se) quedó com ganas*, cuja quantidade de ocorrências foi computada pelo *Google*.

(Se) quedó con frio	01	Tuvo frio	174
(Se) quedó con dolor	-	Tuvo dolor	249
(Se) quedó con un dolor ⁴⁸	02	Tuvo un dolor	3.530
(Se) quedó con fiebre	-	Tuvo fiebre	4.680
(Se) quedó con ganas de	5.570	Tuvo ganas de	1.170
(Se) quedó con rabia	03	Tuvo rabia	06
(Se) quedó con miedo	04	Tuvo miedo	18.300

Nessa contagem, a distribuição mais ampla de [*tener+nome*] se coaduna com a indicação de sua maior frequência na língua. Numericamente, as construções [*se quedó con+nome*] indicando ME são marginais.

A construção discrepante *se quedó con ganas (ficou com vontade=ficou na vontade)*, claramente majoritária em relação a *tuvo ganas (ficou com vontade=teve vontade)* pode se dever a algum componente semântico intrínseco em *ganas* que privilegia a sua expressão por meio de uma construção com aspecto permansivo. A mesma observação pode ser feita para *preocupado*, cuja construção *(se) quedó preocupado* é o único caso de ocorrências mais numerosas de predicativas que verbais, no que concerne às CME. *Tuvo ganas* se reserva à expressão do aspecto incoativo da associação do ente à noção de “vontade”, como nos exemplos a seguir, retirados das ocorrências do Google:

⁴⁸ Procuramos a construção alternativa, introduzindo o artigo indefinido para obter maior número de ocorrências.

(94) (...) un cliente hablaba gritando y él **insultarle**
vulgarmente.

(Um cliente falava gritando e ele teve vontade de insultá-lo de maneira vulgar)

(95) Hispanoamérica: Russo **pegarle a Ramón**
Díaz.

(Hispano-américa: Rosso teve vontade de bater em R.D.)

(96) El dirigente de ERC **defender el autogobierno**
de Cataluña, pero no tuvo tiempo.

(O dirigente do ERC teve vontade de defender a auto-gestão do Cataluña, mas não teve tempo)

(97) Yo creo que **de visitarme, pero cuando me vio se**
le pasaron las ganas.

(Eu acho que ele(a) teve vontade de me visitar, mas quando me viu, a vontade passou)

Pode-se observar que em todos os exemplos a ocorrência do verbo *tener* atribui valor incoativo explícito ao evento em questão. O aspecto incoativo fica ainda mais marcado no último exemplo, em que a vontade dá e passa logo depois, motivada por um acontecimento externo. Observe-se a comparação com quatro ocorrências de *se quedó con ganas de*:

(98) Me dio la impresión de que hubo gente que
preguntar y que no tuvieron tiempo.

(Eu tive a impressão de que teve gente que ficou na vontade de perguntar e não teve tempo)

(99) Lo pasamos muy bien y parece que la gente
más. Así que tendremos que ir pensando en la ruta del
próximo mes.

(Foi ótimo e parece que as pessoas ficaram querendo mais. Então vamos ter que ir pensando no roteiro do mês que vem)

(100) Por ejemplo, Juan saber por qué
muestran una home distinta dependiendo del país, y no del idioma
en la configuración del navegador.

(Por exemplo, Juan ficou na vontade de saber por que mostram uma página diferente, dependendo do país, e não, do idioma na configuração do navegador).

Nesses casos, o que se observa é que a seqüência *se quedó con ganas de* demonstra uma vontade que ficou sem ser satisfeita e permaneceu no indivíduo, caracterizando a associação do ente à noção de vontade, desta vez, pelo aspecto permansivo. Sabemos que existe uma noção incoativa presente nesta construção, mas ao levar em conta que a língua trabalha com escolhas gramaticais, o que parece acontecer é que quando se trata de uma vontade que

não é satisfeita e permanece, esta tende a ser representada/codificada como uma construção de aspecto permansivo e a noção incoativa desse evento é desprezada para efeitos de construção sintática.

A mesma quantificação, elaborada posteriormente com dados do *Corpus de Referencia del español contemporáneo* (CREA), confirma as observações feitas com base nas ocorrências do *Google* e restringe ainda mais as ocorrências das construções [(*se*) *quedó con + predicativo*]:

		<i>tener</i>	
(Se) <i>quedó con hambre</i>	-	Tuvo hambre	04
(Se) <i>quedó con frío</i>	-	Tuvo frio	02
(Se) <i>quedó con dolor</i>	-	Tuvo dolor	02
(Se) <i>quedó con um dolor</i>	-	Tuvo um dolor	01
(Se) <i>quedó con fiebre</i>	1	Tuvo fiebre	04
(Se) <i>quedó con ganas de</i>	3	Tuvo ganas de	31
(Se) <i>quedó con rabia</i>	-	Tuvo rabia	01
(Se) <i>quedó con miedo</i>	-	Tuvo miedo	121

Há que observar que, no CREA, não aplicamos nenhum filtro geográfico ou de gênero textual, assim, as ocorrências foram computadas com base em todos os países e todos os gêneros.

Confirmando a tendência sugerida pela observação dos dados obtidos no *Google*, a análise dos dados do corpus CREA revela que a construção [*se quedó con + predicativo*], permansiva, não é produtiva no espanhol, sendo suplantada de longe pela sua contraparte incoativa [*tener + nome*].

Os casos em que aparecem casos de [*se quedó con + nome*] são com os predicativos *fiebre* e *ganas de* confirmam que essa é uma maneira disponível na língua para se representar esse tipo de ME, ainda que não seja produtiva.

As construções [*quedar con + nome*] têm um alto grau de aceitabilidade na gramática mental dos falantes de interlíngua estável. Um teste de aceitabilidade por graus efetuado por nós junto a 13 falantes de interlíngua estável revelou um grau de aceitabilidade médio de +2 para as seguintes construções que envolviam seqüências de [*quedar(se)+predicativo*] com noção puramente incoativa (ver capítulo 2): *Cuando empieza el ruido la jefa se queda com dolor de cabeza* (quando começa o barulho, a chefe fica com dor de cabeça) e *cuando te veo viajar tanto, me quedo com ganas de viajar por todo el mundo* (Quando te vejo viajar tanto, fico com vontade de viajar pelo mundo todo).

Apresentamos, até aqui, um conjunto de construções cujas contrapartes de interlíngua perseguem o professor de espanhol para brasileiros, uma vez que as construções parecem se calcar na forma como se dão na L1, e que destoam fundamentalmente do que se espera para o espanhol. Propomos que essas três construções, ainda que pareçam desconexas, na verdade, fazem parte de uma classe natural: a das construções não-ativas. Tanto as construções de mudança de estado quanto as passivas se caracterizam por exibirem sujeitos não-ativos:

experimentadores ou temas. Toda a variação observada entre PB e espanhol mostrada até aqui se resume à forma preferida pela língua para expressar eventos de sujeitos humanos não-ativos.

Enquanto a voz ativa constitui uma classe única e é expressa em ambas as línguas pela combinação de formas ativas e sujeitos agentivos, a voz não-ativa se divide em duas: a média e a passiva. A diferença fundamental entre as médias e as passivas é a de que, enquanto a passiva se caracteriza na sintaxe por uma forma passiva e um sujeito não-ativo, a média se situa a meio caminho entre as duas, porque apresenta a discrepância entre formas ativas e sujeitos passivos.

Assim define García Miguel (1985:115) a voz média:

O termo 'média' faz referência a uma distinção incluída na categoria de voz, em contraste com a ativa e a passiva. 1. Diz-se que uma oração é 'média' ou está na 'voz média' quando o verbo perdeu um argumento, em relação à construção ativa: o correspondente à causa ou originador do processo. E a entidade afetada por esse processo vem a destacar-se como sujeito. De acordo com este sentido do termo, podem ser consideradas médias as orações "María se emocionou" "la rama se ha partido/o galho quebrou". Os verbos *emocionar*, *partir* nas orações ativas implicam dois argumentos: a causa ou o agente, que aparece como sujeito (*a música, o vento*) e a entidade afetada, representada pelo objeto direto (*María, o galho*). Na construção média, por sua vez, há uma só função sintática, o sujeito (*María, o galho*), que, do ponto de vista semântico, é a entidade afetada pelo processo denotado pelo verbo. Não se pressupõe a existência de um agente ou causa originador desse processo. Simplesmente se indica que ocorre algo com o sujeito.⁴⁹

⁴⁹ El término 'media' alude a una distinción incluida en la categoría voz, en contraste con activa y con pasiva. 1. Se dice que una oración es 'media' o está en 'voz media' cuando, con respecto a la construcción activa, el verbo ha perdido un argumento, el correspondiente a la causa o originador del proceso, y se destaca como sujeto la entidad afectada por ese proceso. Pueden considerarse medias, según ese sentido del término, las oraciones "María se ha emocionado", "la rama se ha partido". Los verbos *emocionar*, *partir* en las oraciones activas implican dos argumentos: la causa o el agente, que aparece como sujeto (*la música, el viento*) y la entidad afectada, representada por el objeto directo (*a María, la rama*). En la construcción media, por el contrario, hay una sola función sintáctica, el sujeto (*María, la rama*), que, desde el punto de vista semántico, es la entidad afectada por el proceso denotado por el verbo. No se presupone la existencia de una causa o un agente externo como originador de ese proceso. Simplemente se indica que 'al sujeto le ocurre algo'.

García Miguel (1985), assim, situa a voz média como um tipo de diátese localizada, como o fizeram muitos filólogos e gramáticos (Lyons, 1979), entre a expressão da voz ativa e a voz passiva, e, ainda, como uma das duas categorias de diátese existentes em línguas clássicas⁵⁰, como o sânscrito e o grego, que, à época do advento da diátese passiva no latim, já estava enfraquecida como modo de expressão (Benveniste 1971, Alonso 1964).

Mendikoetxea (1999b:1654) classifica o tipo de fenômeno que pode ser enquadrado na categoria de voz média:

Cabe enquadrar dentro de uma análise da voz média em espanhol orações reflexivas (o menino se lava), pseudo-reflexivas (el hombre se desmayó/o homem desmaiou), incoativas que denotam uma mudança de estado físico ou de posição (a porta se abriu, a mulher se aproximou), ou uma mudança psíquica (o público se entediou) e as orações de caráter genérico que denotam uma propriedade inerente do sujeito (as camisas de algodão se lavam facilmente).⁵¹

Da mesma maneira, Camacho (2003) apresenta um elenco de situações mediais sugerido por Kemmer (1994). São elas: *cuidados corporais, movimento não translacional, mudança na postura corporal, movimento translacional, eventos naturalmente recíprocos, médias de emoção* (citamos o exemplo de Camacho: *irritar-se*), *discurso emotivo, média de cognição, eventos espontâneos e a média indireta*.

⁵⁰ A outra seria a ativa, quando a passiva ainda não se teria desenvolvido.

⁵¹ Cabe encuadrar dentro de un análisis de la voz media en español oraciones reflexivas (*el niño se lava*), pseudos-reflexivas (*el hombre se desmayó*), incoativas que denotan un cambio de estado físico o de posición (*la puerta se abrió, la mujer se acercó*), o un cambio psíquico (*el público se aburrió*) y las oraciones de carácter genérico que denotan una propiedad inherente del sujeto (*las camisas de algodón se lavan fácilmente*).

Pode-se observar, de acordo com os elencos de situações mediais propiciados por Mendikoetxea e Camacho, que as construções de mudança em estudo neste trabalho, as CME – que envolvem transição de um estado físico ou psicológico a outro, e cujos sujeitos não tem participação ativa nessa mudança – se encontram entre as típicas situações médias, o que corresponde à definição de García Miguel (1985) para esta categoria, acima.

Com relação às passivas, é possível afirmar, com Mendikoetxea (1999b:1636) que:

A classificação tripartite que seguimos aqui é herança das gramáticas gregas, que distinguem três vozes com suas correspondentes flexões verbais: ativa (associada a termos como ‘atividade’, ‘força’, ‘energia’), passiva (‘o que se experimenta ou sente’, ‘paixão’, ‘sofrimento’) e média, como uma categoria intermediária na qual se enquadram aquelas formas verbais com características tanto de voz passiva quanto de ativa, e, portanto, aquelas de difícil classificação (p.ex., formas ativas com significado passivo e vice-versa).

‘Em geral pode-se dizer que de um ponto de vista nocional ou semântico, a média se encontra mais perto da passiva que da ativa; assim, se uma oração ativa pode ser interpretada, em sentido amplíssimo, como “alguém (ou algo) opera sobre alguém (ou algo)” e uma oração passiva como “alguém (ou algo) sofre o que alguém (ou algo) fez”, a voz média é interpretada como a forma de expressar que a ação que o verbo denota “afeta”, em maior ou menor grau, o sujeito (incide sobre o sujeito, interessa ao sujeito, indica uma mudança no sujeito, etc.). Em outras palavras, as construções médias se caracterizam por ter sujeitos afetados.”⁵²

⁵² La clasificación tripartida que seguimos aquí es herencia de las gramáticas griegas, que distinguen tres voces con sus correspondientes flexiones verbales: *activa* (asociada con términos como ‘actividad’, ‘fuerza’, ‘energía’), *pasiva* (‘lo que uno experimenta o siente’, ‘pasión’, ‘sufrimiento’) y *media*, como una categoría intermedia en la que se encuadran aquellas formas verbales con características tanto de la voz pasiva como de la activa, y por tanto, aquellas de difícil clasificación (p. ej. formas activas con significado pasivo y viceversa). En general puede decirse que, desde un punto de vista nocional o semántico, *la media se halla más cerca de la pasiva que de la activa*; así, si una oración activa se puede interpretar, en sentido amplísimo, como “alguien (o algo) opera sobre alguien (o algo)”, y una oración pasiva como “alguien (o algo) sufre lo que ha hecho alguien (o algo)”, la voz media se interpreta como la forma de expresar que la acción que denota el verbo ‘afecta’, en mayor o menor grado, al sujeto (incide sobre el sujeto, interesa al sujeto, indica un cambio en el sujeto, etc.). En otras palabras, *las construcciones medias se caracterizan por tener sujetos ‘afectados’*.

Assim, a observação de Mendikoetxea deixa claro que as CME e as passivas compartilham uma noção medial, associada à expressão de sujeitos afetados, não-agentes. A associação da típica construção média com a passiva também pode ser observada pela existência da construção médio-passiva, parte integrante do conjunto de construções médias identificadas em seu sentido amplo⁵³, esquematizados no quadro a seguir, retirado de Mendikoetxea (1999b):

se			
se	Medias-pasivas	<i>Esta camisa se lava muy bien</i>	
	Medias-impersonales	<i>A estos niños se les asusta fácilmente.</i>	
	Incoativas o Inacusativas	<i>El bosque se quemó. Tú te quemaste. El perro se asustó. Vosotros os asustasteis.</i>	Oraciones Pronominales
Reflexivas	<i>Los niños se lavan. Nosotros nos lavamos. Vosotros os laváis.</i>		
Pseudo-reflexivas	<i>Juan se desmayó. Yo me desmayé. Tú te desmayaste.</i>		

O quadro acima comprova que passivas e CME são fenômenos relacionados.

⁵³ Mendikoetxea entende que, em sentido estrito, só podem ser chamadas de construções médias as médio-passivas ou médio-impessoais, como:

- (i) Esta camisa se lava muy bien con lejía. (*Esta camisa se lava muito bem com água sanitária*)
- (ii) Las luces reflectantes se ven fácilmente. (*As luzes refletoras são vistas facilmente*)
- (iii) Los trabajos escritos a máquina se leen más deprisa. (*Os trabalhos escritos a máquina dá pra ler mais depressa*)

O que pudemos observar, com relação ao comportamento de PB e espanhol, e com as devidas implicações para a teoria lingüística, é que a média e a passiva não são duas vozes diferentes, em termos de concepção. Os dados mostram que são apenas duas formas diferentes de expressar uma mesma concepção. Podemos afirmar isso claramente, pelo fato de que tanto construções de CME (classificadas como médias), quanto passivas se comportam de maneira sistematicamente uniforme em uma língua e de maneira sistematicamente uniforme e discrepante na outra. Em outras palavras, tanto as CME quanto as passivas são representadas em espanhol de maneira mais natural por meio da construção média:

Espanhol:

(101)

Ana se enfadó com Carlos.

(102)

Se convocó al ministro de sanidad inmediatamente.

enquanto no PB tanto as CME quanto as passivas são representadas por construções passivas: adjetivais para as CME e sintáticas para as passivas:

PB.

(103)

Ana ficou zangada com o Carlos.

(104)

O ministro da saúde foi convocado imediatamente.

Com relação às CME2, estas também são expressas pela passiva adjetival no PB e por uma forma ativa no espanhol:

CME2.

(105)

Eu saí sem casaco e fiquei com frio na rua.

(106)

Salí sin abrigo y tuve frío en la calle.

Como a construção [*tener*+nome] emprega “um verbo ativo com sentido passivo” (De Miguel 1999:3013), já que a forma do verbo é ativa mas o sujeito é passivo, estamos diante de mais um caso de construção média, se levarmos em consideração o conceito de construção média de García Miguel (1985) e as observações de Mendikoetxea (1999:1936). Assim, podemos dizer que passivas e CME fazem parte de um mesmo grupo e que as vozes passiva e média se revelam como meras formas de expressão sintática do fenômeno da voz não-ativa.

Com base no que mostramos acima, podemos afirmar que o conjunto de construções das duas línguas cujos dados foram comparados não é díspar nem desconexo: podemos reduzir o escopo da variação em jogo a uma classe natural identificável: o das construções de sentido médio ou passivo.

	Passivas adjetivais	Passiva	Se+verbo	Média
	Passivas sintáticas	Passiva	Se+verbo	Média
	copulativas	Passiva	Verbais	Média

Observe-se que as correspondentes espanholas às construções de componente médio do PB são verbais apenas na forma: Miguel (1992) afirma

sendo única, e as vozes das quais tradicionalmente se compõe, a média e a passiva, se revelam, com base nos dados, como meros recursos formais de expressão sintática desses fenômenos, aparentemente sem conteúdo cognitivo relevante que os diferencie.

Mostramos que o espanhol e o PB se opõem claramente quanto à expressão de conteúdos ativos e não-ativos. Enquanto o espanhol demonstra um comportamento uniforme na preferência pelas construções verbais (ativas e médias) para expressar eventos tanto de sujeitos humanos ativos quanto de sujeitos humanos não-ativos, o PB marca uma divisão clara entre eventos de sujeitos humanos ativos, que são representados na sintaxe por meio de construções verbais e sujeitos humanos não-ativos, que se representam na língua basicamente por construções passivas, cujos núcleos do predicado são adjetivos e nomes, e não, verbos.

No capítulo anterior, pudemos associar as CME às CME2 e às passivas e depois mostramos que todas as três construções formam uma classe natural. Com isso, diagnosticamos que PB e espanhol se diferenciam no ponto relativo à expressão de conteúdos não-ativos, o que explica uma série de fenômenos observados por diferentes pesquisadores e que aparentemente eram desconexos. Neste capítulo, passaremos dessa análise descritiva em direção a uma explicação dos processos das línguas e da interlíngua na constituição das construções de ME. Com isso pretendemos alcançar a adequação explicativa, além da adequação descritiva, para que nosso trabalho seja capaz, não apenas de descrever, mas de explicar os fenômenos em estudo, com base em uma teoria lingüística conhecida.

Assim, apresentaremos a teorização conhecida como Morfologia Distribuída (doravante MD), situando-a entre as demais teorias que procuram analisar a interface sintaxe-semântica. Da mesma maneira, apresentaremos uma análise anterior ao problema das construções passivas do inglês, a de Embick (2004) que nos servirá de base para analisar as construções em estudo nesta Tese. Depois, aplicaremos o modelo da MD às CME passivas e médias e

demonstraremos que esta teoria é capaz de tratar o fenômeno em questão de maneira eficiente e adequada e que a diferença entre as CME passivas e médias é sintática e semântica e reflete propriedades que distinguem e caracterizam as duas línguas em jogo.

Partiremos das observações do capítulo 4 desta Tese para buscar os procedimentos sintáticos que permitem que as línguas em jogo efetuem a escolha entre representar as CME por meio de construções predicativas ou de construções verbais.

Dois caminhos podem ser seguidos para uma categorização formal do processo. A primeira delas se localiza dentro de uma análise lexicalista, com forte ingrediente da semântica lexical. A outra possibilidade de análise se baseia na Morfologia Distribuída, que se caracteriza por ser, basicamente, anti-lexicalista. Isso significa que as propriedades do léxico, dentro do segundo modelo, são concebidas e realizadas por outros elementos da arquitetura gramatical e que as propriedades consideradas intrínsecas à morfologia são distribuídas entre a sintaxe e a fonologia. Dentro desta concepção é possível considerar que o falante materializa a forma que a mudança de estado vai tomar na língua apenas no momento da computação sintática, ele não tem duas noções *a priori*, porque nem mesmo as classes de palavras estão montadas na sua cognição, antes de ele efetuar alguma computação.

A representação sintática das construções predicativas frente às verbais tem que ser capaz de dar conta da diferença aspectual defendida nesta tese. Mas a forma como essas diferenças vão estar contempladas em uma estrutura depende das concepções que estão por detrás das teorias de interface entre sintaxe e semântica. Há diferentes propostas no âmbito da Gramática Gerativa para abordar a questão da estrutura argumental e implicações semânticas de uma ou outra das duas construções em estudo. As diferenças entre as hipóteses derivam das perspectivas teóricas de entendimento do papel do léxico e da sintaxe. Borer (2001), numa classificação abrangente, classifica as teorias em dois tipos: as endo-esqueletais, aquelas que poderíamos chamar projecionistas, e exo-esqueletais ou neo-construcionistas. A principal diferença entre elas é a de que as projecionistas, seguindo a linha da teoria de Princípios e Parâmetros, incluído o Programa Minimalista (Chomsky, 1993, 1995) defendem a existência de um léxico onde os elementos estão divididos em categorias e projetam-se no componente sintático carregando para este nível maior ou menor informação sobre a estrutura argumental. Por outro lado, as exo-esqueletais não atribuem ao léxico a informação sobre a estrutura argumental nem sobre as categorias que são ali armazenadas. Estes vão ser construídos em uma relação composicional na sintaxe. Outra distinção que deve ser feita de imediato, complementar à de Borer (2001), divide os modelos projecionistas em dois tipos: semântico-cêntricos sintático-cêntricos. As propostas semântico-cêntricas ou léxico-semânticas, defendem que os itens lexicais têm associada uma semântica que determina, em maior ou menor grau, a configuração sintática, e entre seus proponentes encontram-se Pustejovsky (1995) e Jackendoff (1990), além de Levin & Rappaport Hovav (1995). Por outro lado, as análises sintático-

cêntricas predizem que a estrutura sintática determina a interpretação dos elementos, segundo a configuração em que estes se encontrem na sentença. Os principais expoentes dessa abordagem são Hale & Keyser (1993, 2002) e Mateu (2002). Entre os modelos neo-construcionistas estão a “máquina gramatical” de Borer (2001, 2004) e a Morfologia Distribuída (Halle & Marantz, 1993), Marantz (1997ss). Passaremos à descrição do modelo da Morfologia Distribuída que nos servirá de instrumental teórico para alcançar a adequação explicativa do problema em estudo nesta Tese.

presentada inicialmente por Halle & Marantz (1993), e posteriormente refinada por Marantz (1997, 2001), Harley & Noyer (1999), Embick & Halle (2005), a Morfologia Distribuída (doravante MD) é uma teoria que revê o papel da morfologia no processo computacional da linguagem. Os papéis atribuídos à morfologia, pelo princípio da projeção (Chomsky 1981) no modelo lexicalista de Regência e Ligação, que são o de montar as palavras no léxico (i) e de recheá-las com os morfemas (ii), são distribuídos para os outros dois componentes indispensáveis em um modelo minimalista de gramática: a sintaxe, para a formação de palavras, e o estágio morfo-fonológico, no final da computação de cada fase. Desta maneira, neste modelo não existe léxico. As atribuições que concernem ao léxico nas teorias projecionistas são divididas na MD em um conjunto de três listas estáticas, sem nenhum componente gerativo (baseadas em Marantz 1997, 2001):

. Dos terminais sintáticos. Contém as raízes e os morfemas abstratos. As raízes são matrizes atômicas de traços gramaticais e semânticos que aparecem nos nós terminais da computação, como *zang-*. Esta raiz está envolvida em todas as ocorrências, por exemplo, de *zanga* (nome), *zangada* (adjetivo), *zangou* (verbo). Os morfemas abstratos são feixes atômicos de traços que correspondem a elementos funcionais presentes na computação sintática.

. Contém os itens de vocabulário (IV's). Um IV é um expoente fonológico que vem a ser inserido em dado morfema abstrato e é proveniente de uma relação entre um conjunto de elementos fonológicos e um conjunto de traços gramaticais. O pareamento entre esses conjuntos vai determinar a inserção dos elementos fonológicos no nó sintático correspondente.

Contém os significados idiomáticos associados às raízes, tanto em sua forma simples como em sua forma complexa. É denominada “enciclopédia”.

A distribuição das atribuições da morfologia para o componente sintático (onde vai se dar a formação das palavras) e o fonológico (onde os traços são recheados com os morfemas já associados a seu conteúdo fonológico, no estágio final de cada fase, determinada por um conjunto de operações sintáticas) desfaz a necessidade de se postular um léxico para a gramática, proposta que constitui o cerne da Hipótese Lexicalista, sobre a qual se construiu a teoria de Princípios e Parâmetros. Embick & Noyer (2004:2) (doravante E&N) comentam o assunto:

Embora muita da discussão corrente sobre Morfologia e Sintaxe seja construída sobre uma base lexicalista, deve-se se apontar que isso se deve a razões que são basicamente históricas, e que têm a ver com o desenvolvimento da Hipótese Lexicalista como um programa de pesquisa. Ao mesmo tempo, não há razão para suspeitar, *a priori*, que a teoria seria melhor se contivesse dois sistemas gerativos distintos. Ao contrário, o ônus da prova recai sobre a teoria onde proliferam mecanismos gerativos, isto é, sobre as teorias lexicalistas. Acreditamos que os mecanismos estritos impostos pelo Programa Minimalista (Chomsky

(1993 e trabalhos subseqüentes) sugerem a mesma conclusão.

Assim, E&N mostram que a MD está mais próxima do que seria um *design* ótimo do mecanismo da linguagem, no sentido de ser mais econômico e com o mínimo de elementos estipulativos, que oneram esse mesmo mecanismo, algo que Chomsky persegue ao propor o Programa Minimalista como agenda de pesquisa na Teoria de Princípios e Parâmetros.

Sendo assim, a gramática se resume, então, a: (1) um conjunto de primitivos, obtidos da *lista 1*; (2), um sistema computacional que combina esses primitivos, obtendo objetos complexos (a sintaxe); (3) uma interface com o sistema conceitual-intencional (C-I), como previsto no Programa Minimalista, onde se dá o acesso ao componente da lista denominado enciclopédia; e (4), uma interface com o sistema articulatório/perceptual (A-P), onde o resto do trabalho da morfologia é feito, quando entram no processo os elementos da *lista 2*, o vocabulário.

A *lista 1*, diferentemente do léxico, é essencialmente empobrecida, uma vez que nem as categorias como tais (nome, adjetivo, verbo) estão incluídas nela. O que faz parte dessa lista são raízes sem nenhum tipo de informação extra, como a que categoria pertence, estrutura argumental, ou aspecto. Todas estas informações pertencem ao significado e esse significado vai ser construído através das duas operações básicas do sistema gerativo, que é a sintaxe: *move e merge* (e as operações semânticas decorrentes das concatenações). A noção de fase do Programa Minimalista (Chomsky 1998, 1999), como aplicada por Marantz (2001) à MD, é importante porque divide os passos da computação sem que haja necessidade de se chegar a TP ou CP para que haja o *spell out*, na

nomenclatura minimalista e isso tem implicaturas na diferença entre tipos de palavras (Scher 2004, França & Lemle 2006). Como a MD é um modelo neo-construcionista, postula-se que os significados vão sendo negociados, à medida que vão se dando as operações sintáticas.

A construção de sentenças, desde o primeiro procedimento de concatenação até o *spell out* compreende três momentos fundamentais: a computação sintática, a estrutura morfológica e a inserção morfológica. Estes três passos estão bem definidos e as operações da gramática se divide entre esses três momentos da construção.

Na *estrutura sintática* realizam-se as operações sintáticas básicas (concatenar e mover ou copiar) e ocorre o acesso aos elementos da lista 1. Isso significa dizer que os elementos com os quais a sintaxe (propriamente dita) trabalha são de dois tipos, traços abstratos organizados em feixes e posições vazias onde serão inseridas as raízes.

O passo seguinte ao das operações sintáticas é a *Estrutura Morfológica*, onde ocorre a inserção de morfemas abstratos que posteriormente serão preenchidos por expoentes fonológicos. Os morfemas abstratos podem ser de dois tipos, *morfemas-f*, que correspondem, grosso modo às categorias funcionais e vêm a ser preenchidos com expoentes fonológicos da lista 2 no passo de inserção morfológica e *morfemas-l* que ocupam os *place-holders* da sintaxe e vêm a ser preenchidos pelas raízes no passo seguinte. Junto com a inserção dos morfemas abstratos, têm lugar, na estrutura morfológica, as operações computacionais extra-sintáticas. As principais operações morfológicas efetuadas pela gramática neste passo são *fusão*, *fissão*, e *empobrecimento*, entre outras. Essas operações estão associadas à idéia de

“ajuste” na estrutura gerada pela sintaxe, e que reponde pela diferença idiossincrática entre as línguas. Assim, nós terminais de tempo podem se dividir (fissão) para abrigar morfemas de concordância além do de tempo, nas línguas que exibem essa propriedade; dois nós terminais podem ser representados em certas línguas por meio de um único morfema, e esse fenômeno está representado na operação de *fusão* e certos morfemas podem estar representados na língua por expoentes fonológicos que contêm menos informação que originalmente o morfema possui; isto constitui a operação de *empobrecimento* . Estas operações estão reguladas por um princípio norteador da construção que é a noção de estrutura sintática *all the way down* , que será comentada adiante.

A *inserção morfológica* é o passo computacional seguinte. Neste passo não há mais operações de construção (sintática) nem operações morfológicas, a estrutura já está pronta. Neste momento ocorre a associação dos morfemas abstratos presentes na computação a expoentes fonológicos já existentes na lista 2 da língua. Estes são chamados itens de vocabulário (IV) e respondem a certos conjuntos de traços. Assim, há itens mais especificados e itens menos especificados. A inserção dos IV nos morfemas-f para que a sentença ganhe materialidade se dá por uma espécie de competição entre os IV passíveis de inserção nos morfemas, regulada pelo princípio do subconjunto (Halle 1997), que determina que qualquer IV que contenha um subconjunto dos traços existentes no morfema abstrato pode competir por inserção, e o que decide qual IV é o que vem a ser inserido é a maior quantidade de traços coincidentes entre item de vocabulário e morfema. Esta estrutura é mandada para a interface

conceitual, onde uma lista ligada ao conhecimento de mundo atribui significado àquela construção.

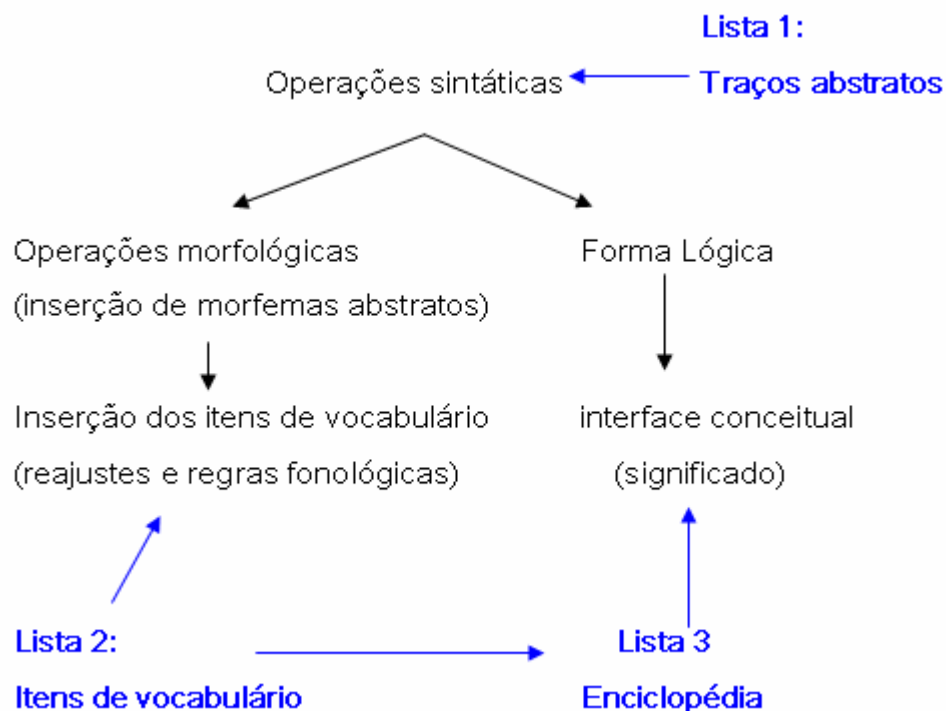
Há três idéias fundamentais que caracterizam o modelo da MD: a *inserção tardia*, a *subespecificação* e a estrutura sintática hierarquizada *all the way down*, noções que serão explicadas a seguir:

A *inserção tardia* corresponde a uma concepção de gramática de acordo com a qual sintaxe e fonologia são procedimentos independentes e que não ocorrem simultaneamente. A sintaxe realiza operações com categorias abstratas desprovidas de alguma correspondência com expoentes fonológicos a priori. Depois de realizadas as operações sintáticas e morfológicas e a estrutura está “pronta”, ocorre uma inserção de expoentes fonológicos existentes na lista 2, que vão prover a construção de expressão fônica.

A subespecificação se refere aos itens de vocabulário, elementos constantes da lista 2 e prevê que os expoentes fonológicos não precisam estar plenamente especificados para as posições sintáticas onde devem ser inseridos.

A estrutura sintática hierarquizada *all the way down/top-down* regula a possibilidade de alterações na estrutura que são realizadas no componente pós-sintático. As operações morfológicas são locais e devem respeitar princípios sintáticos, como restrições de localidade e não modificam o caráter universal das estruturas geradas na sintaxe e respeitam o modelo de construção sintático.

O modelo pode ser assim esquematizado:



Em termos teóricos, neste modelo pode-se dizer que não há interface léxico-sintaxe porque não há léxico. Também não há projeção ou mapeamento da maneira como se entende no modelo lexicalista, porque essa idéia pressupõe a projeção da estrutura argumental associada previamente a dado item, enquanto o que existe na lista 1 do modelo da DM são apenas raízes, que se entende como inseridas e não projetadas, porque aparecem no sistema computacional destituídas de qualquer carga semântica. Assim, estrutura morfológica e estrutura sintática são a mesma coisa, e também não haveria interface morfologia/sintaxe, uma vez que a sintaxe efetua a maior parte do trabalho da morfologia, já que a noção de ‘palavra’ é entendida como não sendo

uma classe natural de objetos na Teoria da Gramática (Cf. Marantz 2001, E&N 2004). Claro está que neste modelo, a sintaxe não é ‘cega’ para as informações que vão sendo concatenadas, apesar de, como defendido por Borer (2004a), ser uma ‘máquina computacional’.

Itens são formados através de sucessivas concatenações sintáticas (“merges”) produzidas por movimento de núcleo em adjunções sucessivas, no denominado *princípio do espelhamento*, que determina que a construção de palavras reflete a construção de sentenças: assim com a construção de sentenças se dá por meio das porções sintáticas básicas concatenar e mover, a palavra é um produto sintático, assim como as sentenças, formada por meio das mesmas operações que concatenam e movem unidades sintáticas mínimas: feixes de traços e raízes.

Pudemos observar nos primeiros passos de análise do nosso problema (capítulo 4) que não há justificativa para propor uma diferença *a priori* entre a voz média e a voz passiva, no que diz respeito às CME. Pelo contrário, as CME correspondem a um subconjunto de um conjunto de fenômenos mais amplos que envolve a expressão de eventualidades de sujeitos afetados (não-ativos). A diferença entre voz ativa e voz passiva constitui uma diferença puramente formal, e pudemos demonstrar isso, mostrando que passivas e CME se materializam nas duas vozes, em ambas as línguas estudadas e a principal diferença tangível entre essas duplas manifestações é a de frequência do recurso à voz passiva ou média em uma e outra língua.

Uma análise formal das CME em questão deveria ser capaz de explicar a constatação de que construções passivas e médias são, inerentemente, antes de sua materialização lingüística, um mesmo fenômeno, na cognição do falante, e que sua representação por meio uma ou da outra voz vai se dar por uma escolha de fundo sintático-semântico.

A Morfologia Distribuída oferece uma possibilidade real de análise das CME capaz de levar em conta todas as sutilezas levantadas na comparação entre construções predicativas e verbais, no capítulo (4). Com relação às CME, CME2 e passivas, as formas de expressão mais freqüentes em cada língua para cada um dos fenômenos só se diferenciam no seu aspecto léxico devido à classe de palavra pela qual são materializados lingüisticamente. A comparação sugere que a materialização lingüística desses fenômenos pode estar ligada a um passo de escolha.

Assim como na MD as classes de palavras tradicionais (nome, verbo, adjetivo e advérbio) não são primitivos lexicais – já que, nessa concepção, os primitivos sintáticos são as raízes, que se concatenam na sintaxe com núcleos categorizadores, que vão determinar que aquela combinação será um nome, um verbo, um adjetivo ou um advérbio – também a expressão dos fenômenos enumerados acima como médios ou como passivos não está especificada *a priori* e só vai ser determinada no momento de trazer-se à Numeração o categorizador com o qual a raiz vai negociar seu significado, o que vai determinar também a sintaxe da construção.

Desenvolveremos esta idéia nas análises a seguir.

Pudemos ver que as construções verbais correspondem às médias, uma vez que as médias se caracterizam por um verbo na forma ativa, cujo evento ao qual se refere se inicia e se dirige no âmbito do próprio sujeito, que é não-ativo. Pelo fato de que esta construção é uma variante não-causativa de construções causativas, também recebeu o nome na literatura gerativista de anti-causativa.

Por outro lado, com relação às construções predicativas, pudemos ver que são construções que apresentam eventos cuja referência é feita por meio de adjetivos e participios. Essa é uma variante das construções passivas. Estas podem dividir-se em sintáticas e adjetivais. As passivas sintáticas têm um componente eventivo e um agente que pode ser expresso na construção por meio de um SP adjetival, como no exemplo abaixo:

(107a) O palco foi escurecido .

Neste exemplo, o evento de escurecer tem um componente agentivo que pode ser observado na compatibilidade da construção com um SP agente que se encarrega do papel temático de causador/agente.

Da mesma maneira, a passiva sintática demonstra compatibilidade com uma oração final com função de adjunto, o que mais uma vez comprova seu caráter causativo:

(107b) O palco foi escurecido .

Dessa maneira, a possibilidade de aceitar orações finais e agentes caracteriza as construções passivas sintáticas do outro tipo de passivas, as adjetivais.

As construções predicativas em jogo neste trabalho, são aquelas que apresentam a pseudo-cópula do tipo BECOME representada no PB por [ficar+adjetivo/particípio]. Esse tipo de construção é uma passiva, tal como afirmam Kratzer (2000) e Embick (2004). As passivas adjetivais são passivas que se formam com cópulas e pseudo-cópulas no lugar de auxiliares (i) e que podem ter como núcleo do predicado tanto participípios quanto adjetivos (ii). Assim, enquanto as passivas sintáticas têm a estrutura de [auxiliar+ particípio], as passivas adjetivais são conformadas por uma das duas seguintes configurações: [cópula/pseudo-cópula+particípio] ou ainda, [cópula/pseudo-cópula+adjetivo]. Essas duas configurações são exemplificadas, respectivamente, em (108a) e (108b), abaixo:

(108a) O palco está escurecido.

(108b) O palco está escuro.

(109a) O palco ficou escurecido.

(109b) O palco ficou escuro.

A diferença entre as duas tem claras implicações semânticas. Embick divide essas passivas em dois grupos claramente diferentes. Ele baseia sua proposta em Kratzer (2000) que, por sua vez, demonstra que há dois tipos de passivas adjetivais: as de estado-alvo e as de estado-resultante. As de estado-

alvo estão associadas a uma semântica estativa, enquanto as de estado-resultante estão associadas a uma interpretação eventiva. Embick (2004) observa que (108a) é construída com uma forma que remete a uma interpretação eventiva, que é precisamente a presença de um verbalizador de processo, para o nosso caso, trata-se de *-ec-*, como em *escur-ec-er*, que não aparece na outra forma de passiva adjetival, que é aquela construída com um adjetivo. A essa diferença na estrutura do núcleo do predicado Embick vai atribuir a diferença entre construções que veiculam uma semântica eventiva e construções das quais não se pode interpretar nenhum componente de processo, apenas de estado. Assim, ele classifica as passivas adjetivais construídas com participios como *eventivas* e as demais, construídas com adjetivos, como *estativas*.

Uma das provas sintáticas utilizadas por Embick (2004), foi a da compatibilidade da construção com advérbios de modo:

(110a) O palco permaneceu cuidadosamente .

(110b) *O palco permaneceu cuidadosamente .

De acordo com os exemplos acima, a modificação adverbial só pode se dar com passivas adjetivais eventivas, não-estativas, o que segundo Embick é uma prova de que existe um evento envolvido nas primeiras, mas não, nas segundas.

Assim, Embick mostra que há três, e não, dois tipos de passivas perifrásticas: as sintáticas, as adjetivais eventivas e as adjetivais estativas, que procuraremos representar aqui com expressões de mudança de estado:

(111a) *Ana foi entristecida pelo pai.

(111b) Ana ficou entristecida (por causa do pai).

(111c) Ana ficou triste.

(112a) Ana foi ensurdecida pelo ronco da turbina.

(112b) Ana está ensurdecida (por causa do barulho).

(112c) Ana está surda (por causa do barulho).

(113a) Ana foi ensurdecida pelo ronco da turbina.

(113b) Ana ficou ensurdecida (por causa do barulho).

(113c) Ana ficou surda (por causa do barulho).

O conjunto de exemplos (111), de mudança de estado psicológico demonstra que a mudança de estado psicológico se diferencia da física por ser exclusivamente de causa interna, no sentido de que se trata de um fenômeno sem causador direto, sem agente, o que lhe dá uma semântica inacusativa. Podemos afirmar isso dada a agramaticalidade de (111a). Essa característica não-agentiva da ME psicológica pode ser observada, ainda, no seguinte quadro⁵⁴:

54

*Foi aborrecida	Ficou aborrecida
*Foi chateada	Ficou chateada
*Foi apavorada	Ficou apavorada
*Foi chateada	Ficou chateada
*Foi emocionada	Ficou emocionada
*Foi empolgada	Ficou empolgada
*Foi preocupada	Ficou preocupada

Ainda, nas construções de ME psicológico, um adjunto veiculando causação secundária pode ser admitido, como em (111b).

Com a construção de mudança de estado físico o que ocorre é que ela pode ter causação interna ou externa, como em (112a) *ela foi ensurdecida pelo ronco da turbina*, de causa externa, e **ela foi adoentada pelas condições de trabalho*, de causa interna. A diferença entre passivas adjetivais resultativa (112b) e estativa (112c) também se representa na semântica, uma vez que em (112c) o núcleo do predicado *surda* é interpretado como uma *propriedade* e em (112b), *ensurdecida*, como um *estado* transitório, o que remonta à distinção de Kratzer (1996) entre, respectivamente, predicados *de indivíduo* e *de estágio*. Essa distinção pode ser observada em várias construções de ME físico. Como mostram os exemplos abaixo:

(114a) Ele está adoentado.

(114b) Ele está doente.

(115a) Ele ficou adoentado.

(115b) Ele ficou doente.

(116a) Ele ficou emudecido.

(116b) Ele ficou mudo.

(117a) Ele ficou envelhecido.

(117b) ele ficou velho.

Agrupamos os exemplos de (114) e (115) porque, além de mostrar que os predicados da série (a), por apresentarem o verbalizador de processo -*ec*-remetem à interpretação do predicado como transitório, a diferença entre os exemplos de (114) e de (115) é a pseudo-cópula. *Estar* não confere ao predicado nenhuma noção eventiva, diferentemente de *ficou*, que, como demonstraremos adiante, é entendido por nós como a manifestação de um núcleo BECOME, que tem uma semântica eventiva. Procuramos mostrar que inclusive com a cópula *estar*, não eventiva, mantém-se a distinção semântica entre a passiva adjetival resultativa e a estativa, que, no caso da ME físico pode ser interpretada como estado ou também como propriedade. Em (116a) *emudecido* é entendido como estado transitório resultante de um evento (não necessariamente associado à pseudo-cópula, mas intrínseco ao participio, como demonstramos em [114 e 115]) e *mudo* pode ser interpretado como propriedade, além da interpretação possível de estado. Em (117a), *envelhecido* também remonta a um processo e *velho* é interpretado como um estado.

Embick (2004) observa que a passiva com maior componente de noções eventivas é a sintática, enquanto, do outro lado, a passiva com menor

componente de noções eventivas é a passiva adjetival (doravante PA) estativa. A PA resultativa estaria entre as duas, pelo fato de que o seu núcleo, um participío, compartilha morfemas com as construções verbais. Precisamente, trata-se do verbalizador de processo *-ec-*. Esta construção, então, estaria a meio caminho entre as passivas eventivas e as passivas totalmente estativas, já que não são passivas verbais, mas embutem uma noção de processo intrínseca, que compartilham com as passivas verbais e que as passivas estativas não possuem.

A análise de Embick, assim como a de Kratzer (1996) divide as PA em estativas e eventivas. Essas duas construções, com suas diferentes propriedades correspondem, respectivamente, aos predicados de estado-alvo e de estado-resultante, de Kratzer. Essas duas construções e esses dois tipos de predicados estão envolvidos na representação das CME tanto em PB quanto em espanhol e interlíngua. Uma análise ideal do problema teria que dar conta tanto das observações de Embick quanto das de Kratzer e assim, teria maior poder explicativo. A estrutura da PA de estado-alvo é: *cópula* (caso de “estar”) ou *pseudo-cópula* (caso de [ficar+adjetivo]). Testes efetuados por Embick, revelam que os adjetivos nas passivas adjetivais não atribuem à construção nenhum componente aspectual incoativo/eventivo.

A computação de uma passiva adjetival estativa é diferente da computação de uma PA eventiva devido às propriedades que cada uma delas apresenta. A PA estativa se caracteriza aspectualmente por um estado-alvo manifesto na sintaxe. Essa construção tem sido representada sintaticamente por meio da oração pequena (*small clause*) (Harley, 2006, p. ex.), cuja configuração sintática é capaz de montar semanticamente uma relação de predicação entre um adjetivo e um DP. Por outro lado, um predicado de estado resultante se

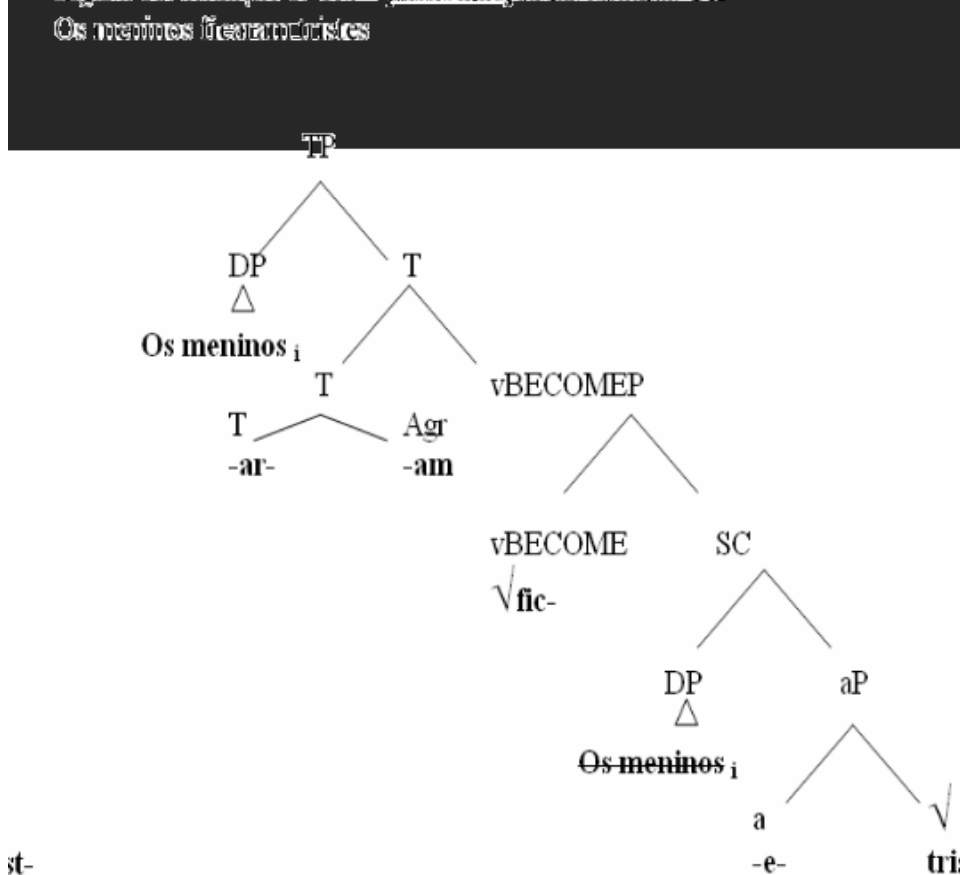
caracteriza por uma relação entre um DP e um particípio. Os adjetivos e participios se confundem em PB nos casos em que o adjetivo tem uma morfologia denominada de tempo por Ippolito (1999) que corresponde em PB e em espanhol, assim como no italiano, ao elemento *-d-*, que aparece obrigatoriamente em participios e nem sempre em adjetivos. Assim, *triste* se difere de *entristecida* uma vez que *triste* é um mero adjetivo e *entristecida* é um particípio e a morfologia de uma e de outras palavras determina que uma seja um predicativo de *estado-alvo* e outra seja um predicativo de *estado resultante*. No entanto, ambas as formas se diferenciam do verbo, presente na outra possibilidade de expressão da CME, por meio da construção verbal. Então, pode-se dizer que o problema da CME se caracteriza pela possibilidade de expressão de quatro maneiras: por construções verbais, onde se situam as transitivas (O aluno aborreceu a professora) e as médias (A professora se aborreceu) e as PA estativa (ela está/ficou triste) e resultativa (ela está/ficou entristecida). Uma teoria abrangente e correta tem que ser capaz de explicar os mecanismos de formação desses quatro tipos, respeitando as múltiplas características que essas construções têm em comum entre si. Assim, o núcleo da PA resultativa compartilha morfemas com as verbais, o que diferencia essas construções da PA estativa. Da mesma maneira, ambas as PA são construções sintáticas inegáveis já que a PA resultativa é uma perífrase e a PA estativa se assemelha também a uma perífrase, por se fazer representar por duas “palavras”, enquanto dentro de uma comparação de teorias, a construção transitiva e a média poderiam ser consideradas fenômenos lexicais, já que não são construções analíticas. Outra característica que separa as PA das construções verbais é o fato de que ambas são construções passivas e remetem à

interpretação do fenômeno representado como um estado, enquanto as construções verbais, por conterem o verbo na forma ativa, remetem à interpretação do fenômeno como eventivo. Enquanto tanto a construção média quanto a passiva adjetival apresentam sujeitos afetados, não agentivos, a construção transitiva tem sujeitos agentivos e é, de fato a construção ativa por excelência. Essa é a característica que divide as construções verbais, associando as médias às PA. Uma análise da forma como estas construções são computadas tem quem ser capaz de levar em conta todas essas propriedades compartilhadas entre as quatro construções aqui comentadas e, ao mesmo tempo, dar conta das diferenças que as individualizam. O restante deste capítulo é dedicado a procurar explicar o fenômeno em suas quatro possibilidades de expressão nas três línguas, pois uma vez que os algoritmos de construção estejam corretos eles são universais e não têm que ser adaptados de língua para língua, de maneira *ad hoc*.

As passivas adjetivais se diferenciam estruturalmente das médias por serem construções compostas de duas palavras: [cópula/pseudo-cópula+adjetivo/particípio], o que significa que no caso das PA, há duas raízes a serem inseridas, além daquelas dos argumentos. Além disso, as construções transitivas são necessariamente eventivas, enquanto as PA apresentam um componente estativo, que pode ser acrescido de um valor eventivo extra, no próprio núcleo do predicado, no caso da PA resultativa. Enquanto transitivas e médias são verbais, as PA apresentam um núcleo não-verbal. No caso específico da PA estativa, cujo núcleo é um adjetivo, observe-se que a noção incoativa de

mudança de estado não é dada pelo predicativo, e sim, pela pseudo-cópula a ela associada. No caso de ser empregada a cópula *estar*, a PA vem a ser destituída de qualquer noção incoativa e só tem a semântica da representação de um estado que associa ao DP. No caso das CME a pseudo-cópula empregada é, obrigatoriamente, “ficar”, e então, no cálculo semântico da composição de todos os elementos, é que ela vem a ter uma leitura incoativa.

Figura 13. Situação 1: CME passiva adjectival estativa.



A representação mostra o resultado dos três passos da computação da passiva adjectival estativa: estrutura sintática (i), estrutura morfológica (ii) e inserção morfológica (iii). Essa PA é caracterizada por apresentar um adjetivo como núcleo do predicado e propomos que este se forma da seguinte maneira: a

raiz se concatena com um categorizador adjetival cujo resultado vai ser a categorização daquela raiz como adjetival. Essa concatenação tem como resultado um sintagma adjetival, que vai se juntar ao argumento único da sentença, um DP, formando uma *oração pequena (small clause, SC)*, que estabelece uma relação de predicação que, em si, constitui uma fase para a computação, o que significa que esse composto é mandado para *spell-out* antes que o resto da computação da sentença inteira se complete. Essa fase, *grosso modo* forma o adjetivo que *ver a ser* o núcleo do predicado. A concordância de DP e adjetivo se dá por cópia de traços no momento da inserção do DP na estrutura, em cuja posição satisfaz as relações temáticas da construção, sendo interpretado como o tema da construção, entidade afetada pela eventualidade ali veiculada. No passo seguinte da composição, a *small clause* se concatena com um núcleo verbal de semântica incoativa que, dada a sua posição estrutural, no passo de *estrutura morfológica* vem a ser um terminal que abrigará uma raiz, inserida no terceiro passo, o de *inserção morfológica*. Nesse passo, o terminal recebe a inserção da raiz da pseudo-cópula. O núcleo T, na estrutura morfológica, sofre uma operação de *fissão* e se divide em dois terminais que vão abrigar os morfemas de tempo e de concordância que a pseudo-cópula exhibe. A concordância se dá por cópia dos traços do DP que é alçado da *small clause* para o especificador de TP, movimento motivado por razões de checagem de Caso.

O núcleo T se divide, depois do passo de estrutura sintática, nos dois referidos terminais *T* e *Asp* para abrigar, respectivamente, os morfemas de tempo e concordância da pseudo-cópula, uma vez que a concordância é uma categoria considerada de fora da computação sintática, pelo fato de não ser

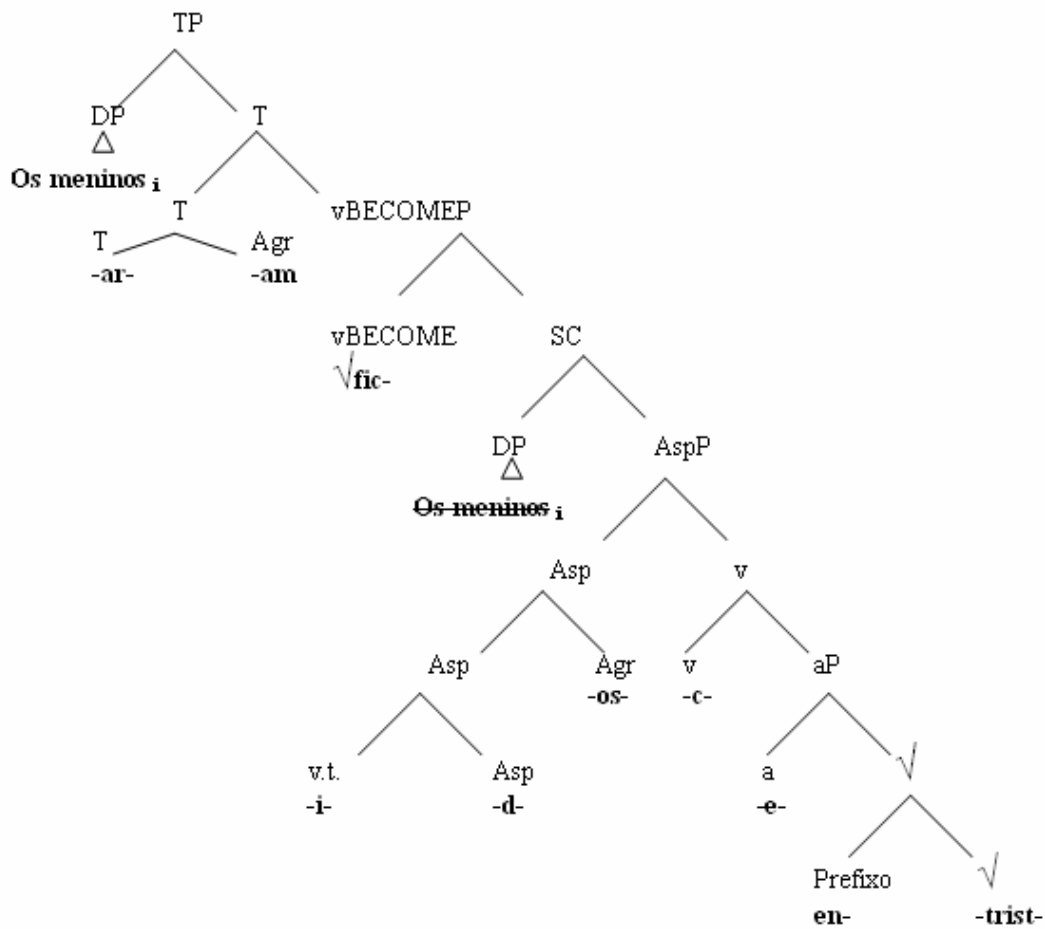
universal, o que significa dizer que, como seu aparecimento varia segundo a língua, não pode estar previsto na estrutura sintática, e, sim, no passo de estrutura morfológica, onde as idiosincrasias de cada língua promovem reajustes na estrutura criada pela sintaxe.

O diagrama representa também os itens de vocabulário (IV's) que são inseridos na construção no passo de inserção morfológica, em cada uma das sentenças. Uma representação do tipo mais complexo de passiva adjetival, a resultativa, tem que ser capaz de funcionar com os mesmos princípios que regem esta computação.

A diferença entre PA estativas e resultativas está em que as últimas veiculam um estado resultante no próprio núcleo do predicado (enquanto as passivas estativas só obtêm uma interpretação de estado-resultante por meio de uma leitura composicional de [pseudo-cópula+predicativo]. Essa característica tem que estar representada na estrutura interna do participio, que é o núcleo das passivas adjetivais resultativas. A seguir, apresentamos a representação de uma PA resultativa.

Figura 14. Situação 2: CME passiva adjetival resultativa.

Os meninos ficaram entristecidos



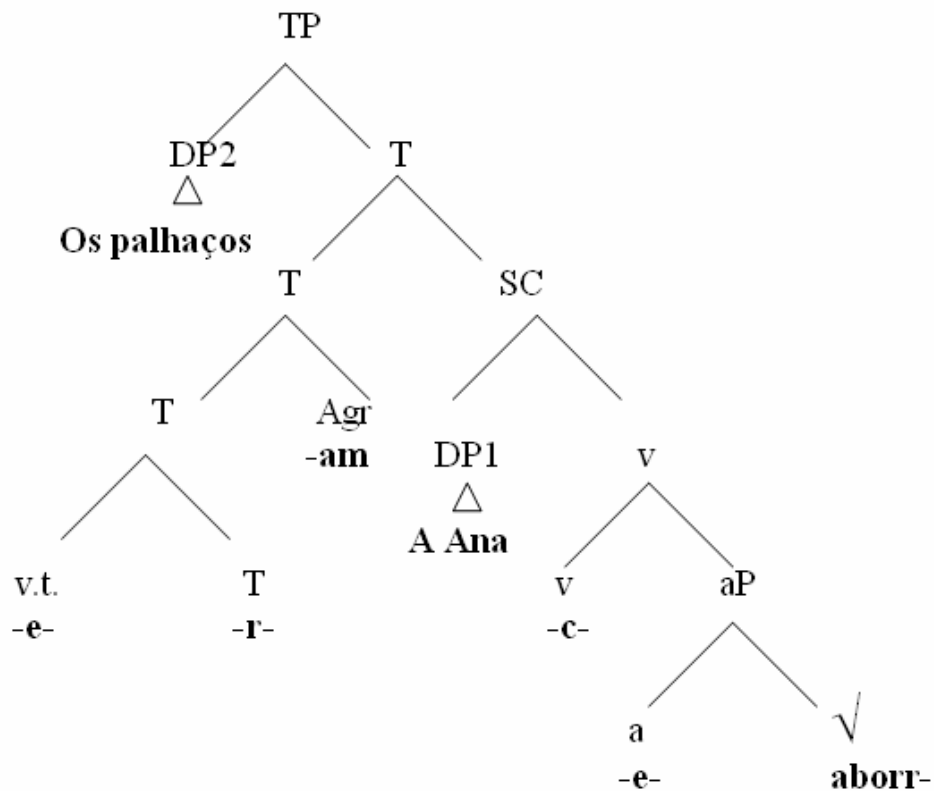
Na representação, a raiz é concatenada com um prefixo que já lhe atribui semântica incoativa. O resultado dessa primeira junção vai se concatenar com um categorizador adjetival, onde se dá a negociação do significado da raiz como adjetivo, cujo produto é um sintagma adjetival. Este se concatena com um outro categorizador, desta vez verbal, o que vai determinar que esse adjetivo se verbalize. Esta construção verbal é, ainda, combinada com um núcleo aspectual. Este atribui semântica estativa à construção verbal, o que vai converter esse verbo deadjetival, agora, em um particípio. Isso explica a semântica híbrida do

particípio, que tem propriedades ao mesmo tempo eventivas e estativas. As propriedades eventivas são atribuídas composicionalmente na concatenação com um verbalizador e as propriedades estativas provém da combinação desse verbo com o sintagma aspectual, onde será inserido o morfema de aspecto, que estativiza essa construção. Como notado por Ippolito (1999), essa posição é a que abriga o morfema de tempo *-d-*, que, em um ambiente nominal é relido não como tempo, mas como aspecto, e pode ser determinante na leitura resultativa. Na estrutura morfológica, o núcleo *Asp* se divide em dois: aspecto (*Asp*) e concordância (*Agr*), por meio da aplicação da operação morfológica *fissão*. O núcleo *Asp* sofre, ainda, nova *fissão* para abrigar a vogal temática do verbo formado. No passo seguinte, a *inserção morfológica*, os morfemas inseridos nas posições criadas são preenchidos pelos expoentes fonológicos. Ainda na estrutura sintática, o DP é concatenado com o particípio resultante em *AspP*, formando uma *small clause* (SC), que é mandada para a fonologia como uma fase. A *small clause*, por sua vez, se concatena com um verbalizador incoativo (vezinho BECOME), cuja posição vem a ser ocupada pela raiz da pseudo-cópula na *inserção morfológica*, e a estrutura resultante se concatena com o núcleo T, que se divide em dois, T e *Agr*, que vai abrigar os traços de gênero e número herdados por cópia daqueles do DP, alçado para [Spec, TP] para checagem de Caso.

Na representação, observa-se ainda, que igualmente ao que ocorre na computação das PA estativas, o argumento unico é interpretado como tema por razões configuracionais: é o DP asociado à raiz, e esse elemento é posteriormente alçado à posição de especificador do sintagma Tempo (TP), onde é licenciado como sujeito.

Para podermos chegar à representação da construção média, começaremos analisando a representação de uma construção transitiva com um verbo deverbal. As construções transitivas se caracterizam minimamente pela existência de dois argumentos, o que implica que um deles seja externo, e de papel temático associado à noção de causação.

Figura 15. Situação 3: CME transitiva.
Os palhaços aborreceram a Ana



Esta estrutura representa a complexidade de um verbo deadjetival que apresenta na sua estrutura interna, dois sub-eventos: um incoativo e outro causativo. E é por isso que esse tipo de construção pode substituir a passiva

adjetival, que também tem os dois componentes aspectuais na sua semântica, que são dados no momento da negociação do significado composicional, na interface entre a lista 3 e a forma lógica.

O diagrama acima mostra o resultado dos três passos computacionais da construção. Não postulamos níveis nem sintagmas desnecessários nem perdemos de vista as generalizações que congregam os diferentes tipos de CME, segundo sua forma e as propriedades dessas formas.

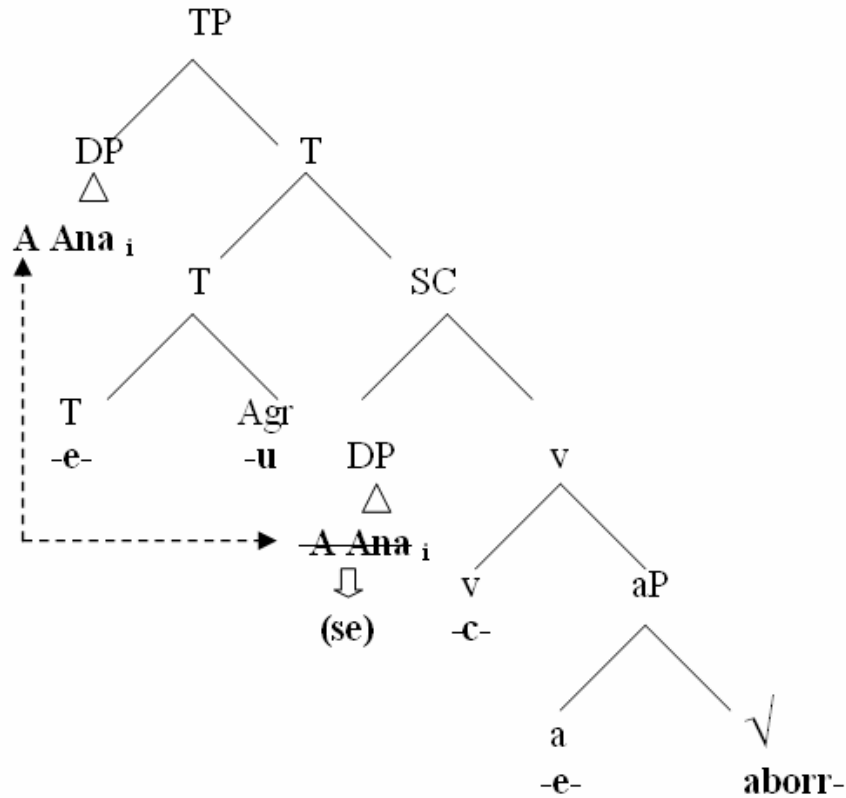
O verbo de adjetival é formado através da seleção de uma raiz que se concatena com um adjetivador formando um adjetivo. Esta raiz categorizada é concatenada com um verbalizador para formar o verbo de adjetival. O verbo formado, por sua vez, se concatena com um DP formando uma *small clause*. O DP inserido nesta parte da estrutura tem o papel temático atribuído e vem a ser interpretado como tema. A *small clause* é concatenada com um núcleo temporal que vai abrigar posteriormente os morfemas de tempo e concordância. A concordância do verbo se dará com o DP que vai ocupar [spec, TP], neste caso, *os palhaços*, que checa Caso acusativo e é interpretado como argumento externo, causador do evento.

Finalmente, falta uma proposta de formação da construção média, que esteja baseada nos mesmos princípios que norteiam a formação das outras CME. É uma solução esperada, que haja o mínimo de variação possível na arquitetura da gramática que se quer elegante e precisa. Não se pode esquecer que as construções médias se caracterizam pela expressão de um conteúdo passivo por meio de uma forma ativa do verbo. Em termos de sintaxe sublexical, a única coisa que diferencia um verbo inacusativo de um verbo causativo é a existência de uma camada causativa cujo núcleo atribui semântica agentiva à

construção. Na proposta de representação das CME médias a ser apresentada nesta Tese, defendemos que as CME médias são construções ativas caracterizadas por possuírem um argumento único, que vem a ocupar as duas posições estruturais existentes por meio de um “último recurso”, que é o de copiar-se para ocupar simultaneamente as duas posições. Entendemos que este é o recurso menos custoso para a computação, uma vez que não modifica a arquitetura das construções ativas (i) e o recurso de cópia tem cada vez mais importância no Minimalismo, como alternativa ao recurso ao movimento, por ser igualmente menos custoso (ii) (ver Hornstein, Nunes & Grohman, 2005).

Assim, em uma generalização desejável, a computação sintática da construção média de ME é idêntica à da transitiva e a diferença estaria no recurso à cópia do DP único para satisfazer as duas posições temáticas criadas na construção ativa.

Figura 16. Situação 4: CME média.
A Ana se aborreceu



A diferença é que representamos aqui a formação de uma cadeia de co-indexação propiciada pelo processo de cópia. A gramática copia um argumento único para ocupar uma posição construída, quando não há argumento diferente para ser inserido ali. A cópia neste caso se dá por requerimentos de satisfação do critério-theta uma vez que um verbo abre duas posições temáticas. Com relação à checagem de Caso, a cadeia temática e acaba licenciando a cópia mais alta como sujeito. Esta generalização explica de uma maneira diferente daquelas

já apresentadas por Chierchia (1989) e Reinhart & Siloni (2004)⁵⁵, entre outros, o aparecimento do clítico das médias.

Na representação, o argumento único “a Ana” é copiado para o especificador do sintagma causativo [Spec, v P] quando este é criado. Defendemos que na Estrutura Morfológica, uma restrição sobre o aparecimento de um mesmo argumento em duas posições força o empobrecimento de uma dessas posições estruturais, a mais baixa. Esta vem a sofrer uma nova inserção, desta vez, de uma anáfora. A cópia explica a razão pela qual Camacho (2003) é capaz de demonstrar que o argumento único das construções médias ora se comporta como agente, ora como tema. E isso se deve justamente a que este elemento na construção média tem a interpretação semântica dupla, satisfazendo, assim, as exigências da construção. Isso explica, também, a aparição do clítico *se* nessas construções. Uma vez que entre um elemento e a sua cópia forma-se uma cadeia referencial, um dos dois elementos co-referenciais tem que ser apagado ou ter seus traços empobrecidos para surgir como anáfora. Este procedimento, também defendido por Alboiu et alli (2004), que por sua vez se baseiam em Hornstein (1999), pode ser motivado por um princípio que norteia a formação de cadeias referenciais, como a *Condição Geral das Cadeias Argumentais*, de Reinhart & Reuland (1993), também utilizada por Alboiu et alli (2004). Esse é um requerimento de boa formação e prediz que em uma cadeia argumental, apenas um dos elementos pode ser [+R] (referencial).

Isso explicaria as duas características fundamentais das construções médias: a possibilidade de o argumento único ter dois papéis temáticos (o que

⁵⁵ Suas abordagens são lexicalistas.

significa, em termos estruturais, que ocupa duas posições diferentes) e o aparecimento do , que, neste caso tem as mesmas propriedades interpretativas de um tema, o que está de acordo com a proposta de Nunes (1995) e contra a de Ilari (1996), para quem o se das médias é destituído de qualquer propriedade interpretativa.

Na IL o que se nota são os dois problemas, apresentados no capítulo (4):
que os aprendizes, quando constroem CM

de valor temporal durativo (ver capítulo 2). A observação da capacidade de cada uma das construções em jogo de se associar a esses valores determina o alcance da sua distribuição e justifica o seu emprego. O segundo conjunto de propriedades se refere à diferença notada na sub-seção anterior, de que o PB tende a dividir sintaticamente em grupos opostos as construções de sujeitos afetados observadas (onde entram as CME e as passivas) e as de sujeitos ativos (CME transitivas externamente causadas), onde as primeiras têm expressão primordial por meio de passivas adjetivais (PA). Com relação à distribuição desses fenômenos, o espanhol, numericamente, não opõe sintaticamente construções de sujeitos afetados e de sujeitos ativos, tendendo à construção de CMEs tanto ativa quanto de sujeitos afetados e de passivas como médias, que se caracterizam pela verbalização da raiz, na abordagem da MD, e pela combinação de formas verbais ativas e sujeitos afetados, pela definição tradicional. Observamos, na sub-seção anterior, que a presença do sintagma Asp nas PA acrescentava à construção um componente estativo ausente nas construções verbais, que têm leitura eventiva. Procuraremos esclarecer um pouco mais a diferença entre leitura estativa e leitura eventiva ao analisar as construções de IL.

Iniciamos nossa abordagem ao problema 2 explorando a dicotomia incoativo vs. permansivo (até onde se possam extrair diferenças sintáticas baseadas nessa diferença, quando teremos que explorar a outra diferença, entre leitura estativa e leitura eventiva). Tanto a construção média quanto a passiva adjetival fazem parte da competência ou do conhecimento da língua dos falantes de ambas as línguas, PB e espanhol, como pode ser observado no exemplos abaixo:

(118) *PB formas de expressão de uma construção de sujeitos afetados*
(a CME).

Ela ficou zangada.

Ela se zangou.

(119) *Espanhol.*

Ella se puso enfadada.

Ella se enfadó.

Os exemplos demonstram que ambas as línguas são capazes de computar essas construções, ainda que estas tenham valores semânticos diferentes. O teste de distribuição e de compatibilidade com adjuntos apresentado no capítulo (2) mostra que as seguintes construções do espanhol *ella se puso enfadada* e *ella se enfadó* têm o mesmo valor aspectual no que se refere à dicotomia *valor incoativo vs valor permansivo*. Ambas são incoativas e não têm valor permansivo, o que as diferencia de outra construção predicativa: *ella se quedó enfadada*, que tem um componente permansivo aliado ao valor incoativo que falta às outras duas. Por outro lado, no PB *ela ficou zangada* pode ser tanto apenas incoativa quanto incoativo-permansiva. Quando tem valor unicamente incoativo equivale a *ella se puso enfadada*, tal qual ocorre no espanhol. A diferença, para este caso, entre *se puso* e *se quedó* do espanhol fica neutralizada no PB.

Assim, a distribuição da construção média é associada em ambas as línguas ao valor incoativo, e é, portanto, em termos de distribuição, igual à do PB. A diferença de distribuição entre as duas línguas se dá nas passivas adjetivais, uma vez que, na expressão de estados (*stage level*) o espanhol de

divide em duas pseudo-cópias e o PB em apenas uma. O trabalho efetuado por uma pseudo-cópula do PB é efetuado

Tabela 18. Confronto translingüístico entre construções e aspectos veiculados (II).

Construção de ME	Valor exclusivamente incoativo	Valores incoativo e permansivo
Ficar+adjetivo (PB)	✓	✓
Média (PB)	✓	
Quedar(se)+adjetivo(E)		✓
Ponerse+adjetivo (E)	✓	
Média (E)	✓	

A única construção que se manifesta nas duas situações é [ficar+adjetivo], do PB, o que deixa claro que a sua distribuição é mais ampla que todas as suas concorrentes. Com base nesta constatação, é que defendemos que a sua ampla distribuição faz com que ela se transverta de *quedar(se)* e permaneça na IL.

Assim, a construção predicativa tem uma versatilidade no PB que a média não tem. No espanhol, diferentemente do PB, há casos em que predicativa e média têm o mesmo valor e há casos em que não, e isto se deve à possibilidade do espanhol de utilizar diferentes pseudo-cópulas. A construção predicativa com *ponerse* e a média correspondem a um mesmo valor de aspecto gramatical *resultativo* sem componente *permansivo*. A preferência pelas passivas adjetivais no PB pode ser explicada pela possibilidade que estas construções acumulam dois aspectos gramaticais: permansivo e resultativo, e a

média não tem essa versatilidade. Essa distribuição comparativamente deficitária poderia, em princípio, associada a uma certa “rejeição” que o falante de PB costuma exibir em relação às médias.

Esse resultado, no entanto, não explica a preferência inversa que o espanhol apresenta, de privilegiar numericamente a expressão da ME (e também passivas) por meio das construções médias. Em termos da dicotomia *incoativo vs. permansivo*, não há nenhuma diferença entre [*ponerse* + adjetivo] e a construção média com a mesma raiz do adjetivo, como em *ponerse enferma (doente)* e *enfermarse*.

A diferença entre essas duas construções pode estar ligada à sua sintaxe interna. Em termos formais, a passiva adjetival tem uma camada aspectual que a média não tem. Estamos associando a existência desta camada aspectual à inserção de uma raiz no núcleo incoativo que com ela se combina, no lugar de um morfema abstrato e a existência dessa camada pode levar à leitura estativa das PA.

Faremos, pelos parágrafos seguintes, uma incursão à discussão sobre essa diferença que tem sido levantada em anos recentes por diferentes pesquisadores.

A dualidade *estado vs evento* tem raiz na discussão sobre aspecto léxico, tal como formulada por Vendler (1967). De acordo com a sua classificação, os fenômenos, denominados *eventualidades* podem ser divididos em dois tipos: *estados* e *eventos (states/events)*. Os eventos se diferenciam dos estados pelo fato de que os primeiros são dinâmicos e podem conter diferentes fases em si, ou seja, podem se modificar no tempo, no caso de serem eventos télicos. Por outro lado, ainda de acordo com essa classificação, os *estados* são estáticos e

constituídos obrigatoriamente de uma só fase, sem desenvolvimento interno, independentemente de sua duração. Os *eventos*, claramente dinâmicos, podem ser de três tipos: *atividades (activities)*, compostos de uma só fase, sem progresso interno, como *correr* ou *cantar*, *acontecimentos (accomplishments)*, como *correr a maratona* e *realizações (achievements)*, como *nascer* ou *chegar*. Os dois últimos são eventos télicos (são compostos de fases, têm progresso interno e se encaminham para uma culminação) e se diferenciam pelo fato de que os acontecimentos são durativos e as realizações são pontuais.

Fanjul (2002), como mencionado, observou que as discursividades de argentinos e brasileiros diferiam, entre outros fatores, na forma como entendiam a representação dos eventos testados em seu estudo. Os resultados por ele obtidos revelam que brasileiros demonstram uma tendência por enquadrar discursivamente os eventos em questão como *resultados alcançados*, enquanto os argentinos testados enquadravam ou focalizavam os mesmos eventos como *processos*. Desses resultados, pode-se observar uma dicotomia entre a representação de uma mesma eventualidade como *processo* ou como *resultado*, entre as duas línguas.

Como assinala Fonseca (2007) em sua Tese de Doutorado sobre as construções perfectivas em inglês e espanhol, Cartagena (1999) diz que o pretérito perfeito do espanhol, uma forma composta de auxiliar e participio, descreve um processo que desemboca em um resultado ou consequência localizada no tempo presente. Assim, o autor assume que o emprego da forma composta acarreta a expressão de um *resultado*, e isso diferencia semanticamente esse tempo verbal do tempo simples.

Como a diferença formal elementar entre os dois tempos verbais é que o tempo composto é construído com uma forma nominal, o particípio, enquanto o tempo simples é eminentemente verbal, é momento de fazermos uma pergunta crucial na tentativa de desvendar por que as construções de IL refletem numericamente a frequência de passivas adjetivais e médias do PB e por que PB e espanhol diferem radicalmente no cômputo das frequências de uma e outra construções. A pergunta é: poderia a expressão de certos conteúdos por meio de formas não-ativas estar ligada à expressão desses fenômenos como *resultados*?

O percurso de Fonseca (2007) continua na análise do tempo perfeito efetuada por Michaelis (1998:10), que afirma: *the perfect is a retrospective present, which looks upon the present state as a result of what happened before in the past*⁵⁶.

Assim, também Michaelis (1998) atribui, para o inglês, uma semântica resultativa embutida no presente composto, da mesma maneira que Cartagena (1999) o faz para o espanhol.

Fonseca (2007:36) baseia-se nas análises de Cartagena (1999) e Michaelis (1998) para afirmar:

“A única forma de desfazer o nó que se forma para explicar a diferença entre *I went* e *I have gone* é optarmos por um modelo que presuma que todas as línguas tenham uma categoria conceitual de evento e estado, mesmo que não apareçam na morfologia do verbo, mas que existam mecanismos gramaticais que possibilitem ao falante se expressar optando por uma forma ou outra, ou seja, apresentando uma determinada situação ou como *evento* (tempo simples) ou como *estado* (tempo composto).”

⁵⁶ O perfeito é um presente retrospectivo que olha para o estado presente como um resultado do que aconteceu anteriormente no passado.

Fonseca associa os tempos verbais compostos à expressão de *estados* frente aos tempos simples, ligados à expressão de conteúdos como *eventos*, em uma dicotomia de aspecto léxico, com uso das categorias sugeridas por Vendler (1967). O que as construções de CME que expressam resultados têm em comum com os tempos compostos que expressam resultados é o fato de empregarem o participio, ou, ainda, pela composição [cópula incoativa + adjetivo]. Uma vez que é possível associar-se esse elemento (presente no tempo *presente perfeito* do inglês e do espanhol) à expressão de coisas⁵⁷ como *estados*, frente à expressão de *coisas* como *eventos*, o que pode se dar por meio da utilização dos tempos simples, pode-se associar essa dicotomia de aspecto léxico *eventos vs estados* à dicotomia *processos vs. estados* observada por Fanjul (2002).

Como pudemos observar por nossa análise formal, se ela estiver no caminho certo, as passivas e as CME do PB expressam um conteúdo aspectual diferente daquele expresso pelas passivas e CME do espanhol, e isto deriva da realização sintática diferente nas duas línguas. Ao empregar participios e adjetivos com função de núcleo de predicado, o PB propicia que suas construções veiculem os fenômenos em questão no seu aspecto de *resultados alcançados*, ao passo que o espanhol, ao representar esses mesmos conteúdos por meio de construções eminentemente verbais, veicula esses fenômenos como *processos*. A isto podemos associar, precisamente, a peça de construção comum às duas formas de PA, o sintagma que inicialmente associamos com XP. Crucialmente, o sintagma YP era o elo entre passivas adjetivais resultativas e construções verbais ativas, que veio a ser rotulado como vBECOME_P. Por outro

⁵⁷ Usamos 'coisas' aqui com sentido de eventualidades do mundo, não-codificadas linguisticamente, unicamente para clareza da explicação.

lado, o elemento construcional que distingue estruturalmente as PA das construções verbais e unifica os dois tipos de passivas adjetivais é XP, que viemos a rotular como AspP. Podemos então associar o núcleo Asp a um componente semântico estativo, associada à idéia de *resultados* de Michaelis (1998) e Cartagena (1999) e à de *estado resultante* de Fanjul (2002). Assim, uma construção, a princípio, em ambas as línguas, é preponderantemente ativa, e vem a tomar uma leitura estativa pela existência de um sintagma Asp na construção, este, por sua vez, motivado pela categorização da raiz como adjetiva.

A observação do comportamento das CME e das passivas corrobora a afirmação de Fanjul de que o PB tende a expressar certos conteúdos como resultados, enquanto o espanhol, numa comparação, veicula esses mesmos conteúdos como processos⁵⁸.

O quadro abaixo compara as construções segundo suas propriedades aspectuais:

⁵⁸ No confronto entre as duas línguas, observa-se uma tendência do PB a uma “desverbalização” das construções CME e passivas, que trem em comum o fato de terem sujeitos passivos. No entanto, esta observação aparece em pé de página pelo fato de que este termo pressupõe uma verbalização prévia, que não é a noção com a qual estamos trabalhando. O termo é empregado aqui no sentido unicamente comparado entre as duas línguas, já que notamos que o que tende a se manifestar como verbo em uma língua tende a se manifestar como adjetivo/particípio na outra. Pode-se entender ainda essa característica de empregar o particípio nas construções passivas do PB como um recurso de construção de que transforma eventos em estados, por meio do emprego dos participios e adjetivos que aparecem majoritariamente. Essa é uma instância do fenômeno denominado “nominalização”, apontado por Serrani-Infante (2001), já citada, que o entende como parte dos recursos sintáticos utilizados de maneira recorrente pelo falante do PB frente à preferência numérica por formas verbais no espanhol. Observe-se, crucialmente, que a preferência pelas construções médias na criação de passivas e CME em espanhol se caracteriza, frente ao PB, (se falarmos em termos lexicais), pela manutenção da *Aktionsart* do elemento que caracteriza a eventualidade. Os verbos continuam sendo verbos na construção média, de alta frequência no espanhol, enquanto no PB, ao contrário, a preferência pela passiva adjetival para a expressão de passivas e CME mostra uma mudança da *Aktionsart* do núcleo do predicado, comparativamente às suas formas ativas. No espanhol, a passiva menos marcada, com maior distribuição e também de maior frequência é a pronominal (média), ao contrário do PB, que prefere a passiva sintática à pronominal. A passiva pronominal (média) se caracteriza por apresentar o verbo na forma ativa e o aspecto léxico do verbo continua sendo *eventivo*. Com a passiva sintática, acontece o contrário, o núcleo desse predicado não é verbo, é particípio, e, de acordo com os autores citados, a presença do particípio promove a representação do fenômeno a que faz referência como um *resultado*, ou um *estado resultante*.

Ficar+adjetivo /particípio(PB)	✓	✓	✓
Média (PB)	✓		✓
Quedar(se)+adjetivo(E)		✓	✓
Ponerse+adjetivo (E)	✓		✓
Média (E)	✓		✓

Esta tabela resume as propriedades aspectuais básicas de cada uma das construções em jogo⁵⁹. Assim, observa-se que a diferenciação entre a expressão de eventos como estados ou como eventos (que atribuímos à existência ou não de uma peça sintática na construção) é capaz de diferenciar aspectualmente a PA do tipo *ponerse* da média do espanhol. Devemos lembrar que chegamos a esta tabela na busca por uma motivação para a produtividade das construções médias do espanhol. De acordo com tudo o que temos observado até aqui, podemos associar essa preferência do espanhol, em termos sintáticos pela preferência por categorizar a raiz como verbo, inclusive em construções de

⁵⁹ Observe-se que, para efeito de análise e, diante de todas as considerações feitas, reduzimos o espectro de pseudo-cópulas do espanhol a aquelas que determinam que o adjetivo ligado a elas seja lido como um estado e não como uma propriedade (ver Parte 2), já que uma análise comparativa dos dois tipos de construção (médias e passivas adjetivais) seria inexequível e a nosso ver, pouco útil.

sujeitos passivos, e em termos semânticos, como a preferência pela expressão dos fenômenos em jogo como eventivos. Isso diferencia essa língua do PB que, quanto à expressão dos seguintes fenômenos de sujeitos passivos: CME e passivas, em termos sintáticos, tende a categorizar a raiz como adjetival, isto é, não-verbal, e em termos semânticos isso corresponde a uma tendência a expressar essas construções de sujeito passivo com uma leitura estativa.

Definimos, assim, em termos formais, as diferenças entre PB e espanhol no que se refere à sintaxe e à semântica das CME.

Neste sentido, também Gancedo Alvarez (2006) mostra que as paráfrases feita por brasileiros com base a enunciados verbais de um conto original em espanhol de Cortázar, incluem formas de valor passivo como passivas adjetivais estativas e eventivas.

Um dos trechos parafraseados foi o seguinte: *El señor se agacha afligidísimo porque los cristales de los anteojos cuestan muy caro, pero descubre con asombro que no se le han roto* (tradução aproximada: “O senhor se agacha afluído, porque as lentes do óculos custam muito caro, mas ele descobre, com assombro, que elas não quebraram”) retirado do conto *Material Plástico*, de Cortázar (1970), e a tarefa dos aprendizes era a de recontar a história dando voz ao personagem. Alguns dos resultados obtidos pela pesquisadora para este trecho, entre outros, foram os seguintes (exemplos retirados de Gancedo Alvarez 2006:336):

(120) Ah, qué bueno, no .

(121) mis gafas.

(122) Com los anteojos em su mano se pone más tranquilo por se dar cuenta que ellos .

(123) Percibió, entonces, que estaban perfectos, que no hubieron

(124) Piensa que sus gafas .

A pesquisadora salienta que a construção [*algo está roto/quebrado/sano/perfecto*] na IL substitui a construção original [*algo se rompió*]. Essa troca é vista por ela como um fenômeno típico da interlíngua (Gancedo Álvarez 2006:336):

Se bem que essas estruturas estão presentes no grupo de controle, na IL computamos uma quantidade 200% maior, razão que nos levou a considerá-las construções peculiares da IL. Isso significa que enquanto os falantes nativos preferem a construção com o verbo (que expressa a involuntariedade e oferece a possibilidade de introduzir a pessoa afetada através de um clítico dativo, que, por sua vez, expressa a posse do objeto, os estudantes usam construções predicativas () e se vêem obrigados a substituir os conteúdos semânticos que seria dado pelo dativo mediante outros recursos lingüísticos.⁶⁰

Nos exemplos de Gancedo Álvarez, podemos observar que, mais uma vez, manifesta-se a tendência da IL de transformar os eventos, como originalmente

⁶⁰ Si bien estas construcciones están presentes em el grupo control, en la IL computamos una cantidad 200% mayor, razón que nos llevó a considerarlas construcciones peculiares de la IL. Esto significa que mientras los hablantes nativos prefieren la construcción con el verbo romperse (que expresa la involuntariedad y ofrece la posibilidad de introducir a la persona afectada a través de un clítico dativo, que, a su vez, expresa la posesión del objeto), los estudiantes usan construcciones atributivas (están rotos) y se ven obligados a sustituir los contenidos semánticos que el dativo aportaría mediante otros recursos lingüísticos.

se apresentam no espanhol, em estados, por meio do recurso sintático de construções de núcleo não-verbal, como as passivas adjetivais estativas (exemplos 1,2,3 e 5) e eventivas (exemplo 4).

Como, também atestado por Gancedo Alvarez (2006), a IL reflete numericamente o comportamento do PB, esse recurso de reflexo das propriedades da L1 pode ser entendido como: que o *input* não foi suficiente ou adequado para uma reestruturação do sistema (S&S 1994), ainda que fosse por partes (Liceras, 1997). Mas o teste de produção e o questionário de sondagem da língua-I demonstram que a maioria dos aprendizes falantes de IL estável não promoveu a reestruturação dessa parte do sistema, o que significaria trocar o algoritmo de construção de sujeitos afetados (no nosso caso, passivas e CME) da categorização da raiz como adjetival para a sua categorização como verbal. Como isso não ocorre, a IL mantém a divisão do PB de leitura semântica estativa para as CME de sujeitos afetados e passivas e a leitura eventiva para as construções de sujeitos ativos. E isso gera problemas de interpretação das construções.

A IL, assim, copia procedimentos cognitivos que estão na base das escolhas gramaticais, uma vez que o aprendiz não conseguiu, no seu desenvolvimento, se desvencilhar do algoritmo de formação das CME (e, também por extensão, do algoritmo de formação da passiva) preponderante no PB que é o de categorizar a raiz como adjetival.

Pode-se observar, portanto um padrão: CME e passivas, que são construções de sujeitos afetados são preferentemente construídas de maneira diferente das construções ativas do PB. No espanhol, não importa que CME e passivas sejam de sujeitos afetados, elas são construídas preferentemente como

qualquer construção ativa. Esse comportamento do PB restringe a aparição de construções médias, tanto numérica quanto distribucionalmente. Essa “rejeição” do PB pelas médias se explicaria pelo fato de serem construções de sujeitos afetados que, mesmo assim, apresentam verbos ativos, o que contraria o comportamento típico das CME e das passivas.

Como vimos, o problema 1 da IL consiste no emprego exclusivo da pseudo-cópula *quedar(se)* nas construções predicativas de ME da IL. Bybee e Eddington (2006, doravante B&E) observam que há regularidades, mas não há previsibilidade na combinação de pseudo-cópula e adjetivo nas construções predicativas. Assim, ainda que haja combinações “prototípicas”, como [*volverse+loco*] e [*ponerse+nervioso*], os adjetivos não se combinam exclusivamente com uma pseudo-cópula, pelo contrário, parece haver uma multiplicidade de combinações possíveis, enquanto há outras que não aparecem. Tome-se o exemplo (125):

(125a) Se hizo millonario.

(125b) Se volvió millonario.

(125c) *Se puso millonario.

(125d) *Se quedó millonario.

No âmbito do predicado, este exemplo mostra que a composição dos dois elementos é que vai determinar se se trata de uma construção aceitável ou não. B&E mostram que muitos adjetivos de seu corpus exibiam a possibilidade de se

combinarem com mais de uma pseudo-cópula e que nunca apareciam com outras delas. Os autores procuram regularidades nessa distribuição, mas o enorme espectro de possibilidades leva à impressão de que a língua checa a aceitabilidade dessas construções uma a uma, combinação por combinação, o que, de acordo com a nossa observação, se traduz pela impossibilidade de um aprendiz de espanhol L2 ter um domínio satisfatório dessas construções no nível da produção.

Pode observar-se, na tabela retirada de B&E, abaixo, que o componente sintático é livre para montar várias combinações possíveis:

adjective	quedarse	ponerse	volverse	hacerse
<i>loco</i> 'crazy'	1		16	
<i>triste</i> 'sad'	5	2		
<i>contento</i> 'happy'	1	4		
<i>serio</i> 'serious'	1	3		
<i>ciego</i> 'blind'	1	3		
<i>tieso</i> 'rigid, stiff'	1	1		
<i>viejo</i> 'old'	1	1	1	1
<i>pesado</i> 'annoying'		6	1	
<i>negro</i> 'black'		1	1	
<i>cursi</i> 'tacky'		1		1
<i>duro</i> 'hard'	2			1
<i>lívido</i> 'pale'	1	1		

Algumas observações provenientes dos dados da tabela são: que *viejo* (*velho*) aparece com as quatro principais pseudo-cópulas (i); que geralmente os adjetivos que aparecem com mais de uma pseudo-cópula aparecem com duas delas (ii); e as duas que aparecem com um mesmo adjetivo nem sempre são as mesmas (iii). Entre os adjetivos da tabela, observem-se que com *ciego* (cego)

aparecem *quedarse* e *ponerse*, como *pesado* (chato) aparecem *ponerse* e *volverse* e com *duro* (duro) aparecem *quedarse* e *hacerse*.

À medida que se aumenta o universo de dados, como demonstraremos com o exemplo de *pesado* (chato), aumenta a quantidade de combinações possíveis. Atribuimos a possibilidade de combinação à sintaxe e a interpretação possível resultante daquela combinação à leitura, pela Lista 3, do conhecimento enciclopédico, do cálculo semântico composicional desse produto. Assim, a sintaxe gera as combinações possíveis e a lista 3 atribui a interpretação composicional. É necessário admitirmos que existe alguma semântica associada à raiz que limita a possibilidade de combinação livre com as pseudo-cópulas. Há raízes que podem ser combinadas com diferentes pseudo-cópulas e em cada caso, tomará uma semântica de predicado de *stage level* ou de *individual level*, mas há raízes que não aceitam obter a interpretação de *propriedades*, apenas de *estados*, e vice-versa. E isso limita a combinação de (pseudo-) cópula e adjetivo. Isso nos faz admitir que há algum tipo de propriedade semântica em certas raízes que é levada em conta na computação sintática. O curioso é que o exame das construções predicativas do espanhol mostra um novo nível de possibilidades combinatórias: a raiz pode vir a ser categorizada por *vezinho*, *azinho* ou *enezinho*. Um nível ulterior de categorização é que a raiz categorizada por um *vezinho* pode vir a formar um verbo de semântica incoativa, causativa ou agentiva, pelo menos. E as pseudo-cópulas do espanhol mostram que o *vezinho BECOME* pode tomar diferentes formas. Isso significa que o *vezinho BECOME* pode dividir-se também num conjunto de “sabores” diferenciados (para tomar emprestada a expressão “sabores de vezinho”, de McGinnis, 2000), que geram as pseudo-cópulas de semântica incoativa de diferentes formas. Isso

significa diferentes semânticas ou serão apenas formas? Os robustos resultados qualitativos de B&E mostram que a pseudo-cópula não atribui nenhuma característica aspectual sozinha ao adjetivo, e, sim, que o significado só é lido através da soma das propriedades interpretativas dos dois elementos, o que advoga em favor de uma semântica composicional para essas construções. Isso equivale a dizer que a concatenação de pseudo-cópula e adjetivo gera operações semânticas não-previsíveis pelo significado das partes, o que também conta a favor de uma abordagem (neo-)construcionista como a nossa, já que esses resultados múltiplos e variados não podem estar todos previstos ou contidos no léxico.

As construções predicativas da IL são todas do tipo *quedar(se)* porque todas as listas da IL são importadas da L1. Dada a ampla distribuição de “ficar”, a distinção entre “ficar” e “virar” da língua se apaga na IL. Assim, a raiz que se insere no núcleo de vizinhoBECOME quando este é concatenado com uma oração pequena (SC) é apenas uma, *quedar(se)*, que corresponde à de maior distribuição no PB. A geração de construções predicativas na IL é um processo produtivíssimo e inclui a construção [*quedar(se) con+nome*] para as CME2, devido ao fato de que *quedar(se)* na IL não corresponde a *quedar(se)* do espanhol.

Em espanhol a pseudo-cópula *quedar(se)* não entra em construções com adjetivos que não aceitam receber a semântica de propriedade (*individual level*), apenas de estado (*stage level*), como observado por Porroche (1998). Na IL essa expressão é construída livremente, porque o elemento *quedar(se)* da IL tem propriedades diferentes do elemento *quedar(se)* do espanhol. *Quedar(se)* da IL reflete as propriedades semânticas (e, por isso, combinatórias) de “ficar”

da língua materna, que, por sua vez dá conta de propriedades semânticas ligadas a todas as quatro pseudo-cópulas do espanhol⁶¹. Dessa maneira, a lista 3 da interlíngua atribui interpretação, a princípio, a qualquer combinação que remeta às propriedades de [ficar+adjetivo] da L1. Observem-se, abaixo, combinações de *quedar(se)* com adjetivos que são consideradas agramaticais no espanhol e na IL são possíveis:

(126a) *Se quedó asustada.

(*ficou assustada*)

(127a) *Se quedó nerviosa.

(*Ficou nervosa*)

(128a) *Se quedó mareada dos veces seguidas.

(*ficou enjoada duas vezes seguidas*)

(126b) Se quedó asustada.

(127b) Se quedó nerviosa.

(128b) Se quedó mareada dos veces seguidas.

A diferença entre as construções demonstra que o *status* de *quedar(se)* é diferente entre espanhol e IL. Em outras palavras, devido às razões que

⁶¹ Não estamos dizendo com isso que *ficar* dá conta de todas as propriedades das quatro pseudo-cópulas do espanhol, mas que compartilha propriedades com as quatro. Se desse conta das quatro, com todas as suas propriedades, não existiria a diferença observável entre “ficar” e “virar” do PB.

acabamos de discutir, essas raízes têm semânticas compatíveis na IL, mas no espanhol, não.

Com relação ao *status* de *quedarse* no espanhol, Demonte & Masullo (1999, doravante D&M) observam diferenças entre *quedar* e *quedarse*, elementos que até aqui foram tratados sem distinções ulteriores. O clítico se do espanhol constitui um dos problemas mais desafiadores e controversos dos estudos gramaticais do espanhol. Nesta análise, vamos ater-nos a algumas observações sobre o comportamento deste elemento no que diz respeito às construções de mudança de estado, tomando por base observações sobre esse elemento efetuadas em D&M. Os autores, em primeiro lugar, observam que as construções com *quedar* seguido de participio são similares às construções passivas: espera-se que possam tomar um complemento agentivo ou um advérbio orientado para o agente:

- (129a) *La explicación quedó aclarada.
- (129b) *La explicación quedó aclarada .
- (129c) La explicación ___ quedó aclarada.
- (129d) La explicación ___ quedó (aclarada

A construção com *quedarse*, por sua vez, não aceita nem complementos agentivos nem advérbios orientados para o agente. Isso é indício de que a expressão do clítico é incompatível com a expressão de um argumento externo (causativo).

Uma diferença formal entre as passivas adjetivais que utilizam o elemento *quedar(se)* é que quando *quedar* aparece com o clítico, a expressão de um agente é impossível. No entanto, o agente pode ser exposto nas passivas sintáticas. Uma das propriedades que estas passivas adjetivais e as passivas sintáticas têm em comum é a ausência do clítico:

(130a) La explicación quedó aclarada por las autoridades.

(130b) La explicación fue aclarada por las autoridades.

(130c) *La explicación se quedó aclarada .

(130d) *La explicación fue aclarada .

Nas passivas adjetivais onde o clítico é alternante, sempre segundo D&M, a aparição facultativa do clítico provoca leituras diferentes para cada um dos casos. Nos exemplos abaixo, *quedarse* enfatiza que se tenha alcançado certa mudança ou resultado, ao passo que *quedar* destaca a duração do estado alcançado.

(131a) Julio se quedó perplejo de golpe con los cambios efectuados.

(131b) *Julio ___ quedó perplejo de golpe con los cambios efectuados.

(131c) Julio ___ quedó perplejo durante días con los cambios efectuados.

(131d) Julio se quedó perplejo durante días con los cambios efectuados.

(132a) El pobre hombre se quedó atrapado dentro del ascensor cuando se fue la luz.

(132b) El pobre hombre se quedó atrapado durante horas dentro del ascensor.

(132c) El pobre hombre ___ quedó atrapado durante horas dentro del ascensor.

(132d) El pobre hombre se quedó atrapado durante horas dentro del ascensor.

Os exemplos da série (a) destacam que *quedarse* é compatível tanto com a noção incoativa quanto com a noção meramente permansiva, e que, por outro lado, *quedar* é incompatível neste caso com a noção incoativa (exemplos da série b). O contraste entre os exemplos das séries (c) e (d) mostram que, enquanto *quedar* é incompatível com uma noção incoativa, *quedarse* aceita tanto complementos durativos quanto delimitativos, o que o associa à expressão dos aspectos léxicos tanto incoativo quanto permansivo.

A diferença entre *quedar* e *quedarse* implica, nos termos da nossa análise, a possibilidade de enfatizar a mudança (com _____) ou a permanência no estado alcançado (com *quedar*) em predicados que congregam as duas noções, incoativa e permansiva.

Assim, *Pedro se quedó triste* se diferencia de *Pedro ___ quedó triste* pela impossibilidade de se associar o último a uma noção incoativa. Dessa maneira, o traço incoativo de vBECOME só pode estar associado a *quedarse* e não a *quedar*, de onde deriva a impossibilidade de:

(133a) *Pedro ___ quedó enfadado con la broma de mal gusto

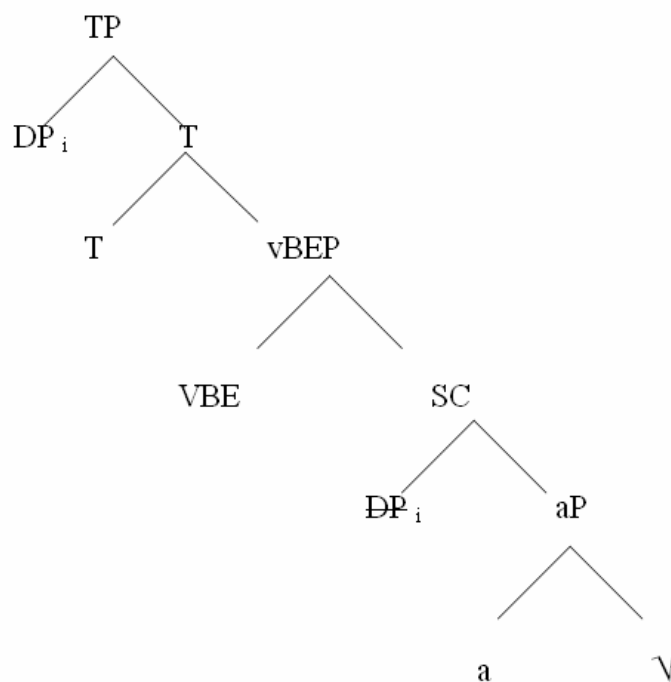
(133b) Pedro se quedó enfadado con la broma de mal gusto.

“Ficar” e *quedarse* se diferenciam na estrutura morfológica, quando uma das posições estruturais se divide para abrigar a raiz e o clítico da construção do espanhol e da interlíngua.

O morfema a ser inserido na estrutura morfológica é um morfema-1 pelo fato de o sub-sintagma de concordância (*Agr*) ter fechado a palavra anterior. Um morfema-1 é obrigatoriamente preenchido por uma raiz. Como as pseudo-cópulas de mudança de estado em espanhol têm clíticos, o que é uma característica idiossincrática do espanhol, o núcleo que abriga a raiz se divide para abrigar o clítico e a raiz da pseudo-cópula, que serão inseridos na *inserção morfológica*.

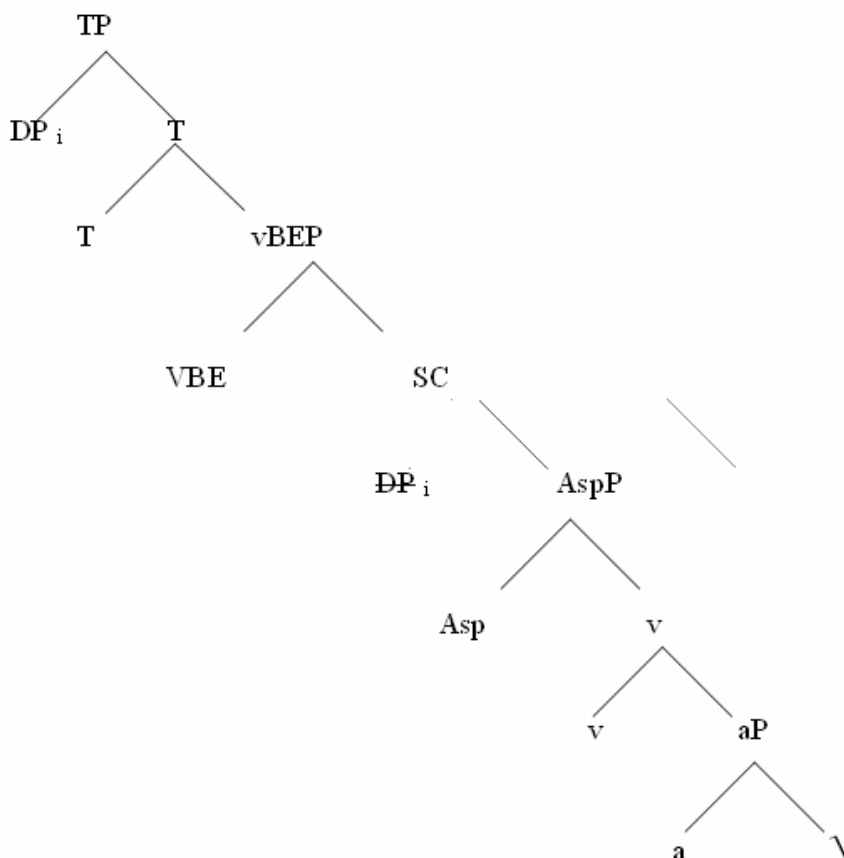
Como mostramos no capítulo 3, tanto para o espanhol quanto para o PB, há casos em que *quedarse* (D&M mostram que este também é o caso de *quedar* sem o clítico) e “ficar” não apresentam aspecto incoativo. Neste caso, propomos que o categorizador verbal ao qual ele se relaciona não possui um traço incoativo, e sim, apenas um traço relacional, vBE responsável pela interpretação apenas permansiva dos casos em que *quedar* não está associado à mudança de estado.

Figura 17. Construção passiva adjetival estativa de aspecto puramente permansivo.



Esta construção mostra que a combinação da raiz com um núcleo relacional gera pseudo-cóculas sem valor incoativo. A figura abaixo mostra uma variação, que dá conta dos casos em que há uma PA resultativa onde a pseudo-cópula não tem valor incoativo:

Figura 18. Construção passiva adjetival resultativa com a pseudo-cópula sem valor incoativo.



Essa diferença estrutural dá conta da diferença de propriedades de uma e outra construções com *quedar(se)*. A pseudo-cópula pode surgir tanto como expressão de um vizinhoBECOME quanto, simplesmente, de um vizinhoBE, quando apresentar aspecto puramente permansivo, exatamente como ocorre com a pseudo-cópula “ficar” do PB na maioria dos casos.

Assim, as raízes que podem ocupar os diferentes núcleos verbalizadores que formam as pseudo-cópulas com a inserção da raiz são:

Vezinho BECOME = ficar, quedarse, ponerse, *quedar

Vezinho BE = ficar, quedar, quedarse, *ponerse

-Concluimos este capítulo com a observação de que PB e espanhol se comportam diferentemente quanto à expressão de construções de sujeitos afetados (as CME e as passivas), uma vez que o espanhol tende a representar essas construções por meio de construções médias, que guardam com as demais orações da língua o fato de serem construídas com verbos, sendo, portanto, ativas. O PB, por outro lado, demonstra uma diferença na representação sintática de CME de sujeitos afetados e passivas, já que estas tendem a serem construídas por meio de passivas adjetivais o que as diferencia das demais construções de sujeitos ativos, língua, que são verbais.

Essa diferença foi interpretada do ponto de vista sintático e semântico. Do ponto de vista sintático, o PB tende a concatenar a raiz que vai formar o núcleo dos predicados em questão com um categorizador adjetival quando se trata das construções de sujeitos não-ativos (afetados) mencionadas, ao passo que o espanhol exibe uma tendência a concatenar a referida raiz com um categorizador verbal, o que vai decidir a forma de construção ativa para a expressão desses fenômenos. Em termos semântico-aspectuais, podemos observar que o que diferencia as passivas adjetivais das orações médias é o aspecto veiculado pela construção. O PB exibe, assim, uma associação das construções de sujeitos afetados em questão a uma leitura aspectual estativa, o que diferencia da leitura eventiva das construções verbais. Isso corresponde a um reflexo sintático de uma diferença de voz ativa/não ativa no PB para construções de sujeitos humanos, o que faz o PB divergir do comportamento do espanhol, uma vez que, de acordo com os casos analisados, o espanhol tende a

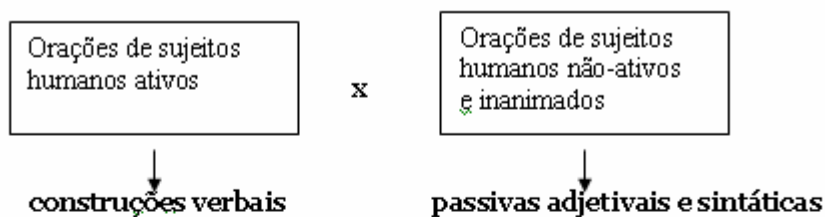
não fazer essa diferença de voz quando há sujeitos humanos em jogo, já que as construções de sujeitos afetados em questão e as demais orações de sujeitos ativos tendem a exibir uma mesma leitura eventiva, evidenciada pela sua sintaxe eminentemente verbal.

As conclusões a que pudemos chegar neste estudo são claras. A primeira delas é que tanto PB quanto espanhol dispõem dos dois tipos de construção em estudo, as passivas adjetivais e as médias. O que se nota entre as duas línguas é uma diferença na frequência de ocorrência dessas construções. Quando se trata de construções de sujeitos humanos, observamos que o PB faz uma diferença sintática entre construções de sujeitos humanos ativos (agentes) e não-ativos (pacientes e experienciadores). As construções de sujeitos humanos ativos tendem a ser representadas na língua por meio de construções verbais, enquanto com aquelas de sujeitos humanos não-ativos, observou-se a tendência de expressá-las por passivas sintáticas, e, no caso das CME e CME2, passivas adjetivais.

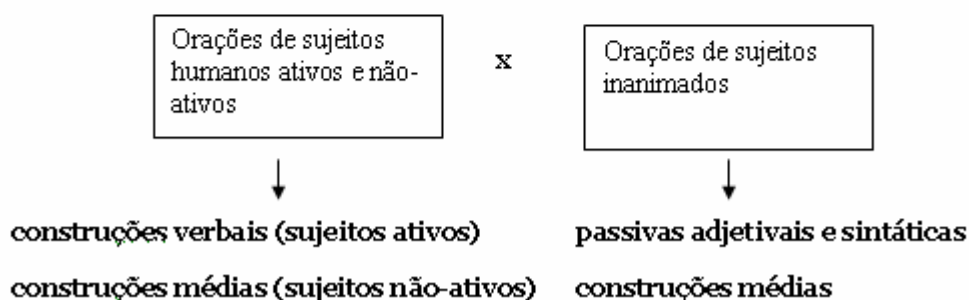
O que demonstramos, com relação ao espanhol, é que quer os sujeitos humanos sejam ativos ou não-ativos, as construções com estes sujeitos têm uma forte tendência a ser construídas com um núcleo verbal, respeitando-se a seguinte diferenciação: enquanto as sentenças de sujeitos ativos são representadas por meio de construções verbais ativas, aquelas de sujeitos humanos não-ativos se representam na língua por meio de construções médias, o que tem como resultado uma menor distribuição e frequência de passivas no espanhol que no PB.

O esquema abaixo mostra a diferença entre as duas línguas.

PB:



Espanhol:



Assim, nesta Tese, pudemos chegar à construção de uma generalização capaz de dar conta de muitos dos fenômenos já observados por outros autores citados: Serrani-Infante (2001) cita a tendência à nominalização que os aprendizes brasileiros de espanhol exibem nas paráfrases de textos em espanhol. Fanjul (2002) mostra que enquanto argentinos exibem construções que refletem um foco no processo de dado evento do qual se fala, brasileiros lêem esses mesmos eventos focalizando o seu aspecto de ação realizada, o resultado. Gancedo (2002) mostra que aprendizes brasileiros parafraseiam construções verbais em um conto do espanhol, transformando essas construções em passivas adjetivais, e Araújo Jr. (2007) demonstra a preferência de aprendizes brasileiros pelas construções passivas sintáticas em detrimento

das médias, o que reflete a tendência do PB de privilegiar a expressão das passivas sintáticas.

Na conclusão a que chegamos, que explica todos os fenômenos observados pelos pesquisadores já citados, mostramos que, (i) com relação ao espanhol, este privilegia a expressão de eventualidades de sujeitos humanos como *eventos*, no sentido de Vendler (1967), não importando se esses sujeitos são agentes ou afetados, o que se traduz sintaticamente por construções verbais e médias. Do outro lado, encontra-se o PB, que, ao contrário do espanhol, diferencia entre construções de sujeitos humanos agentes e afetados. As construções de sujeitos humanos agentes são representadas lingüisticamente como *eventos*, por meio de construções verbais ativas, enquanto as construções de sujeitos humanos afetados são representadas na língua como *estados resultantes* o que se traduz sintaticamente pelas passivas sintáticas e adjetivais.

A expressão de eventualidades de sujeitos humanos afetados no PB como estados resultantes é o que influencia (i) a produção das *nominalizações* encontradas por Serrani-Infante, (ii) a *primazia das passivas sintáticas* na interlíngua, encontrada por Araújo Jr., (iii) as *passivas adjetivais* nas paráfrases, encontradas por Gancedo e (iv) a preferência pelo *foco no resultado*, observado por Fanjul. Todos esses trabalhos demonstram que em maior ou menor grau, a concepção semântica desse tipo de eventualidade como estado e não, como evento se mantém na interlíngua dos aprendizes avaliados pelos pesquisadores citados, assim como naqueles avaliados por nós, o que se reflete na produção de construções sintáticas com elementos não-verbais no seu núcleo.

O instrumental teórico da Morfologia Distribuída nos permitiu mostrar o ponto exato em que uma construção se constitui como estado ou como evento, e que este corresponde à concatenação inicial, quando as raízes são categorizadas. No espanhol, nos casos citados, a raiz tende a se concatenar com um categorizador verbal, e esse processo não leva em conta informações temáticas sobre os argumentos a serem incluídos na construção. No PB, a diferença entre a categorização da raiz como verbal, adjetival ou nominal leva em conta alguma informação semântica prévia que o espanhol tende a não reconhecer.

O que ocorre na interlíngua é que esta preserva a diferenciação entre sujeitos humanos, tendendo a colocar os sujeitos ativos em ambientes verbais e os afetados em ambientes não-verbais. Podemos concluir, então, que num cômputo geral, os aprendizes testados em nosso trabalho e nos demais trabalhos citados, demonstram não terem sido capazes de adquirir o procedimento esperado para a L2, que seria, *grosso modo*, o de passar a associar todas as construções de sujeitos humanos a construções verbais, representando-as como eventos, deixando, assim, de dividi-las entre *eventos* e *estados*, como mostramos que ocorre no PB.

A diferenciação entre a representação das eventualidades em questão como *estados* ou como *eventos*, também joga nova luz ao exame das construções passivas pronominais com expressão do agente, do espanhol e as impessoais de participio, do PB (cap. 4). As primeiras, as do espanhol, como *la situación se aclaró por las autoridades*, mostram a co-existência do verbo e da expressão do agente, o que pode ser motivado pela característica da língua de expressar as eventualidades como *eventos*, mesmo que isso promova alguma estranheza sintática, como comenta Taibo (s/d:108). Da mesma maneira, nas

impessoais de participio do PB, onde, apesar do clítico impessoal, aparecem passivas adjetivais conjugadas com o clítico “se”, como em “se foi falado”, a eventualidade é representada como um *estado*, por meio da construção passiva adjetival. A característica semântica da língua, que é inversa à do espanhol, parece forçar um rearranjo sintático que permita a convivência do clítico impessoal com a passiva adjetival.

É impossível deixar de notar que a dicotomia *estados* (construções passivas adjetivais e sintáticas) vs. *eventos* (construções verbais e médias), no âmbito das construções com sujeitos humanos, se comporta, no nível sintático, à maneira de um micro-parâmetro, porque, como os parâmetros, tem reflexos por vários lados da gramática. Assim, um diagnóstico para testar se esse procedimento foi adquirido pelo aprendiz teria que envolver, minimamente, as CME e as passivas: um comportamento uniforme na representação das duas construções levaria a supor que esse procedimento foi incorporado à gramática do aprendiz. Por outro lado, um comportamento dispar entre CME e passivas (por exemplo, CME de sujeitos humanos afetados construídas como médias e passivas com a configuração [cópula+adjetivo]) levaria à idéia de que a reorganização da IL se dá por partes, porções da gramática, por meios indiretos, e, não, do sistema como um todo. Este é um diagnóstico que escapa ao escopo de nossa Tese e que fica registrado como procedimento a ser realizado no futuro.

As conseqüências deste trabalho para as teorias de aquisição de língua são que pudemos observar que a IL cria regras de supergeneralização que incluem a criação de novos ambientes para o elemento *quedar(se)* tratado na tese como *problema 1*, mas que, ao mesmo tempo, estas regras estão calcadas

na distribuição do correlato “ficar” na L1, o que demonstra uma influência quase que direta da língua materna. Com relação ao problema 2, a maioria dos aprendizes demonstrou não ter adquirido o procedimento de desvincular sujeitos humanos afetados de construções estativas. Isso demonstra que os algoritmos de construção da L1 estão presentes na IL, não sofreram modificações durante seu desenvolvimento e se mantiveram na IL estável.

Quanto aos 36% de participantes que, no teste de produção puderam associar sujeitos humanos afetados a construções verbais, não temos como afirmar que se trata de uma reorganização do sistema, como querem S&S (1994) ou uma reorganização por porções, como defende Liceras (1997). O diagnóstico, como já nos referimos em um parágrafo precedente, teria que incluir outras expressões de sujeitos humanos afetados, como é o caso das passivas.

Nossos resultados são contrários à idéia de Transferência Total/Acesso Total e corroboram as hipóteses iniciais que motivaram este trabalho, uma vez que a maioria dos falantes de interlíngua estável repete procedimentos da L1. Além disso, os resultados apóiam a idéia defendida por Liceras (2005) de que aprendizes de L2 abordam os dados do *input* por meio de um procedimento diferente daquele empregado por aprendizes de L1, e que o procedimento do aprendiz adulto de L2 tende mais a uma adaptação de sua gramática de IL aos novos dados que a uma abordagem pormenorizada dos traços presentes nos dados do *input*, que seria típica da aquisição de L1. Essa especificidade do procedimento leva à impossibilidade demonstrada pelos aprendizes de associarem, em sua maioria, sujeitos humanos afetados a construções verbais, uma vez que o outro procedimento possível, de associá-los a construções

passivas – e que é uma cópia do procedimento da L1 – também existe na língua-alvo.

Nesse sentido, vale a pena citar uma observação de Adriana Toledo de Almeida (c.p.), professora de português do *Instituto Lenguas Vivas Juan Ramón Fernández*, de Buenos Aires, Argentina, instituição de formação de professores de línguas. De acordo com Almeida, na interlíngua de argentinos aprendendo o português, aparecem com mais frequência construções como *se adoeceu*, para “adoeceu”/ “ficou doente”, *se confundiu*, para “ficou confusa” e *se entristeceu*, para “ficou triste”, por exemplo.

As observações da professora Adriana corroboram inteiramente os achados desta Tese e fornecem uma evidência inversa, da gramática mental dos aprendizes de português falantes de espanhol, que tendem a representar a ME de sujeitos não-ativos como média, o que provoca uma baixa distribuição e frequência de passivas adjetivais.

Assim, no caso dos aprendizes adultos de qualquer língua, a ausência de evidências negativas associada a um procedimento diferente de abordagem aos dados do *input* levam à preponderância das construções passivas de sujeitos humanos afetados, no que tange à sua distribuição e frequência. Esses fatores dificultam a tarefa do aprendiz de perceber que essas construções, ainda que existentes na língua, são menos frequentes que as verbais, o que faz com que o algoritmo de associação de sujeitos humanos afetados a construções passivas não abandone nunca a IL; os dados demonstram que ele ali se estabiliza e se converte na regra.

Os resultados obtidos em nossa pesquisa nos levam a observar, ainda, que a proximidade entre as línguas dificulta o aprendizado de línguas

estrangeiras. Supomos que a hipótese de *Transferência Total/Acesso Total*, ainda que seja bastante aceita atualmente, é uma teorização que pode ser sustentada por dados de línguas tipologicamente diferentes, mas que não se aplica ao nosso caso. Observamos que a proximidade entre PB e espanhol dificulta o reconhecimento, por parte dos aprendizes, daqueles elementos que constituem a diferença, no nível sintático, entre as duas línguas, e que, no nosso caso, são extremamente sutis.

Assim, em relação a esse problema, somos levados a concluir, junto com Liceras (1997) e Bley-Vroman (1990) que o exame de situações de aprendizagem de línguas próximas contraria a hipótese TTAT, que defende que os deflagrares de aquisição promovem a reestruturação das propriedades da IL. No caso em estudo nesta Tese, os dados do input não demonstraram poder de promover a esperada reestruturação, e creditamos esse fato à diferença existente entre aprendizes de L1 e de L2, nas forma de tratar/interpretar os dados a que são expostos. Isso nos leva a situar-nos a favor da releitura da Diferença Fundamental, de Bley-Vroman (1990) proposta por Liceras (1997), de que o tipo de acesso ao input realizado pelo aprendiz brasileiro de espanhol – que Liceras defende que seja holístico e orientado às maiores unidades da língua –, determina um impedimento, uma insensibilidade ou cegueira às sutis diferenças entre uma língua e outra, que levantamos nesta Tese.

Isso significa que, em teoria, não importa a quantidade de input a que os aprendizes estejam expostos, haverá sempre, por definição, uma insensibilidade, por parte do aprendiz, a inúmeras sutilezas de vários tipos que diferenciam as duas línguas.

No entanto, acreditamos, da mesma maneira, que essa observação não desencoraja a procura de soluções que tornem o aprendizado de línguas próximas – como são o PB e o espanhol – mais apropriado e preciso, fundado em premissas cientificamente construídas. Esta Tese tem exatamente a finalidade última de esclarecer a questão que envolve as CME da interlíngua, com o desejo de contribuir para a construção de um panorama onde o professor de língua seja capaz de fornecer o insumo cada vez mais preciso, e que o conhecimento de uma língua estrangeira que um aluno adulto possa vir a obter, seja baseado em inputs mais adequados e possa servi-lo de maneira mais completa, com vistas a superar, pelos meios possíveis, as limitações naturais da aquisição/aprendizagem de segunda língua.

-
- ADJÉMIAN, C. 1976. On the Nature of Interlanguage Systems. In: *Language Learning*. Vol 26 No.2. 297-320.
- ALBOIU, G. et alli. 2004. SE and the unaccusative-unergative paradox. In: M. COENE et alli. (eds.) *Antwerp Papers in Linguistics 107*, Universiteit Antwerp. 109-139.
- ALONSO, M. 1964. *Evolución sintáctica del español*. Madrid: Aguilar.
- ANDRADE, O. G. de. 2002. *Matizes do verbo português ficar e seus equivalentes em espanhol*. Londrina: Eduel.
- ARAD, M. 1998. Psych-notes. *UCL Working Papers in Linguistics* 10.
- ARAÚJO Jr., B. 2007. As passivas na produção escrita de brasileiros aprendizes de espanhol como língua estrangeira. *Dissertação de mestrado*, USP.
- BAKER, C. L. & J. J. McCARTHY. 1981. *The Logical Problem of Language Acquisition*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- BARRENECHEA, A. M. & MANACORDA DE ROSETTI. 1979. *Estudios lingüísticos y dialectológicos : temas hispánicos*. Buenos Aires : Hachette.
- BECK, M.L. 1998a. L2 acquisition and obligatory head movement: English speaking learners of German and the local impairment Hypothesis. *Studies in Second Language Acquisition* 20:311-348.
- BENVENISTE, E. 1971. *Problemas de lingüística general I*, Buenos Aires, Siglo XXI, 1971.
- BLEY-VROMAN, R. 1990. The logical problem of foreign language learning. *Linguistic Analysis* 20: 3–49.
- BORER, H. 2001. Exo-skeletal vs. endo-skeletal explanations: syntactic projections and the lexicon. *Ms. University of Southern California*.
- _____. 2004. The Grammar Machine. In: A. ALEXIADOU et al. *The unaccusativity puzzle*. Oxford: Oxford University Press.
- BYBEE, J. & D. EDDINGTON. 2006. A usage based approach to Spanish verbs of “becoming”. *Language* 83. 1.

- CAMACHO, R. G. 2003. Em defesa da categoria da voz média no português. *Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, DELTA*, 19,1.
- CANÇADO, M. 2002. Uma aplicação da Teoria Generalizada dos papéis Temáticos: verbos psicológicos. *Revista do GEL, Número Especial: Em memória de Carlos Franchi*. São Paulo: Humanitas/Contexto.
- CARTAGENA, N. 1999. Los tiempos compuestos. In: I. BOSQUE & V. DEMONTE: *Gramática Descriptiva de la lengua Española*. Madrid: Espasa Calpe.
- CHIERCHIA, G. 1989. A semantics for unaccusatives and its syntactic consequences. Ms. Cornell University.
- CHOMSKY, N. 1981b. *Lectures on Government and binding*. Dordrecht: Foris.
- _____. 1986. Knowledge of language. Its nature, origin and use. New York: Praeger.
- _____. 1995 (2002). *O Programa Minimalista*. Lisboa: Caminho.
- _____. 2000. Minimalist Inquiries: The Framework. In *Step by Step: Essays on Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik*, eds. Roger Martin, David Michaels, and Juan Uriagereka. MIT Press, Cambridge
- CLAHSEN, H. & U. HONG. 1995. Agreement and null subjects in German L2 development: New evidence from reaction-time experiments. *Second Language Research* 11: 57-87
- CORDER, S. P. 1967. The significance of Learner's Errors. In: *International Review of Applied Linguistics*. Vol. 5. No. 4. pp. 161-170.
- DEMONTE, V. 2004. Qué es sintáctico y qué es léxico en la interfaz entre sintaxis y léxico-semántica: hipótesis y conjeturas. Ms. Univ. Autónoma de Madrid.
- DEMONTE, V. & P. MASULLO. 1999. La predicación secundaria. In: I. BOSQUE & V. DEMONTE: *Gramática Descriptiva de la lengua Española*. Madrid: Espasa Calpe.
- DIK, S. 1989. *The theory of functional Grammar*. Dordrecht (Holland)/Providence (USA): Foris Publications.
- DUARTE, M.E.L. 1990. Fontanella de Weinberg, M. B. 1987. El español bonaerense. Cuatro siglos de evolución lingüística (1580-1980). Buenos Aires: Hachette. (Resenha). *Documentação de estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*. v. 6, n. 1, p. 111-116.

- _____. 1993. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português brasileiro. In: I. ROBERTS & M. KATO (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. 107-128.
- EMBICK, D. 2004. On the structure of resultative participles in English. *Linguistic Inquiry* 35, v.3. 355-392.
- EMBICK, D. & R. NOYER. 2004. Distributed morphology and the syntax/morphology interface. Ms. *U. of Pennsylvania*.
- ERES FERNÁNDEZ, I.G. 2005. Cómo llegar a ser capaz de explicar que la rana se convirtió en un príncipe sin volverse loco y sin ponerse nervioso, o los verbos de cambio en la clase de E.L.E.. In: João Sedycias. (Org.). *O ensino do espanhol no Brasil. Passado, presente, futuro*. São Paulo: Parábola, 2005. 172-181.
- EUBANK, L. 1994. Optionality and the initial state in L2 development. In T. Hoekstra and B. D. Schwartz (eds.) *Language acquisition studies in generative grammar*. Amsterdam: John benjamins. 369-388.
- FANJUL, A.P. 2002. *Português/espanhol. Línguas próximas sob o olhar discursivo*. São Carlos: Claraluz.
- FONSECA, C.M. 2007. A semântica e a pragmática na compreensão das oposições Present Perfect x Past Simple do inglês e Pretérito Perfecto x Pretérito Indefinido do espanhol. *Tese de Doutorado inédita, USP*.
- FRANÇA, A. & M. LEMLE. 2006. Arbitrariedade Saussureana em Foco. *Revista Letras*, Curitiba, Paraná, v. 69, n. Maio/Ago, p. 31-64
- FLYNN, S. 1996. A parameter-setting approach to second language acquisition. In: W. RITCHIE & T. BATHIA (eds.) *Handbook of language acquisition*. San Diego: Academic Press. 121-158.
- FLYNN, S. & G. MARTOHARDJONO. 1994. Mapping from the initial state to the final state: the separation of universal principles and language-specific principles. In: B. LUST et alli (eds.) *Syntactic theory and second language acquisition: cross-linguistic perspectives*. Vol. 1: *Head, projections and learnability*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum. 319-335.
- GANCEDO ÁLVAREZ, M.A. 2002. *La oblicuidad*. Construções de dativos na interlíngua de estudantes brasileiros de espanhol. *Dissertação de Mestrado, USP*.

- _____. 2006. Algunas regularidades em la variabilidad de la interlengua. In: BARROS, L, el alli (orgs.). *Hispanismo 2004*. Florianópolis, UFSC/ABH.
- GARCÍA MIGUEL, J. M. 1985. La voz media en español. Las construcciones pronominales con verbos transitivos, *Verba* 12. 307-343.
- GONÇALVES, P. 2006. Falsos sucesos no processamento do *input* na aquisição de L2: papel da ambigüidade na gênese do português de Moçambique. *Revista da Abralín* 4 (vol.1-2). 47-74.
- GONZÁLEZ, N. 1994. Cadê o pronome? – O gato comeu. Os pronomes pessoais na aquisição/aprendizagem do espanhol por brasileiros adultos. Tese de Doutorado Inédita, USP.
- _____. 1998. Pero ¿qué gramática es ésta? Los sujetos pronominales y los clíticos en la interlengua de brasileños adultos aprendices de español/LE. *Rilce* 14.2 243-263.
- GUASTI, M.T. 2002. *Language acquisition: the growth of grammar*. Cambridge, MA: MIT Press.
- HALLE, M. & A. MARANTZ. 1993. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: K. HALE & S.J. KEYSER (eds.) *The View from Building 20*. Cambridge, MA: The MIT Press. 111-176.
- HARLEY, H. 2006. On the causative construction. *Ms.* University of Arizona.
- HARLEY, H. & R. NOYER. 1999. Distributed Morfology. *GLOT International* 4:4. 3-9
- HORNSTEIN, N. 1999. Movement and Control. *Linguistic Inquiry* 69-96.
- ILARI, R. 1996. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para a análise. In: A.T. CASTILHO, M. BASÍLIO (orgs.) *Gramática do português falado* (v.4: Estudos Descritivos). Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: FAPESP: 79-168.
- JACKENDOFF, R. 1990. *Semantic Structures*. Cambridge (Mass): The MIT Press.
- KEMMER, R. 1994. Middle voice, transitivity and the elaboration of events. In: B. FOX, P. J. HOPPER (eds.) *Voice: form and function*. Amsteram/Philadelphia: John Benjamins: 179-230.
- KRATZER, A. 1994. The event arguments and the semantics of voice. *Ms. University of Massachusetts, Amherst*.

- _____. 1996. Severing the External Argument from its Verb. In: J. ROORYCK and L. ZARING (eds.). *Phrase Structure and the Lexicon*. Dordrecht: Kluwer. 109-137.
- _____. 2000. Building staves. *Proceedings of the 26th annual meeting of the Berkeley Linguistics Society*.
- LADO, R. 1957. *Linguistics Across Cultures: Applied Linguistics for Language Teachers*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- LARDIÈRE, D. 2005. [On morphological competence](#). In: L. Dekydtspotter, R. A. Sprouse, & A. Liljestr nd (eds.) *Proceedings of the 7th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2004)*. Somerville, MA: Cascadilla, 2005.
- _____. 2007. [Feature-assembly in second language acquisition](#). In: J. Liceras, H. Zobl, & H. Goodluck (eds.). *The role of formal features in second language acquisition*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- LARSON, R. K. 1988. On the double object construction. *Linguistic Inquiry* 19. 335-391
- LEMLE, M. 2002. Sufixos em verbos: onde estão e o que fazem. Ms. UFRJ.
- LEUNG, Y. 2001. The initial state of L3A: full transfer and failed features? In: X. BONCH-BRUEVICH et al (eds.) *The past, present and future of second language research: selected proceedings of SRLF 2000*. Somerville, MA: Cascadilla Press.
- LEVIN, B. & M. RAPPAPORT HOVAV. 1995. *Unaccusativity an the syntax-lexical semantics interface*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- LICERAS, J. 1996. La adquisición de las lenguas segundas y la Gramática Universal. Madrid: S ntesis.
- _____. 1997. The now and then of L2 growing pains. Views of acquisition and use of a second language. In: L. DÍAZ & C. PÉREZ (eds.). *EUROSLA'97 proceedings*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra.
- _____. 2003. Monosyllabic place holders in early child language and the L1/L2 'fundamental difference hypothesis'. In: P. KEMPCHINSKY & C.L. PI  NEIROS (eds.). *Theory, practice and acquisition. Papers from the 6th Hispanic linguistics Symposium and the 5th Conference on the acquisition of Spanish and Portuguese*. Somerville, Mass.: Cascadilla Press.

- _____. 2005. Spanish L1/L2 Crossroads. Can we get “there” from “here”? In: A. PÉREZ-LEROUX & Y. ROBERGE (eds.). *Romance Linguistics: theory and acquisition*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- LICERAS, J. & L. DÍAZ. 2000. La teoría chomskiana y la adquisición de la gramática no nativa: a la búsqueda de desencadenantes. In: C. MUÑOZ (ed.) *Segundas Lenguas. Adquisición en el aula*. Madrid: Ariel Lingüística.
- LIEBERMAN, D. 2006. Efectos de sentido de *quedar(se)* en la interlengua de brasileños aprendices de español, trabajo inédito: Universidad de Buenos Aires.
- LIGHTFOOT, D. 1999. *The development of language. Acquisition, change and evolution*. Oxford: Blackwell.
- LYONS, J. 1977. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MARANTZ, A. 1997. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. *Proceedings of the 21st Penn Linguistics Colloquium*.
- _____. 2001. Words. Paper presented at the West Coast Conference of Formal Linguistics, UCLA.
- MARÍN GÁLVEZ, R. 2000. El componente aspectual de la predicación. *Tese de Doutoramento inédita. Universitat Autònoma de Barcelona*.
- MATEU, J. 2002. Argument structure: relational construal at the syntax-semantics interface. *Tese de doutorado inédita. Universitat Autònoma de Barcelona*.
- McGINNIS, M. 2000. Event heads and the distribution of psycho-roots. In *Current Work in Linguistics*, ed. Alexander Williams & Elsi Kaiser. [Penn Working Papers in Linguistics](#) 6.3, 107-144. Department of Linguistics, University of Pennsylvania.
- _____. 2005. On markedness asymmetries in person and number. *Language* 81.3. 699-718.
- MENDES, A. 2002. Uma análise dos verbos psicológicos com base nos dados de um corpus: regularidade, variação e polissemia verbal. *Ms. Universidade de Lisboa*.
- MENDIKOETXEA, A. 1999a. Construcciones inacusativas y pasivas. In: I. BOSQUE & V. DEMONTE: *Gramática Descriptiva de la lengua Española*. Madrid: Espasa Calpe.

- _____. 1999b. Construcciones con se: medias, pasivas e impersonales. In: I. BOSQUE & V. DEMONTE: *Gramática Descriptiva de la lengua Española*. Madrid: Espasa Calpe.
- _____. 2004. En busca de los primitivos léxicos y su realización Sintáctica: del léxico a la sintaxis y viceversa. *Trabajo presentado en la Univ. Autónoma de Barcelona*.
- MICHAELIS, L. 1998. Aspectual grammar and past time referente. London/New York: Routledge.
- MIGUEL, E. 1992. *El aspecto en la sintaxis del español: Perfectividad e impersonalidad*. Univ. Autónoma de Madrid. 1992.
- _____. 1999. El Aspecto Léxico. In: I. BOSQUE & V. DEMONTE: *Gramática Descriptiva de la lengua Española*. Madrid: Espasa Calpe.
- MONTRUL, S. 2004. Subject and object expression in Spanish heritage speakers: a case of morphosyntactic convergence. *Bilingualism: Language and Cognition* 7 (2), 125–142.
- NEMSER, K. 1971 Approximative System of Foreign Language Learners. *IRAL* IX. No.2 pp.115-123.
- NUNES, J. 1995. Ainda o Famigerado SE. *Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, v. 11.2, p. 201-240
- PLATZACK, C. 1996. Null subjects, Weak AGR and Syntactic Differences in Scandinavian. In H. Thráinsson, S. Epstein e S. Peter (eds.). *Studies in Comparative Germanic Syntax*. Dordrecht: Kluwer. 180-196.
- PYLKKANEN, L. 1999. Causation and external arguments. In: L. PYLKKANEN et al (eds.) *Papers from the second Penn/MIT roundtable on argument structure and the lexicon*. MITWPL 35.
- PORROCHE BALLESTEROS, M. 1998. *Ser, estar y verbos de cambio*, Madrid, Arco Libros.
- PROGRAMA DE ESTUDOS DO USO DA LÍNGUA (PEUL). 2003. Amostra Censo. Cd-rom.
- PUSTEJOVSKY, J. 1995. *The Generative Lexicon*, Cambridge, MA: The MIT Press, 1995.

- RAPPAPORT HOVAV, Malka & Beth LEVIN. 1998. Building verb meanings. En: M. BUTT & W. GEUDER (eds.) *The projection of arguments*. Stanford: CSLI Publications.
- REAL ACADEMIA DE LA LENGUA ESPAÑOLA. Corpus de Referencia de Español Actual (CREA). Disponível online: www.crea.rae.es.
- REINHART, T. & E. REULAND. 1993. Reflexivity. *Linguistic Inquiry* 24 (4). 657-720.
- REINHART, T. & T. SILONI. 2004. Against an unaccusative Treatment of reflexives. En: A. ALEXIADOU et al. (eds). *The unaccusativity puzzle*. Oxford: Oxford University Press.
- SAMPER PADILLA, J.A . et alli (orgs.). 1998. Macrocorpus de la norma lingüística culta de las principales ciudades del mundo hispánico. Las Palmas de Gran Canaria: Universidad de Las Palmas de Gran Canaria: Asociación de Lingüística y Filología de la América Latina, D.L. Cd-rom.
- SCARPA, E. 2002. Aquisição, afasia e a hierarquia prosódica. *Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, SP*, v. 41, p. 61-76.
- SCHER, A. 2004. As construções com o verbo leve *dar* e nominalizações em –ada no português do Brasil. Tese de Doutorado Inédita. UNICAMP.
- SCHWARTZ, B. & R. SPROUSE. 1994. Word order and nominative case in nonnative language acquisition: a longitudinal study of (L1 Turkish) German interlanguage. In: T. HOEKSTRA & B. D. SCHWARTZ (eds.). *Language acquisition studies in generative grammar*. Amsterdam: John Benjamins.
- SECO, M. 1989. Manual de gramática española. Buenos Aires: Aguilar.
- SELINKER, L. 1972. Interlanguage. In: *IRAL* Vol.10 No. 3. 209-231.
- SERRANI-INFANTE, S. 2001. Resonancias Discursivas y cortesía en prácticas de lecto-escritura. *DELTA - Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, São Paulo*, p. 31-58.
- TAIBO, M. s/d. Las construcciones com se em uma muestra del corpus de referencia del español actual (CREA). *Tesis Doctoral*. Universidad de la República, Uruguay (disponible *online*).
- VAINIKKA, A. & M. YOUNG-SCHOLTEN. 1994. Direct access to X' Theory: evidence from Korean and Turkish adults learning German. In: T. HOEKSTRA & B. D. SCHWARTZ (eds.). *Language acquisition studies in generative grammar*. Amsterdam: John Benjamins.

- VANHOE, H. 2002. Aspectos de la sintaxis de los verbos psicológicos en español: un análisis léxico funcional. Ph.D. Thesis, Universiteit Gent.
- VENDLER, Z. 1967. *Linguistics in Philosophy*. Ithaca, Cornell University Press.
- VERCILO, J. 2003. Monalisa. Álbum: Livre. Rio de Janeiro: Som Livre.
- WHITE, L. et al. 1999. Psych-verbs in second language acquisition. In: G. MARTOHARDJONO & E. KLEIN (eds.). *The development of second language grammars: a generative approach*. Amsterdam: John Benjamins.
- WHITE, L. 2003. *Universal grammar and second language acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press.

Apêndices

Questões do teste de produção aplicado aos brasileiros falantes de interlíngua estável. As sentenças aparecem tal como foram projetadas na tela. As experimentais aparecem em **negrito**.

1. O pneu do carro furou.
2. Não tomei banho porque a água estava fria.
4. O cachorro do vizinho acostumou a comer aqui em casa.
5. Minha mulher não sabe fazer comida.
6. A Clara sempre senta do meu lado na aula.

8. O João sabe que a mulher dele mente.
10. O prefeito da cidade morreu.
12. Pelo cheiro a gente descobriu que o arroz tinha queimado.
13. Me dá a vassoura, que eu vou consertar.
15. A gente vai ao cinema, eu, Mercedes e João.
16. A porta bateu com o vento.
18. Meu pé ta doendo.

20. A garrafa quebrou dentro do congelador.

21. Um carro bateu no poste hoje de madrugada aqui na rua.

22. O dinheiro caiu do bolso do cara.

23. A Isaura levantou de repente e xingou a professora.

Amostra das folhas constantes de parte do bloco individual de respostas:

1. El <u>pneumático</u> del coche _____.
2. No _____ porque el agua estaba fría.
3. Ana _____ cuando alguien habla más fuerte que ella en clase.
4. El perro del vecino _____ a comer en casa.
5. Mi mujer no sabe _____.
6. Clara siempre _____ a mi lado en clase.
7. Cuando le quitaron los restos de placenta, _____ inmediatamente
8. Juan sabe que su mujer _____.
9. Sergio _____ durante la charla.

Cada quadro corresponde a uma folha; as folhas eram recortadas e grampeadas para formar o bloco, com um total de 24 sentenças.

Teste visando buscar a representação lingüística das CME do espanhol na Gramática mental dos brasileiros falantes de interlíngua estável. As sentenças são apresentadas na ordem em que foram projetadas com o *DataShow*. Destas, as experimentais aparecem em negrito.

2. Mi hija está con quince años.

3. Un coche pegó en el poste de la luz esta madrugada.

4. No me bañé porque el agua estaba fría.

7. Ahora que estoy con dinero, sólo voy a andar en coche.

9. Clara se sienta siempre a mi lado en clase.

10. Juan se comió dulce de melocotón.

12. Todos se quedaron con 'A' o 'B' en la escuela. ¡Todos aprobados!

13. Con el problema, el ministro de defensa fue convocado.

15. Si veo a esa mujer, me enfermo inmediatamente.
16. Dame la escoba que voy a arreglar ahora mismo.
17. ¿Cuánto tiempo, eh? Tu hijo ya se quedó un hombre.
18. Salen por ahí haciendo chisme de todo el vecindario.
19. Dice que está con diarrea y no puede venir.
20. Después del jaleo mi pobre tía se quedó sintiendo malestar.
21. Ese coche viejo, lo voy a vender.

23. El dinero se cayó del bolsillo del tipo.
24. Como te veo viajar tanto, me quedo con ganas de salir por el mundo.
25. Quedamos en lo de tu madre, ¿no lo recuerdas?
26. La puerta se cerró con el viento.
27. Juan sabe que su mujer miente.
28. Uno hablaba en la sala y sólo después nos dimos cuenta de que el arroz se había pegado.
29. Murió el alcalde de la ciudad.
30. Antes del examen, me desesperé y tuve que tomar una pastilla.

31. Se invitó a un representante de cada provincia a la conferencia.

32. Estos libros no se limpian nunca.

33. Hablemos con papá que está con una cara...

35. La botella explotó dentro del congelador.

37. Corren los atletas.

38. Vamos al cine: yo, Mercedes y Juan.

39. Mi pie duele.

41. Mi mujer no sabe hacer comida.

42. Se fue la luz.

43. Ya fueron enviadas todas las invitaciones para la boda.

44. Yo recuerdo de cada detalle de la obra.

46. Las camisetas del Che fueron vendidas a 10 pesos cada una.

47. Se desarmó el juego porque era hora de la comida.

Resultados detalhados:

Resultados individuais de todas as sentenças experimentais.

A. Sentenças na configuração [*quedar(se)+predicativo*].

A.1. Sentenças consideradas inaceitáveis pelo grupo de controle:

Resultados:

Brasileiros: aceitável

-2	2
-1	2
+1	5
+2	4

Grupo de controle: inaceitável

-2	-
-1	6
+1	3
+2	-

Resultados:

Brasileiros: aceitável

-2	-
-1	1
+1	4
+2	8

Grupo de controle: inaceitável

-2	6
-1	3
+1	-
+2	-

Resultados:

Brasileiros: aceitável

-2	1
-1	3
+1	5
+2	4

Grupo de controle: inaceitável

-2	3
----	---

-1	4
+1	2
+2	-

Resultados:

Brasileiros: inaceitável (predominância:-1)

-2	3
-1	5
+1	1
+2	4

Grupo de controle: inaceitável (predominância: -2)

-2	4
-1	3
+1	1
+2	1

Resultados:

Brasileiros: aceitável

-2	1
----	---

-1	1
+1	2
+2	9

Grupo de controle: inaceitável

-2	2
-1	5
+1	2
+2	-

Resultados:

Brasileiros: aceitável

-2	1
-1	3
+1	3
+2	6

Grupo de controle: inaceitável

-2	5
-1	4
+1	-

+2	-
----	---

A.2. Sentenças consideradas aceitáveis pelo grupo de controle:

Resultados:

Brasileiros: aceitável (predominância: +2)

-2	2
-1	1
+1	2
+2	8

Grupo de controle: aceitável (predominância: +2)

-2	1
-1	1
+1	2
+2	5

Resultados:

Brasileiros: aceitável (predominância: +2)

-2	2
-1	2
+1	3
+2	7

Grupo de controle: aceitável (predominância: +1)

-2	-
-1	1
+1	5
+2	3

Resultados:

Brasileiros: aceitável (não houve predominância)

-2	4
-1	1
+1	4
+2	4

Grupo de controle: aceitável (predominância: +2)

-2	1
-1	-
+1	3
+2	5

Resultados:

Brasileiros: aceitável (predominância: +2)

-2	-
-1	-
+1	6
+2	7

Grupo de controle: aceitável (predominância: +1)

-2	-
-1	1
+1	4
+2	3

Resultados:

Brasileiros: aceitável (predominância: +2)

-2	-
-1	1
+1	5
+2	7

Grupo de controle: aceitável (predominância: +1)

-2	2
-1	2
+1	4
+2	1

B. Sentenças na configuração [*quedar(se) con*+predicativo]:

Resultados:

Brasileiros: aceitável

-2	1
----	---

-1	3
+1	6
+2	3

Grupo de controle: inaceitável

-2	4
-1	3
+1	2
+2	-

1

Resultados:

Brasileiros: aceitável

-2	-
-1	1
+1	5
+2	7

Grupo de controle: inaceitável

-2	9
----	---

-1	-
+1	-
+2	-

Gabarito: -2

Resultados:

Brasileiros:

-2	2
-1	4
+1	2
+2	5

Grupo de controle: inaceitável

-2	8
-1	1
+1	-
+2	-

Resultados:

Brasileiros: aceitável

-2	4
-1	3
+1	1
+2	6

Grupo de controle: inaceitável

-2	3
-1	4
+1	2
+2	-

Resultados:

Brasileiros: aceitável (predominância: +2)

-2	2
-1	3

+1	3
+2	5

Grupo de controle: aceitável (predominância: +1)

-2	1
-1	1
+1	4
+2	3

Pontuação: Grau de aceitabilidade da sentença

Inaceitável > pouco aceitável > algo aceitável > totalmente aceitável

1.	-2	-1	+1	+2	25.	-2	-1	+1	+2
2.	-2	-1	+1	+2	26.	-2	-1	+1	+2
3.	-2	-1	+1	+2	27.	-2	-1	+1	+2
4.	-2	-1	+1	+2	28.	-2	-1	+1	+2
5.	-2	-1	+1	+2	29.	-2	-1	+1	+2
6.	-2	-1	+1	+2	30.	-2	-1	+1	+2
7.	-2	-1	+1	+2	31.	-2	-1	+1	+2
8.	-2	-1	+1	+2	32.	-2	-1	+1	+2
9.	-2	-1	+1	+2	33.	-2	-1	+1	+2
10.	-2	-1	+1	+2	34.	-2	-1	+1	+2
11.	-2	-1	+1	+2	35.	-2	-1	+1	+2
12.	-2	-1	+1	+2	36.	-2	-1	+1	+2
13.	-2	-1	+1	+2	37.	-2	-1	+1	+2
14.	-2	-1	+1	+2	38.	-2	-1	+1	+2
15.	-2	-1	+1	+2	39.	-2	-1	+1	+2
16.	-2	-1	+1	+2	40.	-2	-1	+1	+2
17.	-2	-1	+1	+2	41.	-2	-1	+1	+2
18.	-2	-1	+1	+2	42.	-2	-1	+1	+2
19.	-2	-1	+1	+2	43.	-2	-1	+1	+2
20.	-2	-1	+1	+2	44.	-2	-1	+1	+2
21.	-2	-1	+1	+2	45.	-2	-1	+1	+2
22.	-2	-1	+1	+2	46.	-2	-1	+1	+2
23.	-2	-1	+1	+2	47.	-2	-1	+1	+2
24.	-2	-1	+1	+2	48.	-2	-1	+1	+2

Ocorrências de construções *impessoais de participio* encontradas no Google.

a)

1. Música Monalisa, de Jorge Vercilo, Composição: Jorge Vercilo

É incrível
Nada desvia o destino
Hoje tudo faz sentido
E ainda há tanto a aprender
E a vida tão generosa comigo
Veio de amigo a amigo
Me apresentar a você

Paralisa com seu olhar
Monalisa
Seu quase rir ilumina
Tudo ao redor minha vida
Ai de mim, me conduza
Junto a você ou me usa
Pro seu prazer, me fascina
Deusa com ar de menina

Não se prenda
A sentimentos antigos
Tudo que
Me preparou pra você
Não se ofenda
Com meus amores de antes
Todos tornaram-se ponte
Pra que eu chegasse a você

Paralisa com seu olhar
Monalisa
Seu quase rir ilumina
Tudo ao redor, minha vida
Ai de mim, me conduza
Junto a você ou me usa
Pro seu prazer, me fascina
Deusa com ar de menina

Paralisa com seu olhar
Monalisa
E ao quase rir ilumina
Tudo ao redor, minha vida
Ai de mim, me conduza
Junto a você ou me usa
Pro seu prazer, me fascina
Deusa com ar de menina

Me fascina
Deusa com ar de menina

2. Fórum do Yahoo

Amo muito a banda RBD, Tenho 19 anos e me orgulho muito....amo eles...vou no show em SP sozinha, se alguem for tbm pode deixar o msn.Bjuss

Resposta de Wenus:

acho que ser rebelde ã é fazer tudo o que quer, tem que haver limites sim. mas tmb tem que aproveitar ,desafiar mais. só ã prejudicar quem ã tem nada haver. mas fazer muitas coisas que muitos gostariam de fazer, e tem vergonha de serem taxados. é tentar, é ir em busca . é viver um pouco mais alem do que ã

6 meses atrás - [Denuncie aqui](#)

3. Documento da UFRGS – Depto de psicologia.

somente o que , mas principalmente o que se passou por nós e não foi. conscientizado. Em nossas experiências atualizamos ínfimas possibilidades

www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000539838&loc=2006&l=b1fa442e90f3aacd - [Páginas Semelhantes](#)

No lugar de “se disse” ou “foi dito”

1. “logo no início alguns problemas relacionados ao turismo, como a exploração sexual de diversas formas e também solução dos tais através das...”
(www.youthdesti-nations.net/INTERNET/accountsOzelias_PG.htm)

2. “Já que as mulheres fisiculturistas são esculturas de arte vivas”
(pt.wikipedia.org/wiki/Fisiculturismo_feminino)

3. “ que ali todo homem nascia sujeito ao pai ou ao chefe da família,, e que a sujeição de um filho ao pai não lhe tirava a liberdade de unir-se à
(www.cchla.ufpb.br/caos/fernandaf Franca.pdf)

4. “Gosto de entrar em tudo quanto é blogue de cinema todo dia e ler o que , mas eu mesmo não consigo exercer esse trabalho "crítico" por lá”
(filmesdochico.blogspot.com/2005/09/gosto-dos-outros-guilherme-martins-os.html)

5. “Muito do que , hoje me parece frase feita. Minha análise agora, baseia-se em desconstruir o texto e observar pacientemente as entrelinhas.”

(www.manuelalves.wordpress.com)

6. “pois o quanto a carne é triste, arde em perfume o espírito da rosa e é mais belo o que só no sonho existe. Clássica na forma, com sugestões...”
(www.revista.agulha.nom.br/ande4.html)

7. “Mas sob uma visão política do que se ocorreu, muito e especulado mas acho que uma frase traduziu realmente o que se passou...”
(www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/010911_forum.shtml)

8. “O Brasil é uma merda, mas é bom” (não nessa ordem). É bom viver aqui, mas nosso sonho é ter esse tipo de história prá contar made in terrinha.”
(blogiana.blogspot.com/)

9. “Já que, para conseguir essa 'autenticidade', o diretor fez questão de algumas atitudes: ambientação real, elenco de apoio constituído por
(oglobo.globo.com/blogs/paralelos/post.asp?cod_Post=13605)

10. “So fica aqui uma dúvida em relação a ela, para as outras provincias tudo o que é válido? Por exemplo, nos não sabemos exatamente pra onde vamos...”
(www.kakalo.com/blog/2005/04/podcasting_palestra_quebec.asp)

11. “Se ao que

3. “Ah...e tbm....jah ...q as pessoas que iram morrer....sao aquelas q compram pelo preço errado....e n aquelas q vendem
forums.tibiabr.com/showthread.php?t=48712)
4. “Chuck Norris é, como já , uma figurinha de Hollywood, por mais que ainda assim luta muito bem... Bruce inventou um golpe que era capaz de
forum.cifraclub.terra.com.br/forum/11/150174/)
5. “Quando houve a explosão do e-mail marketing a alguns anos atrás, poucas foram as empresas que apostaram naquele momento, muito sobre a ética
www.smartmidia.com.br/artigos/guerradoemail.htm)
6. “Um pouco de tudo que e passado em vídeo. O que você mudaria? Nada, talvez um aquário marinho para vermos de perto as espécies mais comuns.
www.maniadebicho.com.br/revista/eventos_marinho_2006.htm)
7. “Muito já se sabe, e já sobre drogas, qualquer criança por menor que seja, se tem a idéia ruim sobre as drogas, que deve se manter longe delas”
(wordsinthewind.weblogger.terra.com.br/)
8. “Um atentado contra golpe contra tudo que já , jurado, esperado e prometido como solução Um atentado contra golpe contra tudo que já se foi um...”
(furto.letras.terra.com.br/letras/209345/)
9. “Além do que já Vai mais uma dika: Cadastro em sites de buscas (relevantes principalmente) como Dmoz.org, Yahoo.com.br, Aonde.com, Aonde.com.br”
(forum.wmonline.com.br/index.php?showtopic=111534)
10. “Tendo-se sentado confortavelmente como já , o ar viciado dos pulmões deve ser exalado lentamente pela boca, que deve ser fechada em seguida.”
(www.geocities.com/callceb/MedBud.html)
11. “Muito sobre esse piloto, principalmente após vencer a GP2 ano passado. Confesso que fiquei apreensivo para ver o inglês em sua primeira...”
(www.mentiraselorotas.blogspot.com/)
12. “Tudo que ja nao serviu de porra nenhuma????? Lucifer nao voltou, xuxu tambem nao... cade??? irão voltar se a coisa continuar do mesmo jeito?

www.gododin.com.br/viewtopic.php?p=2064&sid=c88c68fd3361fd70ed61726ea3ade90d

Com sentido de se mostrou/ foi mostrado.

1. “Entretanto, o que nas apresentações e testes se assemelha bastante ao título do PS2, com gráficos de alta-definição, mas sem grandes www.playstation.com.br/jogos/preview/153-gran_turismo_hd.htm)

2. “ pela inquietação na maneira de expressar-se, ou pela inquietação do que se está mostrando, ou ainda pela inquietação gerada pelo que

”
(www.santanafm.com.br/diario/noticias/18/festival_cinema_de_tiradentes.shtml)

3. “ceados estáveis, no capítulo 3 que o melhor desempenho nesse tipo de ambiente é obtido quando não se realiza o balanceamento de carga”

(www.verlab.dcc.ufmg.br/projetos/chaimo/artigos/tese.ps.gz)

4. “Comentário:, "Ate o momento a negociacao foi boa, imediata e correspondente ao que ..." Comprador:, MARKOISAAC (8) · 3 e 9, Mirage Holograma

www.mercadolivre.com.br/jm/profile?id=76063687)

Com sentido de “realizou-se”.

“Por outro lado, a casa Cavalcanti revela as qualidades e os defeitos do livro norteamericano: um esforço tremendo para levar o fotógrafo a

www.arcoweb.com.br/debate/debate93.asp)

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)